

**SETEMBRO
2021**

RELATÓRIO TEXTUAL CATOLICISMO E O CUIDADO COM A CRIAÇÃO

Iniciativa Inter-religiosa pelas Florestas Tropicais

Suzana Regina Moreira

ÍNDICE

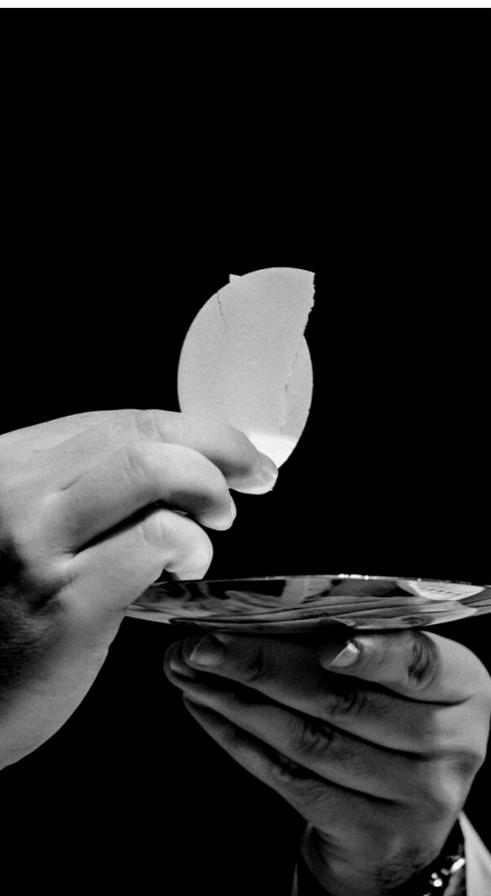
1. Apresentação
2. Fundamentos do catolicismo sobre o cuidado com a criação
 - 2.1 Ensinaamentos da tradição da Igreja
 - 2.2 Ensinaamentos dos últimos Papas
 - 2.3 Ensinaamentos do Magistério da Igreja
 - 2.4 Exemplos de santos e santas
3. Recomendações para aproximação dos católicos com a temática socioambiental
 - 3.1 Propostas de estudos bíblicos e pregações
 - 3.2 Frases de santos e santas para redes sociais ou blogs
 - 3.3 Orações
 - 3.4 Dicas extras
4. Possíveis próximos passos para a Iniciativa Inter-religiosa pelas Florestas Tropicais
5. Referências
6. Referências adicionais

1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório é uma síntese dos fundamentos do catolicismo sobre o cuidado com a criação. Tem como objetivo apresentar os principais referenciais da doutrina e tradição católicas assim como exemplos de pessoas na história da Igreja com o enfoque na temática da criação. Devido à vastidão de fontes e referências, milênios de tradição, complexidade da diversidade católica nos dias de hoje, esta síntese não busca exaurir o conteúdo os fundamentos da Igreja Católica sobre o cuidado com a criação, mas apresentar bases sólidas para sua compreensão.

A Igreja Católica possui uma imensa diversidade de grupos, movimentos, congregações, conferências episcopais, linhas de pensamento e de espiritualidade. Tudo isso pode ser enriquecedor quando vivido no espírito de unidade na pluralidade, ou extremamente desafiador quando vivido no espírito de apologia sobre o que especificamente significa ser católico. Ao final faremos algumas pontuações sobre essa questão no que diz respeito à estratégia de aproximação da comunidade católica com o cuidado da criação.

Daremos início ao relatório com a tradição desde os Padres da Igreja, que tanto determinaram a maneira como ainda se interpreta as Escrituras hoje e que já evidenciam algumas problemáticas do dualismo entre matéria e espírito, que leva ao desprezo ou descaso de muitos católicos hoje em dia a não reconhecerem a natureza como algo central para a fé e prática católicas. Há extrema importância no tipo de interpretação que é feita sobre a criação no livro do Gênesis pois influencia a cosmovisão antropológica: podendo ser dualista com desprezo pela matéria e inferiorização do mundo, ou integralista com reconhecimento do valor da matéria e do mundo como sinais do dom criador e criativo de Deus.



É importante ressaltar que a relação dos fiéis católicos com a Bíblia tem uma particularidade diferente das demais denominações cristãs. Isto se dá pelo fato histórico de que durante séculos o acesso à Sagrada Escritura era reservado apenas ao clero. Somente com o Concílio Vaticano II, na década de 60, com a promulgação da Constituição Dogmática Dei Verbum, a Igreja Católica passa a preocupar-se em dar acesso e espaço para que leigos e leigas também lessem e estudassem a Palavra de Deus. A prática católica popular de ler e estudar a Bíblia é, portanto, ainda recente. Por mais que na Teologia e no Magistério haja aprofundamentos extremamente significativos para a hermenêutica e a exegese, no âmbito popular é algo ainda a ser fortalecido.

Dito isto, no Brasil a leitura popular da Bíblia teve um forte movimento graças às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na década de 70 e 80, com uma abordagem bastante social devido às injustiças sofridas pelos fiéis que compunham as CEBs. Há também, contudo, um forte movimento de leitura e estudo da Bíblia por parte do movimento carismático católico, seja pela Renovação Carismática Católica (RCC) seja pelos grupos e comunidades como a Canção Nova e a Comunidade Shalom. Outros grupos de caráter mais conservador, apesar de também valorizarem a leitura bíblica, costumam seguir com a dinâmica de ler e estudar segundo a orientação e interpretação de seus superiores clérigos, vendo assim a leitura pessoal e popular como algo perigoso e em dissonância com a tradição da Igreja – alguns exemplos são a Opus Dei e os Arautos do Evangelho.

Após a apresentação e contextualização da tradição partindo dos Padres da Igreja, veremos também alguns exemplos de doutores e doutoras da Igreja Católica que também contribuem muito para temática da criação. Em seguida faremos um trajeto mais contemporâneo, passando pelos ensinamentos do Papa Francisco e seus três predecessores sobre temas relacionados à criação, depois por alguns ensinamentos e exemplos concretos do Magistério através da Doutrina Social da Igreja, do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral e da Conferência Nacional de Bispos do Brasil, para logo finalizar essa primeira parte sobre o catolicismo com exemplos de santos, santas e eco-mártires que inspiram a caminhada pelo cuidado da criação. A segunda parte é toda dedicada a pontos de reflexão e dicas para serem utilizados no desenvolvimento de recursos para o engajamento da comunidade católica. Por último, comentaremos sobre quais podem ser os próximos passos para o plano de trabalho da Iniciativa Inter-religiosa pelas Florestas Tropicais no Brasil.

2. FUNDAMENTOS DO CATOLICISMO SOBRE O CUIDADO COM A CRIAÇÃO

2.1 Ensinos da tradição da Igreja

Trataremos aqui como “tradição” da Igreja Católica aquilo que diz respeito aos ensinamentos dos Padres da Igreja e dos Doutores e Doutoradas da Igreja Católica. Apesar de existirem também as Madres da Igreja, os estudos e materiais sobre elas ainda é bastante restrito. Aquilo que distingue os Padres dos Doutores da Igreja é o período histórico (os Padres necessariamente são do século I a VII ou VIII, enquanto os Doutores podem ser de séculos posteriores) e a proclamação explícita como “Doutor” ou “Doutora” da Igreja Católica (que pode ser realizada por um Papa ou por um Concílio). Existem alguns Padres que também foram proclamados como Doutores da Igreja. Os Padres da Igreja contribuíram para as formulações da fé nos primeiros séculos, tempos de grandes debates e heresias. Os Doutores e as Doutoradas da fé são aquelas pessoas que se destacam pelo saber notório e rica produção teológica. A lista de Padres da Igreja é bastante extensa e com particularidades entre a tradição ocidental e a oriental, enquanto Doutores e Doutoradas da Igreja são 36 pessoas[1].

Como o material disponível sobre os Padres, os Doutores e as Doutoradas da Igreja é extremamente extenso, destacaremos apenas alguns aspectos que podem ser úteis para uma compreensão geral do valor da criação na reflexão cristã católica desde os primeiros séculos. Muitos de seus desenvolvimentos teológicos remetem especificamente ao tratado da Graça, ou seja, a doutrina da Salvação, partindo de interpretações sobre os relatos da criação no livro do Gênesis à luz do Novo Testamento para a compreensão da noção de pecado, pecado original e a redenção em Jesus Cristo. Dividimos as seguintes seções entre as interpretações dos Padres da Igreja sobre os relatos da criação (separados pela distinção entre os dois primeiros séculos e os seguintes) e logo algumas citações e especificações de Padres, Doutores e Doutoradas que tratam de modo especial sobre a reflexão teológica sobre a criação.

Reinterpretando os relatos da criação à luz da Boa Nova de Jesus Cristo, os Padres da Igreja deram início às reflexões que lançaram as bases para o desenvolvimento da antropologia teológica cristã. Havia uma preocupação

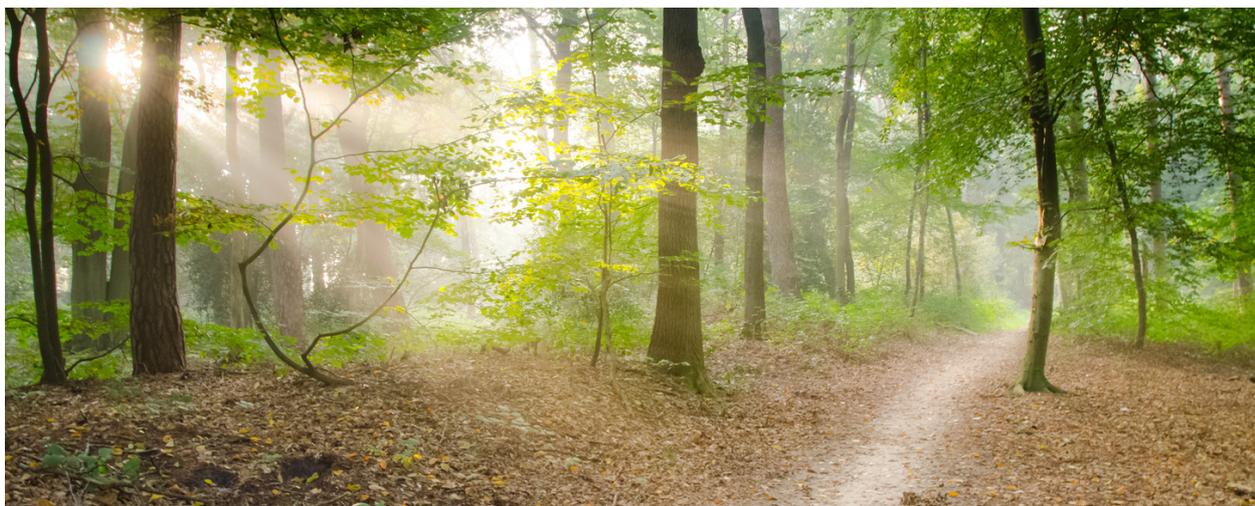
especial por entender e explicar o pecado original, suas consequências e a condição do ser humano desde então. Gn 1,26-27 acabam sendo, então, os versículos mais comentados pelos Padres, pois é a fonte necessária para se entender a condição do pecado em detrimento do plano original do Criador, sendo assim fundamento para a antropologia patrística [2]. Refletir sobre a criação, seja antigamente seja hoje em dia, é sempre refletir a partir de uma cosmovisão antropológica. Por isso é tão necessário ver como se compreende a humanidade, para entender como é compreendida a criação.

Padres da Igreja (séculos I-II)

Com a revelação plena em Jesus Cristo, e próximos ao contexto redacional do Novo Testamento, os Padres da Igreja dos dois primeiros séculos do cristianismo releeram os relatos da criação à luz da Boa Nova, mantendo-se firmes nos princípios cristãos enquanto a fé cada vez mais se espalhava e encarnava em culturas diversas. Os dois primeiros séculos do cristianismo marcaram os primeiros passos da antropologia bíblico-patrística, fundamentada nos ideais cristãos e na busca de um aprofundamento filosófico-teológico.

Ao abordarem a ação criadora de Deus, alguns Padres deixaram de interpretar os relatos em Gn 1,1-3,24 de forma literal, alcançando assim uma compreensão mais plena da mensagem salvífica por detrás desses textos[3]. Orígenes irá afirmar que “no princípio” se refere ao próprio Salvador, e não a um momento histórico temporal[4]. A criação do ser humano, nesse contexto, remete ao Verbo criador, que determina então a imagem segundo a qual o ser humano é criado[5]. Tertuliano, lendo os relatos de Gn 1,1-3,24 em conjunção, afirma que a alma humana veio do sopro de Deus, e não da matéria[6].

Ainda nesta perspectiva, Orígenes distingue dois níveis de corporeidade: soma e sarx, o primeiro é bom e dignificado pela alma que lhe dá vida e que é feita à imagem de Deus, e o segundo remete ao estado de pecado, imagem da realidade terrestre ou do homem velho, como a teologia paulina costuma colocar[7]. É desse segundo nível, o homem velho, que devemos nos desfazer para nos revestirmos de Cristo[8]. A encarnação do Verbo, portanto, confirma a imagem e estabelece a semelhança plena pela assimilação da Palavra visível enquanto homem ao Pai invisível[9].



A vida justa se alcança através do conhecimento, por esta razão no paraíso há duas árvores, uma da vida e outra do conhecimento do bem e do mal¹⁰. Optar pela desobediência, pelo conhecimento desvinculado da vida e do Criador, é a transgressão que abre os olhos dos sentidos e fecha os olhos da razão^[11]. Devido a esta corrupção da carne, são dadas a Adão e Eva as túnicas de pele como sinal de mortalidade, pois o conhecimento desvinculado da Vida leva à morte^[12].

Entender a transgressão é caminho para a penitência do ser humano, e caminho para ir ao encontro com a bondade de Deus que se estende àqueles que se arrependem^[13]. Como sinal de sua misericórdia, envia seu Filho para liberar a humanidade do pecado. Sua coroa é feita de “espinhos e cardos” (cf. Gn 3,18), símbolo do pecado que marcou o sofrimento da terra, mas que com o poder da cruz foi removido^[14].

Padres da Igreja (séculos III-IV)

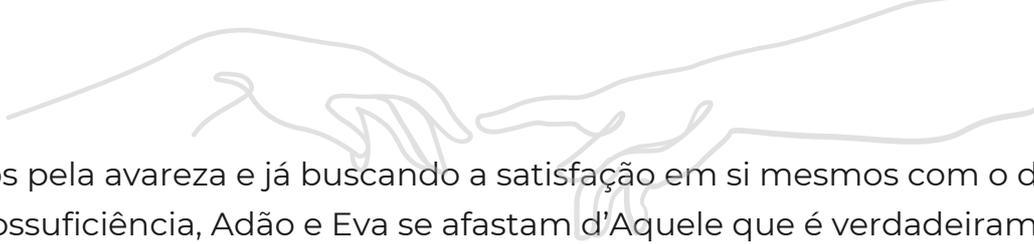
Os Padres da Igreja dos séculos III a IV, ainda interpelados pela Boa Nova para reler o Antigo Testamento, enfrentavam um contexto em que o cristianismo estava mais difundido. Frente a presença marcante do gnosticismo e outras correntes da filosofia helênica, que já estavam presentes na época paulina e dos evangelistas também, os Padres da Igreja se preocupavam em reafirmar a criação divina do ser humano e explicar o sentido do pecado original^[15]. Outra grande preocupação era reafirmar a divindade de Jesus Cristo, através da reafirmação do Pai como criador e o Filho como Verbo pelo qual tudo é criado. Apesar do conceito de integralidade relacional ser da reflexão antropológica atual, a reflexão patrística da época já apontava para este caminho, principalmente pela valorização do ser humano enquanto ser uno em relação com o Criador.

Segundo Agostinho, assim com afirmava Orígenes, “no princípio” se refere a um sentido causal e não temporal[16]. Não é possível saber o “como” do ato criador de Deus, mas é possível reconhecer que o movimento da Sua vontade se torna um fato quando Ele quiser; Sua vontade e intenção se tornam realizadas na natureza, basta o Seu querer[17]. Foi um processo ordenado, subdividido que com a ordem do universo e sua beleza, leva suas criaturas a o amarem[18]. Toda a beleza das coisas visíveis dá uma ideia de que Deus é ainda mais belo[19].

A deliberação divina ao criar o ser humano é sinal da grande honra da humanidade[20]. Há um avanço gradual e ordenado no processo da criação, até chegar ao ser humano[21]. Diante dele foi necessário acrescentar o “muito” ao reconhecimento da criação enquanto “boa”. Sobre isto Agostinho ressalta que toda beleza composta de partes é mais admirável em sua unidade do que separadamente, logo, o valor do ser humano se encontra em meio a toda a criação[22]. Deus cria a humanidade simplesmente porque é bom e tudo é feito não só para o uso humano, mas para que, se deparando com a abundância e riqueza de suas criaturas, o homem reconheça o poder do Criador que criou por amor[23]. Através desta relação humana com a criação, o ser humano é capaz de entender que Deus criou tudo por amor e bondade[24].

A autoridade e o domínio dados ao homem só mostram a estima e o amor infinito de Deus pela humanidade[25]. Assim como Ele dá o poder de domínio sobre todas as coisas, também dá o poder do homem dominar a si mesmo, pois a natureza humana é o meio entre natureza divina e incorpórea e a natureza dos seres irracionais[26]. O amor de Deus pela humanidade infundiu em sua nobre criatura uma alma de natureza racional, manifestando a excelência e a perfeição do ser homem e mulher criados à imagem e semelhança de Deus suma razão e sumo amor[27].

Adão e Eva não precisavam de roupas, porque não estavam sujeitos a seus desejos e paixões; infelizmente a relação íntima ocorre somente após a queda, o que causa o desenvolvimento da bênção nupcial ferida pela supremacia da vontade humana[28]. Refletindo sobre a distorção da vontade do ser humano, Gregório de Nissa afirma que quando a natureza do ser humano é sujeita ao desequilíbrio e paroxismo de paixões desordenadas, encontra as condições de uma vida de paixões, mas quando a natureza se volta à bênção de uma vida emotiva ordenada, não encontra mais as consequências do mal[29].



Levados pela avareza e já buscando a satisfação em si mesmos com o desejo da autossuficiência, Adão e Eva se afastam d'Aquela que é verdadeiramente suficiente para o ser humano tentados pela ideia de serem como deuses (cf. Gn 3,5)[30]. É esta tentação que gera a compressão deturpada sobre o domínio sobre a terra, um senhorio que despreza a natureza e não reconhece seu chamado a cultivar e guardar como é afirmado em Gn 2,15. A estratégia do diabo feriu a razão de Eva, fazendo com que tivesse objetivos além de sua verdadeira capacidade, dando esperanças vazias e depreciação dos privilégios que já tinha[31]. Apesar de não terem sido ambos Adão e Eva enganados pela serpente, ambos pecaram devido à sua unicidade[32]. A rebelião começou na alma de ambos, mas o ser humano integral, uno, cometeu o pecado, e desde então a carne se tornou pecaminosa[33]. Consequentemente, a desobediência foi a causa da morte, tornando o ser humano, assim, escravo de suas paixões numa contínua tensão da carne cobiçando contra o espírito[34]. Diante da problemática da finitude humana, João Damasceno afirma que o matrimônio é criado para que, com a procriação de crianças, se preserve a raça humana diante da morte[35].

As punições revelam as intenções divinas na criação original. A intenção divina ao criar a mulher, foi de criá-la igual ao homem, compartilhando do poder e domínio que o Criador confiou sobre a humanidade, porém devido à transgressão, ela é submetida ao marido, como consequência do abuso de seu status de igualdade[36]. Pelas punições é possível distinguir que o estado original do ser humano era de uma vida sem dor ou dificuldades, em estado de alegria e prosperidade, não sujeito às necessidades do corpo, mas livre delas e experimentando total liberdade; as dificuldades, então, são colocadas para que sob sua pressão sirvam como guia contínua para manter os limites da natureza humana e assim o ser humano reconheça sua formação[37].

É possível reconhecer as influências do dualismo (neo)platônico no pensamento dos Padres da Igreja, mas devido ao uso das categorias platônicas e não devido a uma separação antagônica entre o corpo e a alma[38]. Esta influência dualista se manteve presente ao longo dos séculos na história da Igreja Católica e é um dos aspectos que tanto distancia o reconhecimento do valor da terra e da natureza como algo relacionado ao valor da fé e das coisas divinas.

Padre da Igreja Clemente Romano (35-99 d.C.) Dia de festa: 23 de novembro[39]

Carta aos coríntios:

A harmonia do cosmos

Os céus, que se movem por sua disposição, lhe obedecem harmoniosamente. O dia e a noite realizam o curso que ele estabeleceu, sem tropeçar um no outro. O sol, a lua e os coros dos astros giram harmoniosamente conforme sua ordem e, sem nenhuma transgressão, dentro dos limites que ele determinou. A terra, germinando conforme a vontade dele, produz, nos devidos tempos, abundantíssimo sustento para os homens, as feras e todos os seres que vivem sobre ela, sem nunca se rebelar, nem mudar nada do que por ele foi decretado. Com as mesmas ordens, se mantêm as regiões insondáveis dos abismos e as leis inescrutáveis que regem o mundo subterrâneo. A massa do mar imenso, que na sua criação foi recolhida em seus reservatórios, não ultrapassa os limites traçados, mas age conforme lhe foi ordenado. De fato, ele lhe disse: “Chegarás até aqui, e tuas ondas sobre ti se quebrarão.” O oceano, sem fim para os homens, e os mundos que estão além, são dirigidos pelas mesmas leis do Senhor. As estações da primavera, do verão, do outono e do inverno sucedem-se harmoniosamente uma após a outra. Os reservatórios dos ventos realizam seu trabalho no tempo devido e sem perturbação. As fontes inesgotáveis, criadas para o prazer e a saúde, não cessam de estender aos homens suas mamas portadoras de vida. Os menores animais se reúnem na paz e na concórdia. O grande Criador e Senhor do universo ordenou que todas essas coisas se executem na paz e na concórdia. De fato, ele espalha seus benefícios sobre toda a criação, mas a nós ele os prodigaliza superabundantemente, quando recorremos à sua misericórdia por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. A ele a glória e a majestade pelos séculos dos séculos. Amém

[A ressurreição futura] Figurada na natureza

Caríssimos, vejamos a ressurreição que acontece no tempo marcado. O dia e a noite nos mostram uma ressurreição: a noite se põe, o dia se levanta; o dia se vai, a noite aparece. Tomemos os frutos. Como e em que lugar germina a semente? O semeador saiu e lançou na terra cada uma das sementes. Estas, caindo por terra secas e nuas, se dissolvem; depois, a partir da própria desagregação, a magnífica providência do Senhor as faz ressuscitar, e de uma única semente crescem muitas e produzem fruto.

[A ressurreição futura] Simbolizada pela fênix

Vejamos o estranho sinal que se verifica nas regiões do Oriente, isto é, nas regiões da Arábia. Aí existe um pássaro ao qual dão o nome de fênix. É único na sua espécie, e vive quinhentos anos. Quando está para morrer, faz para si o ninho com incenso, mirra e outras plantas aromáticas, no qual, chegada a hora, entra e aí morre.

Da carne em putrefação nasce um verme que, nutrindo-se com os humores do animal morto, cria asas. Depois, ao adquirir força, pega o ninho onde jazem os ossos de seu antepassado e, carregando-o, vai da região da Arábia para o Egito, até o lugar chamado Heliópolis. De dia, aos olhos de todos, voando até o altar do sol, depõe aí o ninho e a seguir retorna para o lugar de onde veio. Os sacerdotes consultam os anais e constatam que ele chegou ao se completarem quinhentos anos.

Padre da Igreja Inácio de Antioquia (68-100/107 d.C.) Dia de festa: 17 de outubro [40]

Carta aos romanos:

Sou trigo de Deus

Escrevo a todas as Igrejas e anuncio a todos que, de boa vontade, morro por Deus, caso vós não me impeçais de o fazer. Eu vos suplico que não tenhais benevolência inoportuna por mim. Deixai que eu seja pasto das feras, por meio das quais me é concedido alcançar a Deus. Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo. Ao contrário, acaríciai as feras, para que se tornem minha sepultura, e não deixem nada do meu corpo, para que, depois de morto, eu não pese a ninguém. Então eu serei verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo, quando o mundo não vir mais o meu corpo. Suplicai a Cristo por mim, para que eu, com esses meios, seja vítima oferecida a Deus. Não vos dou ordens como Pedro e Paulo; eles eram apóstolos, eu sou um condenado. Eles eram livres, e eu até agora sou um escravo. Contudo, se eu soffro, serei um liberto de Jesus Cristo, e ressurgirei nele como pessoa livre. Acorrentado, aprendo agora a não desejar nada.

Carta de Barnabé [41]

Nova criação

Que lhes diz Moisés, outro profeta? “Eis o que diz o Senhor Deus: Entrai na terra boa, que o Senhor prometeu a Abraão, Isaac e Jacó. Tomai posse dessa terra, onde correm leite e mel.” O que diz a sabedoria? Aprendei: “Ponde

vossa esperança em Jesus, que deve revelar-se a vós na carne.” Com efeito, o homem é terra que sofre, pois é da terra que Adão foi plasmado. Que significa: “Na terra boa, terra onde correm leite e mel”?

Bendito seja nosso Senhor, irmãos, pois ele pôs em nós a sabedoria e o entendimento de seus segredos. Pois o profeta diz: “Quem poderá compreender uma parábola do Senhor, a não ser o sábio que conhece e ama o seu Senhor?”

Depois de nos ter renovado com o perdão dos pecados, ele fez de nós um novo ser, de modo que tenhamos alma de criança, como se ele nos tivesse plasmado novamente. De fato, a Escritura fala a nosso respeito, quando ele diz ao Filho: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que eles dominem sobre os animais da terra, as aves do céu e os peixes do mar.” E, vendo que nós éramos boa criação, o Senhor disse: “Crescei, multiplicai-vos e enchei a terra.” Foi isso que ele disse ao Filho.

Vou agora te mostrar como ele fala de nós. Ele realizou segunda criação nos últimos tempos. O Senhor diz: “Eis que faço as últimas coisas como as primeiras.” Nesse sentido, assim falou o profeta: “Entrai na terra onde correm leite e mel, e dominai-a.” Eis-nos, portanto, criados de novo, conforme o que ele diz ainda por outro profeta: “Eis”, diz o Senhor, “que arrancarei deles” — isto é, daqueles que o Espírito do Senhor via de antemão — “os corações de pedra, e implantarei neles corações de carne.” De fato, é na carne que ele devia manifestar-se e habitar em nós. Com efeito, meus irmãos, nossos corações assim habitados formam um templo santo para o Senhor. E o Senhor diz ainda: “Como me apresentarei diante do Senhor e serei glorificado?” Ele diz: “Celebrar-te-ei na assembléia de meus irmãos e cantarei teus louvores em meio à assembléia dos santos.” Portanto, somos nós que ele fez entrar na terra boa.

E o que significam o “leite” e o “mel”? É porque a criança é nutrida primeiro com o mel e depois com o leite. Igualmente nós, alimentados pela fé na promessa e na palavra, vivemos dominando a terra. Ora, ele tinha dito antes: “Que eles cresçam, se multipliquem e dominem os peixes.” E quem pode hoje dominar as feras, ou os peixes, ou os pássaros do céu? Devemos compreender que dominar implica poder, a fim de que aquele que ordena possa dominar. Se hoje não é assim, ele nos disse o tempo: Quando formos perfeitos para sermos herdeiros da aliança do Senhor.

Profecias do batismo e da cruz

A água

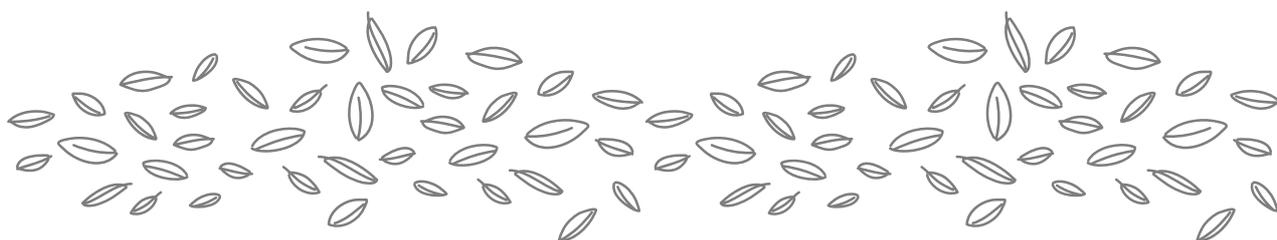
Pesquisemos se o Senhor teve intenção de falar antecipadamente sobre a água e sobre a cruz.

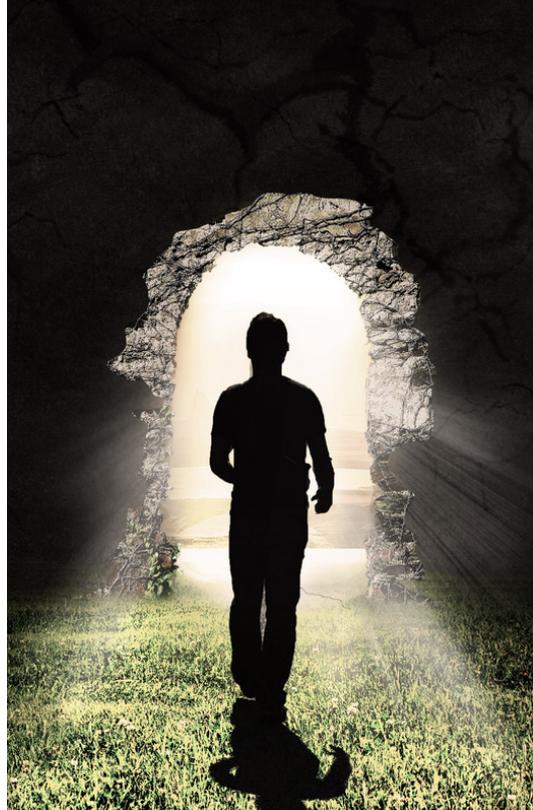
Quanto à água, está escrito que Israel não teria recebido o batismo que leva à remissão dos pecados, mas que eles próprios teriam constituído um. Com efeito, diz o profeta: “Pasma, ó céu, e que a terra trema ainda mais! Pois este povo cometeu mal duplo: eles me abandonaram, a mim que sou a fonte viva da água, e cavaram para si mesmos uma cisterna de morte. Por acaso, o Sinai, minha montanha santa, é rocha deserta? Vós sereis como os passarinhos que voam, quando se lhes tira o ninho.” E o profeta diz ainda: “Eu marcharei à tua frente, aplainarei as montanhas, quebrarei as portas de bronze, despedaçarei as trancas de ferro, e te darei tesouros secretos, escondidos, invisíveis, a fim de que saibam que eu sou o Senhor Deus. Tu habitarás numa caverna alta de rocha sólida, onde a água não falta nunca. Vereis o rei em sua glória e vossa alma meditará no temor do Senhor.”

A água e o madeiro

Ele diz ainda por meio de outro profeta: “Quem assim age, será como a árvore plantada junto à corrente d’água, e que dá seu fruto no tempo certo. Sua folhagem não cairá; e tudo o que ele fizer terá sucesso. Não são assim os ímpios, não são assim. Eles são, antes, como a poeira que o vento espalha na face da terra. É por isso que os ímpios não se levantarão no julgamento, nem os pecadores no conselho dos justos. Pois o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá.”

Notai que ele designa ao mesmo tempo a água e a cruz. Com efeito, ele quer dizer: “Felizes aqueles que, tendo lançado sua esperança na cruz, desceram para a água. Pois ele diz que o salário vem “no tempo certo”. Então, diz ele, eu retribuirei. Mas para hoje, ele diz: “Sua folhagem não cairá.” Isso significa que toda palavra de fé e amor que sair da vossa boca será para muitos causa de conversão e de esperança.





E outro profeta diz ainda: “E a terra de Jacó era celebrada mais do que qualquer outra terra.” Isso quer dizer que ele glorifica o vaso do seu Espírito. O que diz ele a seguir? “Havia um rio que corria, vindo da direita, e árvores esplêndidas hauriam dele seu crescimento. Qualquer pessoa que delas comer, viverá eternamente.” Isso significa que descemos para a água carregados de pecados e poluição, mas subimos dela para dar frutos em nosso coração, tendo no Espírito o temor e a esperança em Jesus. “Quem comer deles viverá eternamente”, quer dizer: quem escutar, quando tais palavras são ditas, e crer nelas, viverá eternamente.

Padre e Doutor da Igreja São Basílio Magno (330-379) Dia de festa: 2 de janeiro [42]

HOMILIA SOBRE A PALAVRA DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS:
“DESTRUIREI MEUS CELEIROS E CONSTRUIREI MAIORES” E SOBRE A
AVAREZA OU O RICO ESTULTO

A generosidade de Deus

Eis quanto provém de Deus: fertilidade do solo, condições atmosféricas propícias, abundância das sementes, a ajuda dos bois e outros elementos que contribuem para o incremento da agricultura. E da parte do homem? Dureza de coração, misantropia e avareza: é dessa maneira que o homem agradece ao próprio benfeitor. Não se recordou da comunhão de natureza,

não pensou que precisava dividir o supérfluo entre os indigentes, não levou em conta o mandamento: “Não negues um benefício ao necessitado” (Pr 3,27). “A caridade e a confiança não te abandonem” (Pr 3,3). “Reparte o pão com o faminto” (Is 58,7). Permaneceu surdo ao grito de todos os profetas e de todos os mestres.

A ORIGEM DO HOMEM

PRIMEIRA HOMILIA: À IMAGEM

14. “Crescei e multiplicai-vos”. “Crescei”, para que a criação não pare num só estádio. “Multiplicai-vos”, pois ela não se destina a um só, mas a muitos. “Enchei a terra”; enchei-a, mas não relativamente à habitação. Viveríamos bem apertados se a terra tivesse apenas o suficiente à nossa moradia. Ao invés, “enchei-a”, pelo poder que Deus vos concedeu de dominar a terra.

“Enchei a terra”; não, porém, a terra tórrida e estéril, ou a gélida e intransitável. A esta, certamente, os homens não a enchem por coação. Deus lhes deu o domínio para enchê-la pela inteligência. Ao verificarmos como é imensa a terra tórrida e inóspita; ao vermos a extensão da região boreal, que o frio excessivo torna inculta e improdutivo, podemos dizer que temos enchido a terra? Não temos escolhido a parte aproveitável, menosprezando a inútil para a manutenção do homem? Deste modo a ordem “Enchei a terra” fez-nos senhores. Se não a utilizamos toda, nem por isso deixamos de ter o domínio sobre ela inteira. Nem se comprares trigo, deixas de ser dono de todo ele, mesmo se uma parte for comestível e a outra for imprestável. Não tiras as pedras, como sendo inúteis? E se outro cisco se misturar aos alimentos, soprando a palha e tirando o joio, não escolherás uma quantidade limpa para o teu sustento? O mesmo sucede com a terra.



A parte melhor é dotada do que convém à moradia; outra parte é a necessária à agricultura, e a última é deixada para pastagem dos quadrúpedes.

Responde-me. Não posso dar-lhe o destino que quiser, visto que, por um dom do Senhor que me criou, tornei-me senhor dela? “Enchei. Eles dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre os animais da terra”. Tal a bênção, o mandamento, a dignidade que Deus nos concedeu.

19. “Dominem os peixes” (Gn 1,26). Deus te concedeu domínio sobre os peixes irracionais; de igual maneira domina as paixões desordenadas. “E dominem sobre as feras” (cf. Gn 1,26). Dominas todas as feras. E, então, existem em mim animais selvagens? Aos milhares. Tens dentro de ti uma turba enorme de feras. Não consideres uma afronta esta palavra. A ira, quando ladra no teu coração, não é mais feroz do que um cão qualquer? A astúcia oculta numa alma pérfida não é mais feroz que o urso das cavernas? A hipocrisia não é uma fera? O injuriador ferino não é um escorpião? Aquele que às ocultas planeja vingança não é pior que uma víbora? O ambicioso não é um lobo rapace? Que espécie de feras não temos em nós? O apaixonado por mulheres não é um cavalo furioso? Diz a Escritura: “São cavalos cevados, cada qual relincha pela mulher de seu próximo” (Jr 5,8). Não declara: “Fala à mulher”, mas: “Relincha”. Foi rebaixado à natureza dos irracionais, por causa da paixão a que se entregou. Muitas, por conseguinte, são as feras que temos em nós. Na verdade, dominas as feras, se tens o domínio sobre as feras de fora, mas deixas reinarem as que tens dentro de ti? Serás deste número se dominas o leão por tua razão e desprezas seu rugido, mas ranges os dentes e soltas sons inarticulados quando a cólera interior procura irromper de uma só vez. Que haverá de pior do que o homem não conseguir manter-se no seu interior, vencido pela paixão, quando a ira expulsa a razão, apossando-se do governo da alma?

Efetivamente, foste criado para mandar. És o senhor das feras, das serpentes, das aves. Não alimentes cogitações no ar, não sejas leviano e instável em teus pensamentos. Foste escolhido para dominar as aves; seria ilógico se prendesses as aves exteriormente, enquanto tu és leviano e instável. Não te enchas de vaidade, e de orgulho, não nutras pensamentos que ultrapassam a natureza humana. Não te envaideças com os louvores, não te glorifiques, não te consideres importante. Do contrário, serás ave instável, de natureza móvel,

levada de cá para lá. Governa teus pensamentos, para te tornares senhor de todas as coisas. Assim, o poder que nos foi dado sobre seres vivos nos prepara para exercermos o domínio sobre nós mesmos. É inconveniente, de fato, governar os povos e ser dominado em sua própria casa, exercer publicamente a direção de uma cidade e dentro estares sob o poder de uma companheira. Importa pôr em ordem a organização de tua casa, e ter disposto em harmonia o teu interior, e depois assumir o governo dos outros. Pois, se em tua casa tens desordem e indisciplina, a expressão: “Médico, cura-te a ti mesmo” (Lc 4,23) será lançada contra ti por aqueles a quem deves governar. Curemo-nos, portanto, primeiro, a nós mesmos.

Ninguém é censurado por não ter capturado um leão. Mas aquele que não contém a ira é ridicularizado por todos. Desta forma, quem não vence a própria paixão, estará sujeito à condenação; ao invés, quem não tiver conseguido capturar animais selvagens, não parece ter cometido ação condenável.

A ORIGEM DO HOMEM

SEGUNDA HOMILIA

6. “Eu vos dou todas as árvores que produzem fruto: isso será vosso alimento” (Gn 1,29). De nada descuide-se a Igreja; tudo é normativo. Deus não disse: “Dou-vos os peixes por alimento, dou-vos os rebanhos, os répteis, os quadrúpedes. Não foi para isso que ele os criou, conforme foi dito. Mas, a primeira legislação concedeu a utilização dos frutos; então éramos ainda considerados dignos do paraíso. E para ti, qual o mistério oculto nesses fatos? Segundo a Escritura, para nós, para os animais selvagens e para as aves, foram destinadas as frutas, as verduras e as ervas. Elas vos servirão de alimento, a vós, e “a todas as feras da terra, a todas as aves do céu” (Gn 1,30). Entretanto, vemos que muitas feras não se nutrem de frutos. Que fruto aceita o leopardo? Qual o fruto que farte o leão? Todavia, esses animais, pela lei da natureza, alimentavam-se de frutos. Ora, depois que o homem mudou de alimentação, e ultrapassou os limites que lhe haviam sido impostos, após o dilúvio, o Senhor, conhecendo a prodigalidade dos homens, permitiu a utilização de todo alimento. “Para alimento, tudo isso eu vos dou, como vos

dei as hortaliças” (Gn 9,3). De acordo com essa permissão, também os outros animais tiveram licença de comer carne. Desde então, pois, o leão é carnívoro, desde então as aves de rapina espreitam os cadáveres. As aves de rapina não espreitavam ainda a terra quando os animais eram criados. Nada ainda morrera do que Deus assinalara ou a que dera existência, para que as aves de rapina pudessem comer. Nem a natureza fizera distinções. Com efeito, era florescente. Nem os caçadores capturavam, pois os homens não tinham ainda este costume. Nem as feras dilaceravam, porque não eram carnívoras. O abutre tem o costume de se alimentar de corpos mortos; não havia mortos, nem cheiro fétido, nem tal era a comida dos abutres. Mas, todos comiam como os cisnes, e todos pastavam da erva dos campos. Vemos, às vezes, os cães mastigarem ervas como remédio, embora não seja esse seu alimento natural; mas isto assim sucede porque os irracionais por instinto natural procuram o que lhes convém; reflete que naquele tempo os animais carnívoros faziam o mesmo. Achavam que a erva era o alimento adequado para eles, e não se atacavam mutuamente.

7. Mas, no final, a restauração de todas as coisas será como era a primitiva origem. O homem, então, voltará ao estado primitivo, renunciando à malícia, a esta vida repleta de preocupações, à escravidão da alma por causa das necessidades da subsistência; tendo renunciado a tudo isso, retorna àquela vida paradisíaca, isenta da escravidão das paixões, livre, na amizade com Deus, semelhante à vida angélica. Entretanto, assim vos falamos, não no intuito de proibir alimentos, cuja utilização Deus vos concedeu, e sim para declararmos feliz a época passada, em que a vida era de certo modo livre de coações, visto que os homens precisavam de muito pouco para seu sustento; e que o pecado foi a causa da adoção de dieta variada. Uma vez que, devido à queda, perdemos as verdadeiras delícias do paraíso, arranjamos alimentos falsificados. Como não olhamos mais para a árvore da vida, nem nos orgulhamos de sua beleza, foi-nos concedido deliciar-nos com o produto do trabalho de cozinheiros e padeiros, com confeitos, aromas, e outras coisas semelhantes, que nos sirvam de consolo acerca do paraíso perdido. De igual modo, quando doença grave abate os enfermos, e eles não podem participar das delícias habituais, os médicos prometem-lhes perfumes e produtos análogos. Visto que perderam a capacidade de usar de alimentos mais

fortes, os que fomentam a sensibilidade destes enfraquecidos, inventam meios adequados à sua fraqueza. No entanto, como agora queremos imitar a vida paradisíaca, evitando comprazermos-nos em fartos alimentos, comportemo-nos de modo tão semelhante quanto possível àquela vida; empreguemos para nossa subsistência, frutos, grãos, produtos de árvores frutíferas; renunciemos a quanto vai além disso, como desnecessário. Também aquilo que o Criador não abomina, nem por isso é desejável, pelo prazer que pode acarretar à carne.

12. “Deus tomou do pó da terra e modelou o homem” (Gn 2,7). Ainda não está perfeitamente acabada a criação do cosmo. A sequência não foi cortada para se incluir a narrativa acerca do homem, mas foi dito: “Deus criou o homem, concluiu sua obra e descansou” (cf. Gn 1,2; 2,2). Após ter dito que ele repousou, informa-nos a Escritura sobre o modo como criou: “Deus tomou do pó da terra” (Gn 2,7). Ao ouvires a referência ao pó da terra, aprende a permanecer impávido. Não julgues o homem pela aparência externa. Por que haverás de te ensoberbeceres? Se surgirem em ti pensamentos que produzem tumores e inchaço em teu coração, recorda a criação, compenetra-te de como foste criado. “Deus tomou do pó da terra e modelou o homem” (Gn 2,7). Como é possível esquecer-te do que és? Tu te esqueces quando te afastas da terra. Se, porém, jamais te apartas da terra, mas continuas conatural a ela, caminhas sobre a terra, repousas sobre ela, és julgado sobre a terra. Em tudo o que fizeres sobre a terra, seja grande ou pequeno, conserva junto de ti o lembrete de tua pequenez. És irascível e violento? De onde te vem a ira? De falta de atenções? Não pudeste aceitar o comentário de tua ascendência humilde? Logo tiveste um assomo de cólera? Excita-te a emulação, para replicares em termos piores que aqueles que ouviste? Abaixa os olhos, e a cólera se acalma.

Contempla a terra e reflete. A Escritura declara que sou de humilde ascendência, que fui plasmado da terra. Alguém falou a meu respeito menos do que mereço pelo que sou; ele não afirmou que saí da terra, mas que sou originário de outro homem. Quanto mais não é merecedor de honra um homem possuidor de uma alma que a terra, que se calca aos pés! Eu, porém, considero a terra antiga como sendo minha mãe; e assim nascer de um escravo não se torna uma ofensa, mas é honroso o fato de ter nascido com uma alma. Quem pensava injuriar-me mais honrou-me involuntariamente do

que me ultrajou. Quanto a mim, contudo, estou ciente de qual é minha natureza, sei o que sou e de onde vim. Desta forma, o fato de lembrar-nos de que saímos da terra não permite à cólera despertar. Seja uma aliada da razão a terra, sempre presente, qual lembrete.

Padre da Igreja Justino mártir (100/114-162/168) Dia de festa: 1 de junho [43]

“Justino consegue emitir um parecer cristão compatível com a medicina e a biologia da sua época para explicar a criação do homem. Ademais, herda do platonismo um sistema cosmológico de observação sobre o mundo e sobre a natureza que se aplica imediatamente à constituição das leis para a cidade e para o bom convívio de todos.”[44] É possível, portanto, identificar uma relação intrínseca entre a construção do bem viver e preservação do bem-estar da natureza, pela sua cosmovisão integral. O tema central de Justino na II Apologia é o plano criador e salvífico de Deus (a economia), manifestado e realizado por Cristo-Lógos. No interior deste plano divino, encontra seu lugar a sabedoria dos antigos filósofos. Sua premissa básica é que a razão humana (lógos) é uma participação do Lógos divino: em cada homem há “uma semente”, esperma do Lógos (fala da semente do Verbo, Logos spermatikus – razão seminal), resultante da ação do “Verbo que dá a semente” (7,3; 13,3).

I APOLOGIA

Liturgia dominical

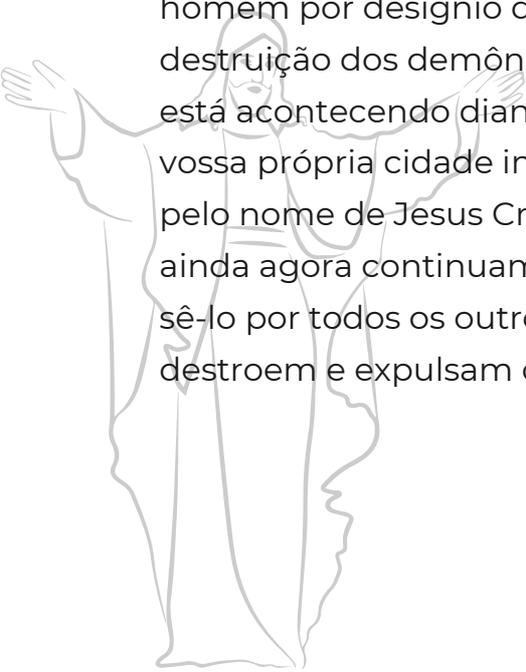
67. Depois dessa primeira iniciação, recordamos constantemente entre nós essas coisas e aqueles de nós que possuem alguma coisa socorrem todos os necessitados e sempre nos ajudamos mutuamente. Por tudo o que comemos, bendizemos sempre ao Criador de todas as coisas, por meio de seu Filho Jesus Cristo e do Espírito Santo. No dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se lêem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: “Amém”. Vem depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de

graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos. Os que possuem alguma coisa e queiram, cada um conforme sua livre vontade, dá o que bem lhe parece, e o que foi recolhido se entrega ao presidente. Ele o distribui a órfãos e viúvas, aos que por necessidade ou outra causa estão necessitados, aos que estão nas prisões, aos forasteiros de passagem, numa palavra, ele se torna o provisor de todos os que se encontram em necessidade. Celebramos essa reunião geral no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos. Com efeito, sabe-se que o crucificaram um dia antes do dia de Saturno e no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do Sol, ele apareceu a seus apóstolos e discípulos, e nos ensinou essas mesmas doutrinas que estamos expondo para vosso exame.

II APOLOGIA

Deus não tem nome

5(6). O Pai do universo, sendo ingênito, não tem nome imposto, pois todo aquele que tem nome supõe outro mais antigo que o tenha imposto. Pai, Deus, Criador, Senhor, Soberano não são propriamente nomes, mas denominações tiradas de seus benefícios e de suas obras. Quanto a seu Filho, o único que propriamente se diz Filho, o Verbo, que está com ele antes das criaturas e é gerado, quando no princípio criou e ordenou por seu meio todas as coisas, chama-se Cristo por sua unção e porque Deus ordenou por seu meio todas as coisas. Nome que também compreende um sentido incognoscível, da mesma maneira que a denominação “deus” não é nome, mas uma concepção ingênita da natureza humana de uma realidade inexplicável. “Jesus”, em troca, é nome de homem que tem a sua própria significação de “salvador”. Sim, com efeito, como já dissemos, o Verbo se fez homem por desígnio de Deus Pai e nasceu para a salvação dos que crêem e destruição dos demônios. Podeis comprová-lo por aquilo que, agora mesmo, está acontecendo diante de vossos olhos. De fato, em todo o mundo e em vossa própria cidade imperial, muitos dos nossos, isto é, cristãos, conjurando pelo nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, curaram e ainda agora continuam curando muitos ende-moninhados que não puderam sê-lo por todos os outros exorcistas, encantadores e feiticeiros. E assim destroem e expulsam os demônios que possuem os homens.



Os cristãos conservam o mundo

6(7). Assim, Deus também adia pôr um fim à confusão e destruição do universo, por causa da semente dos cristãos, recém-espalhada pelo mundo, que ele sabe ser a causa da conservação da natureza. De fato, se assim não fosse, vós não teríeis poder para fazer nada daquilo que fazeis conosco, nem seríeis manejados pelos demônios, como instrumentos de sua ação; mas, descendo o fogo de julgamento, já teria separado tudo sem exceção, do mesmo modo como não deixou vivo ninguém depois do dilúvio, a não ser aquele que nós chamamos Noé, juntamente com os seus, e que vós chamais Deucalião, do qual nasceu de no-vo numerosa multidão de homens, uns maus, outros bons. Com efeito, nós dizemos que acontecerá a conflagração universal, mas não, como dizem os estóicos, por causa da transformação de umas coisas em outras, pois isso nos parece muito torpe. Também não dizemos que os homens agem ou sofrem por necessidade do destino, mas que cada um age bem ou peca por sua livre determinação. Acrescentamos ainda que, por obra dos perversos demônios, homens bons, como Sócrates e outros semelhantes, foram perseguidos e aprisionados, e, ao contrário, Sardanapalo, Epicuro e outros de sua laia viveram, ao que parece, na abundância, glória e felicidade. Não entendendo isso, os estóicos disseram que tudo acontece por necessidade do destino. Mas não é assim. No princípio, Deus criou livres tanto os anjos como o gênero humano e, por isso, receberam com justiça o castigo de seus pecados no fogo eterno. A natureza de tudo o que tem princípio é esta: ser capaz de vício e de virtude, pois ninguém seria digno de louvor se não pudesse também voltar-se para um desses extremos. Demonstram isso aqueles homens que, em todas as partes, legislaram e filosofaram conforme a reta razão, ao mandarem que se façam algumas coisas e se evitem outras. Os próprios filósofos estóicos, em sua doutrina sobre costumes, têm em alta estima esses mesmos princípios. Isso prova que eles não estão no caminho certo na sua metafísica sobre os princípios e o incorpóreo. De fato, ao dizer que tudo o que os homens fazem acontece por necessidade do destino ou que Deus não é outra coisa senão isso que constantemente se muda, se transforma e se dissolve nos mesmos elementos, torna-se patente que têm idéia apenas do corruptível e que Deus, em suas partes e como um todo, se produz em meio a toda maldade ou, por fim, que a virtude e a maldade nada são. Isso choca-se contra toda idéia prudente, contra toda razão e inteligência.

DIÁLOGO DE JUSTINO, FILÓSOFO
E MÁRTIR, COM O JUDEU TRIFÃO

A não necessidade da circuncisão

20. Porque não entendeis a expressão “como as ervas do campo” tal como foi dita por Deus, isto é, que assim como ele criou as ervas para alimentar o homem, da mesma forma lhe deu os animais para comer carne. Pelo fato de que não comemos algumas das ervas, vós concluí que, desde aquele tempo, fora ordenado a Noé fazer uma diferença. Vossa interpretação, porém, não merece nenhum crédito. Em primeiro lugar, eu poderia dizer e afirmar que todo legume é erva que se pode comer, mas não me deterei nisso. A verdade é que se fazemos distinção entre as ervas do campo



e nem de todas elas comemos, isso não se deve ao fato de serem profanas ou impuras, mas ao de serem amargas, venenosas ou espinhosas. Contudo, as que são doces, nutritivas e belas, tanto as nascidas no mar como na terra, essas nós as buscamos com avidez e as comemos. Da mesma forma, Deus ordenou que vos abstivésseis de alimentos impuros, injustos e ilegítimos, porque, mesmo comendo o maná no deserto e vendo todos os prodígios que Deus fazia para vós, fabricastes o bezerro de ouro e o adorastes. É por isso que, com justiça, ele não deixa de gritar: “Filhos insensatos, nos quais não há fidelidade”

Também se preocupa muito em provar a unicidade entre Jesus Cristo e o Pai Criador, refutando a heresia de que houvesse um deus superior ao Criador ou separação ou inferioridade entre o Filho e o Pai.

Doutor da Igreja: Santo Agostinho (354-430) Dia de festa: 28 de agosto

Santo Agostinho se destaca pelo reconhecimento do mistério de Deus contido no mistério da criação. Além de suas próprias experiências pessoais com Deus por meio da contemplação da natureza, também desenvolve sua teologia com enfoque sobre a trindade e a criação, a liberdade humana e o pecado original.

Seu reconhecimento sobre a dignidade do ser de todas as criaturas evidencia o reconhecimento do próprio dom da criação. Há uma reflexão sua em que fala sobre algumas espécies de animais que os seres humanos costumam ver como inconvenientes. Santo Agostinho afirma que “tão forte é essa preferência que, se tivéssemos o poder, nós os aboliríamos totalmente da natureza, seja por ignorância do lugar que ocupam na natureza, ou, embora saibamos disso, sacrificando-os para nossa própria conveniência.” Deste modo, ele adverte contra o egocentrismo em relação à natureza e demonstra como a Igreja Católica há muito trata de cuidar de toda a criação de Deus até mesmo as mais desprezadas criaturas.

Arthur O. Ledoux, professor de filosofia e conferencista do Agostinian Study and Legacy do Merrimack College nos EUA, escreveu sobre o profundo amor de Santo Agostinho pela criação em *A Green Augustine: On Learning to Love Nature Well*: “Para Agostinho, o ideal seria ver a natureza como Deus a vê, sentindo profundamente sua beleza e sua impermanência, amando a natureza sem se apegar a ela,” Ledoux escreveu. “Com essa visão clara viria o amor e a motivação para uma ação sustentada e hábil.”

Doutor da Igreja: Santo Ambrósio (340-397) Dia de festa: 7 de dezembro

“A terra foi criada como um bem comum para todos, para os ricos e para os pobres. Por que então, ó ricos, vocês se arrogam um direito exclusivo sobre o solo? Quando ajudas o pobre, tu, rico, não lhe dás o que é teu, mas lhe restituis o que é dele. De fato, a propriedade comum que foi dada em uso a todos, só tu a usas.



A terra foi dada a todos, e não apenas aos ricos. Portanto, quando ajudas o pobre, tu, rico, não lhe dás o que é teu, mas lhe restituís o que é dele.”[45]

O poder de Deus é um poder criador, afirma Ambrósio, mas a criação não é um ato instantâneo[46]. Por ser feita do próprio homem e não da terra, a criação da mulher revela sua natureza idêntica e a unidade de ambos[47]. Ambrósio reconhece a mulher como a adjuvante perfeita, pois corresponde ao homem e torna possível a procriação, bênção divina[48]. Nesta linha, Ambrósio irá afirmar que assim como a mulher é osso dos ossos e carne da carne do homem, a Igreja é corpo de Cristo[49].

Doutora da Igreja: Santa Hildegarda de Bingen (1098-1179) Dia de festa: 17 de setembro

Apesar de só ter sido canonizada como doutora da Igreja mais recentemente em comparação aos diversos doutores da Igreja (2012 por Bento XVI), os ensinamentos de Santa Hildegarda de Bingen revelam aspectos diversos e complementares àqueles desenvolvidos pelos doutores. Encontramos em seus escritos e em seu exemplo de vida uma noção mais integral da criação em relação com a vivência e prática cristã católica.

Monja beneditina alemã, nasceu como 10ª filha e por isso foi oferecida à Igreja como dízimo com oito anos de idade, sendo que com três anos já tinha começado a ter visões e experiências místicas. Tornou-se abadessa muito jovem, e convenceu o Papa que a permitisse escrever sobre suas visões. Devido ao suicídio de uma monja grávida, Hildegarda ficou extremamente revoltada e foi isso que lhe deu coragem e força para romper com o mosteiro masculino (antes as monjas ficavam em uma ala designada para as mulheres dentro do mosteiro masculino em que vivia). Acabou fundando dois mosteiros somente para mulheres, apesar de enfrentar rejeição e ameaças.

Foi escritora, dramaturga, poetisa, compositora, cantora, artista, linguista (língua ignota, primeira língua artificial da história), pesquisadora de plantas medicinais, médica herborista, teóloga, mística, profetisa, exorcista, pregadora, conselheira de reis, rainhas, nobres, papas e religiosos, talvez a primeira sexóloga da história. Todas as suas descobertas sobre aromaterapia



(uso de aromas para o tratamento físico e mental/humor), fitoterapia (uso de plantas para o tratamento de doenças), cristaloterapia (uso de cristais para auxiliar no tratamento), e cromoterapia (uso de cores para auxiliar no tratamento) ela usava para melhor desenvolver e atender às irmãs do mosteiro. Ela indicava um tipo de alimentação que é o exemplo de nutrição que costuma ser indicado hoje para uma vida saudável: rica em grãos integrais, muitos vegetais e frutas, e sem muita carne. Foi Hildegarda quem descobriu as propriedades do lúpulo para conservar a cerveja, por isso também é conhecida como a mulher que inventou a cerveja como conhecemos hoje. Faleceu com uma idade extremamente avançada para a época, 82 anos de idade. Mas talvez o maior conhecimento dessa monja beneditina fosse sobre como admirar e apreciar cada criatura.

Sua capacidade carismática e especulativa, sensível ao dom da criação, fez com que sua teologia fosse sempre desenvolvida em chave integral. Assim como o conceito da sabedoria de Deus, Hildegarda desenvolveu o conceito da viriditas de Deus: o sopro verde divino que sustenta e renova todas as formas de vida. Ela entendia que, por termos sido criados por Deus, Deus também está presente na medicina que criamos. Tinha uma consciência e experiência muito profunda da interligação da natureza com Deus e com a humanidade. Ela padecia de uma saúde muito frágil com a idade mais avançada, e isso fez com que se dedicasse ainda mais à medicina natural para melhorar sua própria condição, deixando suas pesquisas por escrito para que pudesse ajudar a todos. E de fato, os escritos medicinais e botânicos de Hildegarda são atualíssimos e usados na Alemanha ainda hoje, conforme mais pessoas buscam reavivar sua memória. Essa sua teologia integral se manifestava também seja para falar da Santíssima Trindade, lembrar da importância de se falar do Espírito Santo, fazendo analogias com a própria criação e com a música, seja para falar de homem e mulher como imagem e semelhança de Deus, desde seus desejos e relações sexuais, até suas disposições de serviço ao Reino.

Santa Hildegarda é um exemplo de superação do dualismo entre corpo e alma, pois ela integrava a intuição e a emoção, a mística e a dimensão intelectual, o cuidado com o corpo como caminho de cuidado com o espírito.

Doutora da Igreja: Santa Teresa de Lisieux (1873-1897) Dia de festa: 1 de outubro

Embora tivesse apenas 24 anos quando morreu, Santa Teresinha deixou uma coleção de escritos, quase instruções, sobre como admirar e ter respeito pela criação. As citações abaixo são da *Society of the Little Flower*, uma organização dedicada a difundir a devoção a Santa Teresinha.

“Ao longe, no horizonte, podíamos ver as grandes montanhas. . . A visão dessas belezas impressionou profundamente meus pensamentos; senti como se já estivesse começando a entender a grandeza de Deus e as maravilhas do céu.”

“A luz do sol que brinca nos cedros, brinca em cada flor minúscula como se fosse a única que existe; e da mesma forma nosso Senhor tem um interesse especial em cada alma.”

2.2 Ensinaamentos dos últimos Papas

Papa Paulo VI

Primeiro Papa a fazer uso da palavra “ecologia”, até mesmo porque foi justamente durante o seu pontificado quando o movimento ambientalista e o desenvolvimento teórico multidisciplinar sobre a ecologia começaram a surgir. Há pouco material específico sobre a temática da criação e da ecologia, porém em suas preocupações sociais sempre apareciam também a sensibilidade pelo cuidado da criação de Deus. Os trechos destacados a seguir evidenciam essa sua sensibilidade.

Carta encíclica *Populorum Progressio*, 1967

Mas cada homem é membro da sociedade: pertence à humanidade inteira. Não é apenas tal ou tal homem; são todos os homens, que são chamados a este pleno desenvolvimento. As civilizações nascem, crescem e morrem. Assim como as vagas na enchente da maré avançam sobre a praia, cada uma um pouco mais que a antecedente, assim a humanidade avança no caminho da história.



Herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós aumentar o círculo da família humana. A solidariedade universal é para nós não só um fato e um benefício, mas também um dever.

... Ao Onipotente há de elevar-se fervorosa a oração de todos, para que a humanidade, depois de tomar consciência de tão grandes males, se aplique com inteligência e firmeza a exterminá-los. A esta oração deve corresponder, em cada um, o compromisso decidido de se empenhar, segundo as suas possibilidades e forças, na luta contra o subdesenvolvimento. Dêem-se as mãos fraternalmente, as pessoas, os grupos sociais e as nações, o forte ajudando o fraco a crescer, oferecendo-lhe toda a sua competência, entusiasmo e amor desinteressado. Mais do que qualquer outro, aquele que está animado de verdadeira caridade é engenhoso em descobrir as causas da miséria, encontrar os meios de a combater e vencê-la resolutamente. Artífice da paz, "proseguirá o seu caminho, ateando a alegria, e derramando a luz e a graça no coração dos homens, por toda a terra, fazendo-lhes descobrir, para lá de todas as fronteiras, rostos de irmãos, rostos de amigos"*[locução de João XXIII, por ocasião do prêmio Balzan (10 de maio de 1963)]*.



..."Se alguém, gozando dos bens deste mundo, vir o seu irmão em necessidade e lhe fechar as entranhas, como permanece nele a caridade de Deus?"*[Jo 3,17]* Sabe-se com que insistência os Padres da Igreja determinaram qual deve ser a atitude daqueles que possuem em relação aos que estão em necessidade: "não dás da tua fortuna, assim afirma santo Ambrósio, ao seres generoso para com o pobre, tu dás daquilo que lhe pertence. Porque aquilo que te atribuis a ti, foi dado em comum para uso de todos. A terra foi dada a todos e não apenas aos ricos"

"[De Nabuthe, c.12, n. 53, PL 14, 747. Cf. J.R. Palanque, *Saint Ambroise et l'empire romain*, Paris, de Boccard, 1933, pp. 336ss.]

Quer dizer que a propriedade privada não constitui para ninguém um direito incondicional e absoluto. Ninguém tem direito de reservar para seu uso exclusivo aquilo que é supérfluo, quando a outros falta o necessário. Numa palavra, "o direito de propriedade nunca deve exercer-se em detrimento do bem comum, segundo a doutrina tradicional dos Padres da Igreja e dos grandes teólogos". Surgindo algum conflito "entre os direitos privados e adquiridos e as exigências comunitárias primordiais", é ao poder público que pertence "resolvê-lo, com a participação ativa das pessoas e dos grupos sociais" [Lettre à la Semaine sociale de Brest, em *L'homme et la révolution urbaine*, Lyon, Chronique sociale, 1965, pp.8 e 9].

Angelus na festa da Imaculada Conceição, 8 de dezembro de 1972[50]

Este aspecto prático e positivo de nossa devoção nos dá coragem para ajudar a defender em nossos dias a verdade do amor, a integridade da família, a nobreza do espetáculo, a moralidade da vida coletiva, a "ecologia" de nossa civilização que deve não se envergonhar nem se esquecer de que é cristã; e, portanto, ter a Virgem-Mãe Maria Imaculada, vestida com o sol, como um emblema de sua própria esperança e sua própria salvação.

Angelus, 28 de julho de 1974 [51]

Convém desejar a todos: boas festas! e sugerir a quem tiver a sorte de a desfrutar inserir (em vez de algum livro de muito duvidoso bom gosto) a leitura do grande volume da natureza, a qual as férias nos remetem.

Sim, aproveitamos o intervalo das férias de verão para voltar à visão, ao conhecimento, à contemplação do imenso, maravilhoso e magistral livro da natureza; é o documento, antes de tudo, de nossa genealogia terrestre e temporal; é a lição enciclopédica das inúmeras coisas que nos rodeiam; nos revela belezas, que nossos olhos, geralmente míopes e distraídos pelas obras do homem próximo e necessárias a nós, não sabem mais descobrir e observar: nos abre os panoramas de imensidão sem limites, e ao



mesmo tempo nos revela maravilhas microscópicas encantadoras; nos acusa de um esquecimento quase habitual, que não honra a nossa mentalidade científica, e muitas vezes também nos acusa de abandono e devastação, que conhecemos paisagens insultuosas e criaturas dignas de respeito e admiração.

A natureza está, sim, sujeita ao trabalho e serviço do homem, e também à sua exploração inteligente, mas isso não significa que ela mereça o culto erudito de suas riquezas ocultas e de suas belezas originais. Também nós devemos ser a favor da "ecologia", de que tanto falamos hoje, quando, bem entendido, isso não converte o homem de senhor em servo do mundo natural, mas antes nos educa para um bem, geórgico, uso saudável, estético, do ambiente em que a vida humana ocorre.

Pelo contrário, gostaríamos que a partir deste momento, a que as férias nos dão oportunidades de observação inteligente e sábio uso da natureza, renasça no espírito uma onda de poesia, não só arcadiana, ou neoclássica, ou surrealista, mas simples e espontaneamente humana, como canto nativo do coração, que precisa de se tornar a voz do mundo e elevar-se aos céus, como a de uma cotovia, que a seu modo louva a Deus criador. Portanto, nós, com sabedoria que compreende, celebra e ora. Com Maria, que canta o "Magnificat", agora nos convida ao "Angelus".

Angelus, 4 de julho de 1976[52]

Rezemos hoje, e amanhã se ainda for necessário, para que a água desejada retome seu fluxo benéfico e pacífico no solo ressecado e no leito seco de seus cursos naturais e artificiais.

Oh! água, terrível, se uma inimiga; providente e abençoada, se amiga! Nossa apóstrofe, na voz de Ambrósio, cantada na administração do batismo, dirija-se a ela, criatura de Deus: Ó água, "seja bendita por nosso Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, que em Caná da Galiléia você admiravelmente transformado no vinho, que caminhou sobre as tuas ondas, que se imergiu



em ti, foi batizado em ti por João ... a fonte de água da vida, que ele deixou escorrer do seu lado junto com o seu sangue, para finalmente ordenar aos seus discípulos: vão e levem o Evangelho a todos os povos e batizem-nos. . . Sejabendito pela eficácia do Espírito Santo ...”

Uma evocação litúrgica, sim, onde o elemento sensível e material se eleva a instrumento e símbolo de mistérios espirituais; cuja evocação, ao aumentar em nós o valor e a estima desta maravilhosa criatura terrestre, que é água boa e pura, aumenta agora o nosso desejo e a nossa esperança, e a ela associa a memória inalienável dos nossos destinos transcendentais.

Papa João Paulo II

João Paulo II teve um pontificado extremamente extenso, um dos mais longos na história da Igreja Católica, e durante todo o seu pontificado é possível encontrar indícios de sua preocupação com a criação de Deus. Através dos ensinamentos de São João Paulo II, evidencia-se a relação entre liturgia, sacramentos e cuidado com a criação, além dele ressaltar também a relação entre economia, política, trabalho e justiça social com a vocação cristã de cuidar da criação e do próximo. Curiosamente, ele foi o primeiro Papa a usar a expressão “conversão ecológica” que hoje em dia é tão lembrada pelo Papa Francisco. Trazemos a seguir trechos com algumas de suas reflexões mais profundas sobre a questão ecológica e sua relação com a fé cristã.

Discurso aos indígenas e camponeses do México, 29 de janeiro de 1979[53]

Queridos irmãos e irmãs, a minha presença entre vós quer ser um sinal vivo e confiável desta preocupação universal da Igreja. O Papa e a Igreja estão convosco e amam-vos: amam o vosso povo, a vossa cultura, as vossas tradições; admiram seu passado maravilhoso, o encorajam no presente e esperam muito para o futuro.

Mas não é só isso que quero falar com vocês. Por meio de vocês, camponeses e indígenas, surge diante dos meus olhos aquela imensa multidão do mundo agrícola, uma parte ainda predominante no continente latino-americano e um setor muito grande, ainda hoje, em nosso planeta.

... O deprimido mundo do campo, o trabalhador que com seu suor espalha também sua dor, não pode mais esperar que sua dignidade não inferior à de qualquer outro setor social seja plena e efetivamente reconhecida. Tem o direito de ser respeitado, de não ser privado - com manobras que por vezes constituem verdadeiro despojo - do pouco que possui; que sua aspiração de fazer parte de sua própria elevação não seja impedida. Você tem o direito de remover as barreiras de exploração, muitas vezes feitas de egoísmo intolerável e contra as quais seus melhores esforços promocionais colidem. Tem direito a uma ajuda eficaz - que não é caridade nem migalhas de justiça - para ter acesso ao desenvolvimento que merece a sua dignidade de homem e de filho de Deus.

Viagem Apostólica do Santo Padre à África, homilia em Alto Volta, 10 de maio de 1980[54]

Desde o início, Deus confiou ao homem a natureza que Ele criara. Servir-se da criação para uma promoção humana, integral e solidária, que permita ao homem atingir a sua plena dimensão espiritual, é render glória a Deus. O homem deve portanto esforçar-se por respeitar a natureza, e descobrir as suas leis para que o serviço ao homem seja garantido. Grandes progressos foram realizados no domínio da ecologia, grandes esforços foram envidados. Mas resta muito a fazer para educar o homem a respeitar a natureza, a preservá-la e a melhorá-la, e também para reduzir ou prevenir as consequências das chamadas calamidades "naturais".

É então que a solidariedade humana deve manifestar-se vindo em ajuda, das vítimas e dos países, que não podem fazer face subitamente a necessidades tão graves e urgentes e cuja economia pode estar arruinada. É uma questão de justiça internacional principalmente para com aqueles países frequentemente atingidos por estes desastres, enquanto outros se encontram em condições geográficas ou climáticas que, comparadas com as deles, podem dizer-se privilegiadas. E também uma questão de caridade para todos aqueles que consideram que cada homem é um irmão e cada mulher é uma irmã e cujos sofrimentos devem ser compartilhados e aliviados por todos. A solidariedade, na justiça e na caridade, não deve conhecer nem fronteiras nem limites.

... Por isso, deste lugar, desta capital do Alto Volta, lanço um apelo solene ao mundo inteiro. Eu, João Paulo II, Bispo de Roma e Sucessor de Pedro, elevo a minha voz suplicante porque não posso ficar em silêncio quando os meus irmãos e as minhas irmãs são ameaçados. Faço-me aqui a voz dos que não têm voz, a voz dos inocentes mortos porque não tinham água nem pão; a voz dos pais e das mães que viram morrer os seus filhos sem compreender, ou que verão sempre nos seus filhos as consequências da fome que sofreram; a voz das gerações futuras que já não devem viver com esta ameaça terrível que pesa sobre as suas vidas. Lanço um apelo a todos!

Não esperemos que a seca retorne, horripilante e devastadora! Não esperemos que a areia volte a trazer a morte! Não permitamos que o futuro destes povos fique ameaçado para sempre! A solidariedade de ontem demonstrou, pela sua extensão e pela sua eficácia, que só é possível escutar a voz da justiça e da caridade, e não a do egoísmo, individual ou colectivo.

... Mas quero também dirigir-me, de modo especial, aos vossos irmãos católicos do mundo, aos dos países mais favorecidos. Que eles meditem as palavras tão conhecidas de São Vicente de Paulo, um dos heróis da caridade e do amor aos pobres. A quem lhe perguntava, no fim da sua vida, que teria ele podido fazer ainda pelo próximo, respondia: "Ainda mais". Querer fazer sempre "mais" é a glória da caridade cristã, deste amor que temos uns para com os outros e que é infundido nos nossos corações pelo Espírito Santo. Por isso, digo-vos: agora, os que têm fome e sede no mundo estão à vossa porta! Os meios modernos permitem vir em sua ajuda. Não é possível contar apenas com as responsabilidades políticas nacionais e internacionais. Além do dever universal de solidariedade, é a vossa fé que deve levar-vos a examinar as vossas possibilidades reais, a examinar, pessoalmente e em família, se não consideramos muitas vezes como necessário o que na realidade é supérfluo. É o Senhor que nos convida a fazermos mais.

Visita apostólica ao Canadá, mensagem aos membros da comunidade de pescadores em Newfoundland, 12 de setembro de 1984[55]

Com uma gestão cuidadosa, o mar continuará a oferecer sua colheita. No entanto, durante os últimos anos, os meios de processamento e distribuição de alimentos tornaram-se mais sofisticados tecnicamente. A indústria pesqueira também tem se concentrado cada vez mais nas mãos de cada vez menos pessoas.

Em todo o mundo, cada vez mais empresas de pesca pequena ou familiar perdem sua independência financeira para as empresas maiores e de capital intensivo. As grandes empresas pesqueiras industriais correm o risco de perder o contato com os pescadores e suas necessidades pessoais e familiares. Eles estão expostos à tentação de responder apenas às forças do mercado, às vezes carecendo de incentivo financeiro suficiente para manter a produção. Tal desenvolvimento colocaria a segurança e a distribuição do suprimento de alimentos do mundo em risco cada vez maior, se a produção de alimentos fosse controlada pelo lucro de alguns, em vez de pelas necessidades de muitos.

A atual situação econômica, especialmente no que diz respeito à pesca, exige decisões corajosas para superar todas as consequências negativas. Nossa visão cristã do homem e o que constitui seu bem devem ser os princípios orientadores na busca de soluções alternativas. A promoção de cooperativas de pescadores, acordos coletivos entre trabalhadores e gestores, alguma forma de copropriedade ou parceria - são algumas das soluções possíveis que visam garantir que os trabalhadores tenham voz nas tomadas de decisão que afetam as suas próprias vidas e a vida de suas famílias.

Em um mundo de crescente interdependência, a administração responsável de todos os recursos do planeta, e especialmente dos alimentos, requer planejamento de longo prazo nos diferentes níveis de governo, em cooperação com a indústria. Também requer acordos internacionais eficazes de comércio. Deve ter em conta o problema da ajuda alimentar e da ajuda ao desenvolvimento e responder aos necessitados.

Viagem apostólico a Polônia, homilia na celebração da Palavra com os povos do mar, 11 de junho de 1987[56]

É necessário que o cântico de toda a criação, que dá glória a Deus ressoe neste lugar. É necessário que os rios e o mar falem com vozes de louvor.

... Seja abençoado, rio! Ensina-nos, com tua fidelidade à nossa terra, a abençoar o Pai que está nos céus.

E bendito sejas tu, mar, que é o destino do Vístula, do nosso rio: assim como o reino de Deus é o destino dos homens que vivem nesta terra.

O mar ... Fala com o homem em uma linguagem específico. É, antes de tudo, a linguagem do ilimitado.

... A imensidão da água, quase mais uniforme do que as superfícies da terra. O espaço desabitado e inabitável, e ao mesmo tempo um espaço amplamente aberto, que chama ao homem. Chame os homens, chame as nações. Aqueles que ouvem essa voz são conhecidos como marinheiros.

... O futuro da humanidade em nosso planeta, em todos os continentes e em todos os mares, não fala a favor da necessidade desse mesmo conteúdo? O mundo - esta grande e sempre crescente família humana - pode resistir e se desenvolver em meio aos múltiplos contrastes entre o Ocidente e o Oriente? Entre o Norte e o Sul? E é exatamente assim que nosso mundo hoje está dividido e diferenciado. Pode o futuro, um futuro melhor, surgir da multiplicação de diferenças e contrastes no caminho de uma luta recíproca? Da luta de um sistema contra outro, de uma nação contra outra nação, de um homem contra outro homem?

Em nome do futuro do ser humano e da humanidade, esta palavra "solidariedade" deve ser pronunciada. Hoje flui como uma onda estendida pelo mundo, que percebe que não podemos viver de acordo com o princípio "todos contra todos", mas apenas de acordo com o outro princípio "todos com todos", "todos por todos".

... A eloqüência do mar. Ela fala sem palavras, fala com a linguagem da vastidão sem limites e fala com a linguagem das profundezas.

Perto do mar, Santo Agostinho meditou sobre o tema do mistério inescrutável que é Deus e do mistério que é o homem, a alma humana. «Questionei o mar, o abismo, os animais e eles responderam: «Não somos o vosso Deus: olhai para cima» (Santo Agostinho, Confissões, 10,6). "Abyssus abyssum invocat", o abismo chama o abismo.

O homem da civilização contemporânea está ameaçado pela doença da superficialidade, pelo perigo de achatamento. Devemos trabalhar para recuperar a profundidade; aquela profundidade que é própria do ser humano; aquela profundidade que desafia sua mente e coração, assim como desafia o mar. É a profundidade da verdade e da liberdade, da justiça e do amor; a profundidade da paz.

O Evangelho de hoje também nos conduz ao mar da Galiléia (para dizer a verdade, não de grande superfície). Os apóstolos eram pescadores, homens do mar; o próprio Cristo ficou com eles à margem e à beira-mar. O mar, portanto, tornou-se um lugar particular onde o homem encontra Deus; o lugar tocado pelos pés do Salvador do mundo; o lugar onde foi escrito um capítulo essencial da história da salvação.

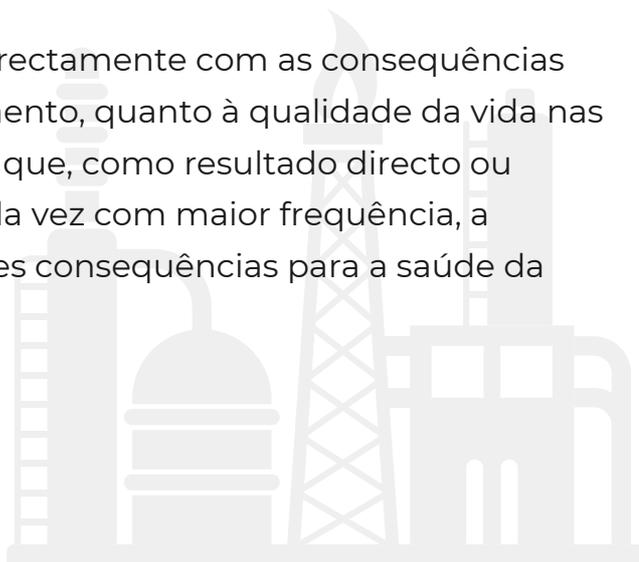
Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis, 1987[57]

O carácter moral do desenvolvimento também não pode prescindir do respeito pelos seres que formam a natureza visível, a que os Gregos, aludindo precisamente à ordem que a distingue, chamavam o «cosmos». Também estas realidades exigem respeito, em virtude de três considerações sobre as quais convém reflectir atentamente.

A primeira refere-se às vantagens de tomar ainda mais consciência de que não pode fazer-se impunemente uso das diversas categorias de seres, vivos ou inanimados — animais, plantas e elementos naturais — como se quiser, em função das próprias exigências económicas. Pelo contrário, é preciso ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado, qual é exactamente o cosmos.

A segunda consideração funda-se, por sua vez, na convicção, dir-se-ia mais premente, da limitação dos recursos naturais, alguns dos quais não são renováveis, como se diz. Usá-los como se fossem inexauríveis, com absoluto domínio, põe em perigo seriamente a sua disponibilidade, não só para a geração presente, mas sobretudo para as gerações futuras.

A terceira consideração relaciona-se directamente com as consequências que tem um certo tipo de desenvolvimento, quanto à qualidade da vida nas zonas industrializadas. Todos sabemos que, como resultado directo ou indirecto da industrialização, se dá, cada vez com maior frequência, a contaminação do ambiente, com graves consequências para a saúde da população.



Mensagem pelo Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 1990[58]

Tema: Paz com Deus Criador, Paz com Toda a Criação

Importa acrescentar, ainda, que não se obterá nunca o justo equilíbrio ecológico, se não forem primeiro enfrentadas directamente as formas estruturais de pobreza existentes no mundo. Por exemplo, a pobreza rural e a distribuição da terra em muitos países levaram a uma agricultura de mera subsistência e ao empobrecimento dos terrenos. Quando a terra deixa de produzir, muitos agricultores transferem-se para outras zonas, incrementando muitas vezes o processo de desflorestação imoderada; ou então estabelecem-se em centros urbanos já carentes de estruturas e serviços. Além disto, sucede que alguns países fortemente endividados estão a pontos de destruir o próprio património natural, à custa de irremediáveis desequilíbrios ecológicos, contanto que consigam obter novos produtos de exportação. Diante de tais situações, porém, lançar acusações somente aos pobres, pelo que se refere às consequências negativas sobre o ambiente por eles provocadas, seria uma maneira inaceitável para avaliar as responsabilidades. É necessário, antes de mais, ajudar os pobres, a quem a terra está confiada, como aliás o está a todos os demais, a superarem a sua pobreza; e isto requer uma reforma corajosa das estruturas e novos esquemas nas relações entre os Estados e os povos.

...A sociedade hodierna não encontrará solução para o problema ecológico, se não revir seriamente o seu estilo de vida. Em muitas partes do mundo, ela mostra-se propensa ao hedonismo e ao consumismo e permanece indiferente aos danos que deles derivam. Como já observei, a gravidade da situação ecológica revela quanto é profunda a crise moral do homem. Se faltar o sentido do valor da pessoa e da vida humana, dá-se o desinteresse pelos outros e pela terra. A austeridade, a temperança, a disciplina e o espírito de sacrifício devem conformar a vida de todos os dias, a fim de que não se verifique para todos o constrangimento a suportar as consequências negativas da incúria de alguns poucos.

Há uma necessidade urgente, pois, de educação para a responsabilidade ecológica: responsabilidade em relação a si próprio, responsabilidade em relação aos outros e responsabilidade em relação ao ambiente. E trata-se de uma educação que não pode basear-se simplesmente no sentimento ou



sobre uma mal definida veleidade. O seu fim não pode ser ideológico nem político e a maneira de a estruturar não pode apoiar-se na rejeição do mundo moderno, nem num vago desejo de retornar ao « paraíso perdido ». A educação autêntica para a responsabilidade implica uma verdadeira conversão na maneira de pensar e no comportamento. E quanto a isso, as Igrejas e as outras Instituições religiosas, os Organismos governativos e não-governativos, como também todos os componentes da sociedade têm um papel bem determinado a desempenhar. A primeira educadora, no entanto, permanece a família, na qual as crianças aprendem a respeitar o próximo e a amar a natureza.

Não se pode descurar, por fim, o valor estético da criação. O contacto com a natureza é em si mesmo algo profundamente regenerador, assim como a contemplação do seu esplendor é susceptível de dar paz e serenidade. A Bíblia fala com frequência da bondade e da beleza da criação, chamada a dar glória a Deus (cf., por exemplo, Gén 1, 4 e passim; Sl 8, 2; 104, 1 ss.; Sab 13, 3-5; Sir 39, 16. 33; 43, 1. 9). Talvez mais difícil, mas não menos intensa pode ser a contemplação das obras do engenho humano. As cidades também podem ter uma sua beleza peculiar, que deve levar as pessoas a protegerem o ambiente que as circunda. Uma boa planificação urbana constitui um aspecto importante da protecção do ambiente; e o respeito pelas características morfológicas da terra é um requisito indispensável para uma implantação ecologicamente correcta. Numa palavra, não se deve descurar nunca a relação que existe entre uma formação estética apropriada e a preservação de um ambiente sadio.



...Com maior razão, aqueles que acreditam em Deus criador e, por conseguinte, estão convencidos que existe no mundo uma ordem bem definida e que tem uma finalidade, devem sentir-se chamados a atender ao problema. Os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé. Devem estar conscientes, portanto, do vasto campo de cooperação ecuménica e inter-religiosa que se abre diante deles.

...A crise ecológica põe em evidência a urgente necessidade moral de uma nova solidariedade, especialmente nas relações entre os países em vias de desenvolvimento e os países altamente industrializados.

...Inserindo a questão ecológica no contexto mais vasto da causa da paz na sociedade humana, melhor nos damos conta quanto é importante prestar atenção àquilo que a terra e a atmosfera nos revelam: existe no universo uma ordem que deve ser respeitada; e a pessoa humana, dotada da possibilidade de livre escolha, tem uma grave responsabilidade na preservação desta ordem, também em função do bem-estar das gerações futuras. A crise ecológica - uma vez mais o repito - é um problema moral.

Carta Encíclica *Centesimus Annus* 1991[59]

Não é mal desejar uma vida melhor, mas é errado o estilo de vida que se presume ser melhor, quando ela é orientada ao ter e não ao ser, e deseja ter mais não para ser mais, mas para consumir a existência no prazer, visto como fim em si próprio. É necessário, por isso, esforçar-se por construir estilos de vida, nos quais a busca do verdadeiro, do belo e do bom, e a comunhão com os outros homens, em ordem ao crescimento comum, sejam os elementos que determinam as opções do consumo, da poupança e do investimento.



... Igualmente preocupante, ao lado do problema do consumismo e com ele estritamente ligada, é a questão ecológica. O homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer, do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida. Na raiz da destruição insensata do ambiente natural, há um erro antropológico, infelizmente muito espalhado no nosso tempo. O homem, que descobre a sua capacidade de transformar e, de certo modo, criar o mundo com o próprio trabalho, esquece que este se desenrola sempre

sobre a base da doação originária das coisas por parte de Deus. Pensa que pode dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas à sua vontade, como se ela não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim, desenvolver, mas não deve trair. Em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substituiu-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza, mais tiranizada que governada por ele.

Discurso no encontro com representantes das comunidades indígenas do Brasil, 16 de outubro de 1991[60]

O Papa queria dizer a todos os índios do Brasil o amor que Deus e a Igreja lhes dedicam. É o mesmo amor com que Jesus Cristo, Filho de Deus e Fundador da Igreja, ama a todos os homens. Aos olhos de Deus, Criador do mundo e Pai de todos, só existe uma raça: a raça dos homens chamados a serem filhos de Deus. Aos olhos de Deus, só existe um Povo, formado por muitos povos, cada um deles com seu modo de ser, sua cultura e suas tradições: a humanidade que Jesus Cristo resgatou, e salvou, com o preço do seu Sangue. Diante do Criador, todos os homens têm o mesmo valor e uma imensa dignidade.

Mensagem aos indígenas do continente americano, viagem apostólico a Santo Domingo, 12 de outubro de 1992[61]

Da República Dominicana, onde tive a alegria de encontrar alguns de seus representantes, dirijo minha mensagem de paz e amor a todos os povos indígenas e grupos étnicos, desde a Península do Alasca até a Terra do Fogo. Vós sois continuadores dos povos Tupi-Guaraní, Aymara, Maia, Quechua, Chibcha, Nahuatl, Mixteca, Araucano, Yanomani, Guajiro, Inuit, Apache e muitos outros que se distinguem pela sua nobreza de espírito, que se destacaram nos seus valores culturais indígenas, como as civilizações Asteca, Inca, Maia, e que podem se orgulhar de ter uma visão de vida que reconhece a sacralidade do mundo e do ser humano. Simplicidade, humildade, amor à liberdade, hospitalidade, solidariedade, apego à família, proximidade com a terra e o sentido da contemplação são muitos outros valores que a memória indígena da América preservou até hoje e constituem uma contribuição que é palpável na alma latino-americana.

... Por isso, a Igreja incentiva os indígenas a conservar e promover com legítimo orgulho a cultura de seus povos: tradições e costumes saudáveis, a língua e seus próprios valores. Ao defender a sua identidade, não só exercem um direito, mas também cumprem o dever de transmitir a sua cultura às gerações futuras, enriquecendo assim toda a sociedade. Esta dimensão cultural, em vista da evangelização, será uma das prioridades da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, que se realiza em Santo Domingo e que tive a alegria de inaugurar como ato preeminente de minha viagem por ocasião do V Centenário.

... Por isso, a Igreja incentiva os indígenas a conservar e promover com legítimo orgulho a cultura de seus povos: tradições e costumes saudáveis, a língua e seus próprios valores. Ao defender a sua identidade, não só exercem um direito, mas também cumprem o dever de transmitir a sua cultura às gerações futuras, enriquecendo assim toda a sociedade. Esta dimensão cultural, em vista da



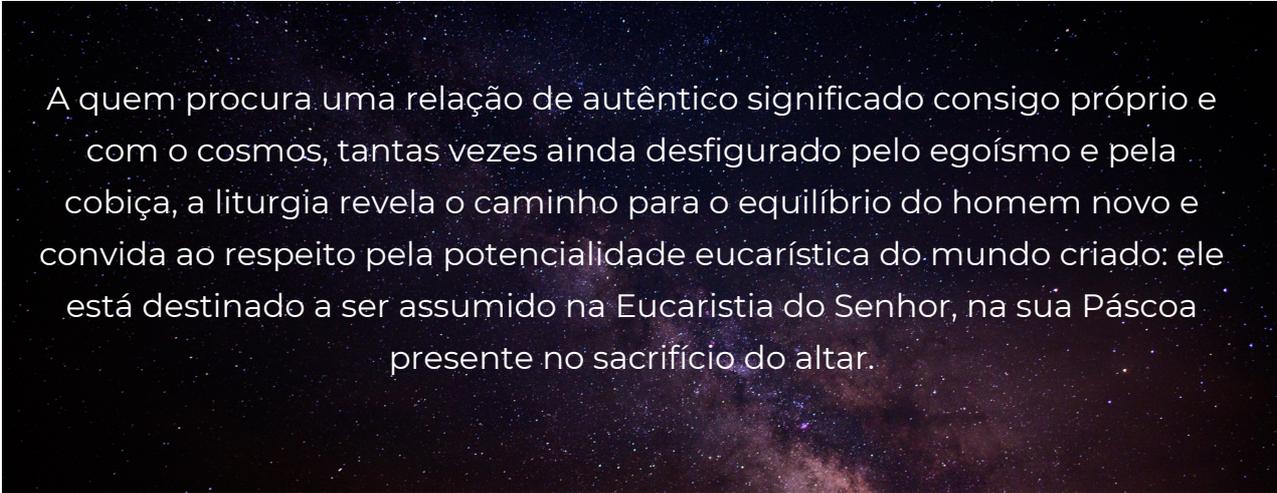
evangelização, será uma das prioridades da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, que se realiza em Santo Domingo e que tive a alegria de inaugurar como ato preeminente de minha viagem por ocasião do V Centenário.

... O elemento central nas culturas indígenas é o apego e a proximidade com a mãe terra. Vocês amam a terra e desejam estar em contato com a natureza. Uno a minha voz à daqueles que exigem a implementação de estratégias e meios eficazes para proteger e conservar a natureza criada por Deus. O respeito ao meio ambiente deve ser sempre protegido sobre os interesses exclusivamente econômicos ou a exploração abusiva dos recursos terrestres e marítimos.

Carta Apostólica, Orientale Lumen 1995[62]

O Cristianismo não rejeita a matéria; pelo contrário, a corporeidade é valorizada plenamente no acto litúrgico, onde o corpo humano mostra a sua íntima natureza de templo do Espírito Santo e chega a unir-se ao Senhor Jesus, feito também Ele corpo para a salvação do mundo. Isto não significa uma exaltação absoluta de tudo aquilo que é físico, porque sabemos bem a desordem que o pecado introduziu na harmonia do ser humano. A liturgia revela que o corpo, atravessando o mistério da Cruz, está a caminho da transfiguração, da pneumatização: no monte Tabor, Cristo mostra-o resplandecente, como é desejo do Pai que volte a ser.

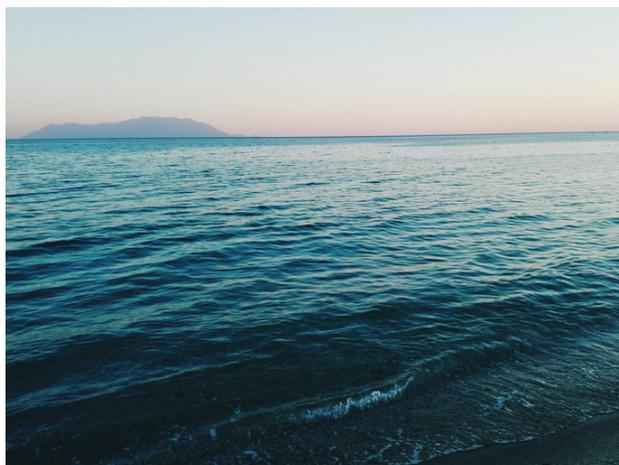
E também a realidade cósmica é chamada a dar acção de graças, porque o cosmos inteiro é chamado à recapitulação em Cristo Senhor. Manifesta-se nesta concepção um ensinamento equilibrado e admirável sobre a dignidade, o respeito e a finalidade da criação e do corpo humano em particular. Este, tendo rejeitado igualmente todo o tipo de dualismo e todo o tipo de culto do prazer como fim em si próprio, torna-se lugar luminoso da graça e, portanto, plenamente humano.



A quem procura uma relação de autêntico significado consigo próprio e com o cosmos, tantas vezes ainda desfigurado pelo egoísmo e pela cobiça, a liturgia revela o caminho para o equilíbrio do homem novo e convida ao respeito pela potencialidade eucarística do mundo criado: ele está destinado a ser assumido na Eucaristia do Senhor, na sua Páscoa presente no sacrifício do altar.

Carta apostólica sob forma de motu próprio Stella Maris sobre o apostolado do mar, 31 de janeiro de 1997[63]

A Obra do Apostolado do Mar, embora não constitua uma entidade canónica autónoma com própria personalidade jurídica, é a organização que promove o cuidado pastoral da gente do mar e visa sustentar o empenho dos fiéis, chamados a dar testemunho neste ambiente com a sua vida cristã.



Discurso aos participantes do congresso sobre Ambiente e Saúde, 24 de março de 1997[64]

A ecologia, surgida como nome e como mensagem cultural há mais de um século, imediatamente impôs-se à atenção dos estudiosos, evocando um interesse interdisciplinar crescente por parte de biólogos, médicos, economistas, filósofos e políticos. Ela configura-se como estudo da relação entre os organismos vivos e o seu ambiente, em especial entre o homem e quanto o circunda. O ambiente, com efeito, animado e não animado, tem uma influência decisiva sobre a saúde do homem, argumento ao qual estais a dedicar as vossas reflexões no decurso do Congresso.

O equilíbrio do ecossistema e a defesa da salubridade do ambiente têm necessidade precisamente da responsabilidade do homem e de uma responsabilidade que deve estar aberta às novas formas de solidariedade.

... O aspecto de conquista e de exploração dos recursos tornou-se predominante e invasivo, e hoje chega a ameaçar a própria capacidade acolhedora do ambiente: o ambiente como «recurso» corre o perigo de ameaçar o ambiente como «casa». Por causa dos poderosos meios de transformação, oferecidos pela civilização tecnológica, parece às vezes que o equilíbrio homem-ambiente tenha alcançado um ponto crítico.

... A Revelação bíblica trouxe à concepção do cosmo a iluminadora e pacificante mensagem da criação, da qual resulta que as realidades mundanas são boas porque queridas por Deus por amor do homem.

Ao mesmo tempo, a antropologia bíblica considerou o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, como criatura capaz de transcender a realidade do mundo em virtude da sua espiritualidade, e por isso como guarda responsável pelo ambiente em que é posto para viver. Este é-lhe oferecido pelo Criador, quer como casa quer como recurso.

... A humanidade de hoje, se conseguir conjugar as novas capacidades científicas com uma forte dimensão ética, será certamente capaz de promover o ambiente como casa e como recurso, em favor do homem e de todos os homens; será capaz de eliminar os factores de poluição, de assegurar condições de higiene e de saúde adequadas, tanto para pequenos grupos como para vastos aglomerados humanos.

A tecnologia que polui pode também despoluir, a produção que acumula pode distribuir de modo equitativo, com a condição de que prevaleça a ética do respeito pela vida e a dignidade do homem, pelos direitos das gerações humanas presentes e daquelas vindouras.

Tudo isto tem necessidade de sólidos pontos de referência e de inspiração: a consciência clara da criação, como obra da sabedoria providente de Deus, e a consciência da dignidade e responsabilidade do homem no desígnio da criação.

É contemplando o Rosto de Deus, que o homem pode iluminar a face da terra e assegurar, com o empenho ético, a hospitalidade ambiental para o homem de hoje e de amanhã.

Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in America*, 22 de janeiro de 1999[65]

« E Deus viu que isto era bom » (Gn 1, 25). Estas palavras que lemos no primeiro capítulo do livro do Gênesis, oferecem o sentido da obra realizada por Ele. O Criador entrega ao homem, coroação de todo o processo criador, o cultivo da terra (cf. Gn 2, 15). Daí nascem para cada indivíduo específicas obrigações no que diz respeito à ecologia. O seu cumprimento supõe a abertura para uma perspectiva espiritual e ética que supere as atitudes e « os estilos de vida egoístas que acarretam o esgotamento das reservas naturais ».

Também neste setor, de tanta atualidade hoje em dia, a intervenção dos fiéis crentes é muitíssimo importante. É necessária a colaboração de todos os homens de boa vontade com as instâncias legislativas e governamentais, para conseguir uma proteção eficaz do ambiente, considerado como dom de Deus. Quantos abusos e prejuízos ecológicos não há inclusive em muitas regiões americanas! Pense-se na emissão descontrolada de gases nocivos ou no dramático fenômeno dos incêndios florestais, provocados por vezes intencionalmente por pessoas movidas por interesses egoístas. Estas devastações podem conduzir a uma real desertificação em muitas zonas da América, com as inevitáveis conseqüências de fome e miséria. O problema chega atingir especial entidade na floresta amazônica, imenso território que interessa a várias nações: do Brasil à Guianá, ao Suriname, à Venezuela, à Colômbia, ao Equador, ao Peru e à Bolívia. (67) Trata-se de um dos espaços naturais mais apreciados no mundo pela sua diversidade biológica, que o torna vital para o equilíbrio ambiental de todo o planeta.



Discurso à nova embaixadora da Nova Zelândia junto à Santa Sé, 25 de maio de 2000[66]

As falsidades mais destruidoras acerca da pessoa humana, a que o século XX deu origem, derivavam de pontos de vista materialistas do mundo e da própria pessoa. Pode ser que os sistemas totalitários tenham desaparecido, mas entretanto emergiram novas formas de materialismo, talvez menos ideologicamente orientados e menos espectaculares nas suas manifestações, e contudo arrasadores no seu efeito sobre as pessoas e o tecido da sociedade.

Estamos rapidamente a tomar consciência de como é vital respeitar a ecologia da natureza, se não quisermos causar sérios prejuízos ao mundo que as gerações futuras hão-de herdar de nós. Ainda mais urgente, embora mais difícil, é a necessidade de aprender a respeitar a ecologia do mundo humano, com a qual me refiro à própria pessoa humana e às suas implicações sociais. A acção da Santa Sé no campo internacional flui da sua convicção de que determinados elementos fundamentais desta ecologia humana devem absolutamente ser compreendidos e salvaguardados.

Audiência geral, 17 de janeiro de 2001[67]

Tema: O compromisso para afastar a catástrofe ecológica

Por isso, é preciso estimular e apoiar a "conversão ecológica", que nestes últimos decénios tornou a humanidade mais sensível aos confrontos da catástrofe para a qual estava a caminhar. O homem não é mais "ministro" do Criador. Mas, como déspota autónomo, está a compreender que finalmente tem de parar diante do abismo. "É, pois, de saudar favoravelmente a atenção crescente à qualidade de vida e à ecologia, que se regista sobretudo nas sociedades mais avançadas, nas quais os anseios das pessoas já não estão concentrados tanto sobre os problemas da sobrevivência como sobretudo na procura de um melhoramento global das condições de vida" (Evangelium vitae, 27). Não está em jogo, por conseguinte, só uma ecologia "física", atenta a tutelar o habitat dos vários seres vivos, mas também uma "ecologia humana" que torne mais digna a existência das criaturas, protegendo o bem radical da vida em todas as suas manifestações e preparando para as futuras gerações um ambiente que se aproxime cada vez mais do projecto do Criador.

Nesta harmonia reencontrada com a natureza e consigo próprios, os homens e as mulheres voltam a passear no jardim da criação, procurando fazer com que os bens da terra estejam disponíveis para todos e não só para alguns privilegiados, como sugeria propriamente o Jubileu bíblico (cf. Lv 25, 8-13.23). No meio de tais maravilhas descobrimos a voz do Criador, transmitida pelo céu e pela terra, pelo dia e pela noite: uma linguagem "sem palavras das quais se ouça o som", capaz de ultrapassar todas as fronteiras (cf. Sl 19 [18], 2-5).

Mensagem para o Dia Mundial do Turismo, 24 de junho de 2002[68]

Entre os inumeráveis turistas que todos os anos "andam pelo mundo", há muitos que fazem viagens com o fim explícito de andar à descoberta da natureza, explorando-a até aos ângulos mais recônditos. Um turismo inteligente tende a valorizar as belezas da criação e orienta o homem para se aproximar dela com respeito, gozando essa beleza, mas sem alterar o seu equilíbrio.



Mas, como negar que a humanidade está a viver hoje, infelizmente, uma emergência ecológica? Um certo turismo selvagem contribuiu, e ainda contribui, para tal horror, também através dos complexos turísticos construídos sem uma planificação respeitadora do impacto ambiental.

Como observei na Mensagem para o Dia Mundial da Paz 1990, é "necessário voltar às origens e enfrentar no seu conjunto a profunda crise moral, de que a degradação ambiental é um dos aspectos preocupantes" (n. 5 Ensinamentos XII/2, 1466). A derrocada ambiental, com efeito, mostra com evidência algumas das consequências das opções feitas segundo interesses particulares, que não correspondem às exigências próprias da dignidade do homem. Prevalece, muitas vezes, a desenfreada cobiça em acumular riquezas, que impede de ouvir o grito alarmante de pobreza de povos inteiros. Por outras palavras, a procura egoísta do próprio bem-estar leva a ignorar as legítimas expectativas das gerações presentes e das futuras. A verdade é que, quando nos afastamos dos projectos de Deus sobre a criação, muitas vezes dá-se menos atenção aos irmãos e ao respeito pela natureza.

Mensagem ao diretor geral da FAO por ocasião do Dia Mundial da Alimentação, 13 de outubro de 2002[69]

O tema escolhido para o Encontro do corrente ano: A água como fonte da segurança alimentar, constitui um convite para reflectir precisamente sobre a importância da água, sem a qual os indivíduos e as comunidades não podem viver. Como factor indispensável para a actividade humana, a água é um elemento fundamental para a segurança alimentar. E também não podemos esquecer que a água, um símbolo utilizado nos ritos comunitários de inúmeras religiões e culturas, significa pertença e, ao mesmo tempo, purificação. Em termos cristãos, a água é usada como sinal de um processo de transformação e de conversão interiores. Do seu valor simbólico brota um convite para adquirir a plena consciência da importância deste recurso precioso e, por conseguinte, para rever os actuais parâmetros de comportamento, com vista a garantir, tanto no presente como no futuro, que todas as pessoas tenham acesso à água que é indispensável para as suas necessidades, e que as actividades de produção e, de maneira particular, relacionadas com a agricultura, possam dispor de níveis adequados deste recurso inestimável. Hoje em dia, a crescente consciência de que a água é um recurso limitado, e todavia absolutamente essencial para a segurança alimentar, está a levar muitos povos a uma mudança de atitude, mudança esta que deve ser orientada para o bem das gerações vindouras.

Mensagem por ocasião da Campanha da Fraternidade, 19 de janeiro de 2004[70]

Feito nova criatura, o batizado pode e deve orientar as relações com o seu semelhante e com toda a criação, conforme a justiça, a caridade e a responsabilidade que Deus quis confiar à solicitude do homem (cf. Gn 2, 15). Nasce daí, para cada indivíduo, específicas obrigações no que diz respeito à ecologia. O seu cumprimento supõe a abertura para uma perspectiva espiritual e ética que supere as atitudes e os estilos de vida egoístas, que acarretam o esgotamento das reservas naturais.

Como dom de Deus, a água é instrumento vital, imprescindível para a sobrevivência e, portanto, um direito de todos. É necessário prestar atenção aos problemas decorrentes da sua evidente escassez em muitas partes do mundo, e não só do Brasil. A água não é um recurso ilimitado. Seu uso racional

e solidário exige a colaboração de todos os homens de boa vontade com as autoridades governamentais, para conseguir uma proteção eficaz do meio ambiente, considerado como dom de Deus (cf. Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, 25). É uma questão que necessita, portanto, ser enquadrada de forma a estabelecer critérios morais baseados precisamente no valor da vida e no respeito pelos direitos e pela dignidade de todos os seres humanos.

Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 2003[71]

“Este cenário tão variado das minhas celebrações eucarísticas faz-me experimentar intensamente o seu carácter universal e, por assim dizer, cósmico. Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja da aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo. Une o céu e a terra. Abraça e impregna toda a criação. O Filho de Deus fez-Se homem para, num supremo acto de louvor, devolver toda a criação Àquele que a fez surgir do nada. Assim, Ele, o sumo e eterno Sacerdote, entrando com o sangue da sua cruz no santuário eterno, devolve ao Criador e Pai toda a criação redimida. Fá-lo através do ministério sacerdotal da Igreja, para glória da Santíssima Trindade. Verdadeiramente este é o *mysterium fidei* que se realiza na Eucaristia: o mundo saído das mãos de Deus criador volta a Ele redimido por Cristo.”

Papa Bento XVI

Papa Bento XVI foi o primeiro Papa a colocar em prática mudanças sustentáveis no Vaticano e não só ensinar sobre o cuidado da criação. Inclusive recebeu o nome de “Papa Verde” por ambientalistas, fazendo com que a sede do Vaticano alcançasse ser livre de emissões de carbono, instalando sistemas de energia fotovoltaica, e optando por um Papamóvel híbrido e veículos elétricos para seus seguranças.[72]



Mensagem pelo Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2007[73]

É respondendo a esta incumbência, que lhe foi confiada pelo Criador, que o homem, juntamente com seus semelhantes, pode dar vida a um mundo de paz. Assim, ao lado da ecologia da natureza existe uma ecologia que podemos designar “humana”, a qual, por sua vez, requer uma “ecologia social”. E isto requer que a humanidade, se tem a peito a paz, tome consciência cada vez mais das ligações existentes entre a ecologia natural, ou seja, o respeito pela natureza, e a ecologia humana. A experiência demonstra que toda a atitude de desprezo pelo ambiente provoca danos à convivência humana, e vice-versa. Surge assim com mais evidência um nexos incindível entre a paz com a criação e a paz entre os homens. Uma e outra pressupõem a paz com Deus. A poesia-oração de S. Francisco, conhecida também como « Canção do Irmão Sol », constitui um admirável exemplo — sempre actual — desta variegada ecologia da paz.

Quão seja estreito este nexos entre uma e outra ecologia ajuda-nos a compreender o problema, cada dia mais grave, do abastecimento energético. Nestes anos, novas Nações entraram decididamente no sector da produção industrial, aumentando as necessidades energéticas. Isto está a provocar uma corrida sem precedentes aos recursos disponíveis. Entretanto, persistem ainda em algumas regiões do planeta situações de grande atraso, onde o desenvolvimento está praticamente bloqueado devido também ao aumento dos preços da energia. Que acontecerá àquelas populações? Que tipo de desenvolvimento ou de não-desenvolvimento lhes será imposto pela escassez de reabastecimento energético? Que injustiças e antagonismos provocará a corrida às fontes de energia? E como reagirão os excluídos desta corrida? Estas perguntas põem em evidência quanto o respeito pela natureza esteja intimamente ligado à necessidade de tecer entre os homens e entre as Nações relações respeitadoras da dignidade da pessoa e capazes de satisfazer as suas autênticas necessidades. A destruição do ambiente, um uso impróprio ou egoísta do mesmo e a apropriação violenta dos recursos da terra geram lacerações, conflitos e guerras, precisamente porque são fruto de um conceito desumano de desenvolvimento. Com efeito, um desenvolvimento que se limitasse ao aspecto técnico-económico, descurando a dimensão moral-religiosa, não seria um desenvolvimento humano integral e terminaria, ao ser unilateral, por incentivar as capacidades destruidoras do homem.



Mensagem para celebração do Dia Mundial da Água, assinada pelo cardeal
Tarcisio Bertone, 22 de março de 2007[74]

Estamos outrossim convictos da importância de não desiludir tais finalidades, considerando a centralidade que a água reveste de qualquer processo destinado a favorecer a promoção de um desenvolvimento humano integral. Além disso, investimentos oportunos no sector da água e dos serviços higiénicos representam um significativo mecanismo propulsor para acelerar o crescimento económico e o desenvolvimento sustentável, em vista de melhorar a saúde e a higiene humana, para erradicar a pobreza e combater a degradação do meio ambiente.

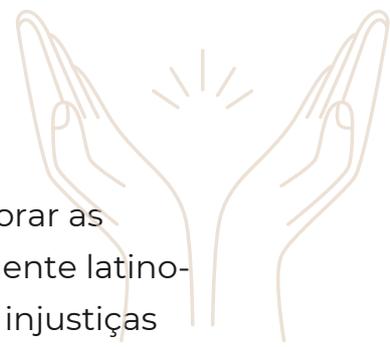
A Água, um bem comum da família humana, constitui um elemento essencial para a vida; a gestão deste recurso precioso deve ser tal, que permita o acesso a todos, sobretudo àqueles que vivem em condição de pobreza, garantindo a vivibilidade do planeta, tanto da geração presente como das vindouras.

Com efeito, o acesso à água faz parte dos direitos inalienáveis de cada ser humano, porque representa um requisito prévio para a realização de uma grande parte dos outros direitos humanos, como o direito à vida, à alimentação e à saúde. Por este motivo, a água "não pode ser tratada como uma mera mercadoria entre as outras e a sua utilização deve ser racional e solidária [...] O direito à água fundamenta-se na dignidade humana e não em avaliações de tipo meramente quantitativo, que consideram a água como um bem económico. Sem a água, a vida é ameaçada. Portanto, o direito à água constitui um direito universal e inalienável" (Compêndio da Doutrina Social da Igreja, n. 485).

O Dia Mundial da Água representa uma preciosa ocasião para estimular a comunidade internacional a encontrar percursos eficazes, que permitam que este direito humano fundamental seja promovido, tutelado e desfrutado.

Neste sentido, a gestão sustentável da água torna-se um desafio socioeconómico, ambiental e ético, a ponto de comprometer não apenas as instituições, mas a sociedade inteira. Ela deve ser enfrentada em conformidade com o princípio da subsidiariedade, ou seja, através da adopção de uma abordagem participativa que comprometa tanto o sector privado como também, e sobretudo, as comunidades locais; o princípio da solidariedade, pilar fundamental da cooperação internacional, que exige uma opção preferencial pelos pobres; o princípio da responsabilidade em relação à geração presente e às futuras, do qual brota a consequente necessidade de examinar de novo os modelos de consumo e de produção, muitas vezes insustentáveis no que diz respeito à utilização dos recursos hídricos.

Além disso, trata-se de uma responsabilidade que deve ser compartilhada, e revela-se como imperativo moral e político, num mundo que dispõe de níveis de conhecimentos e de tecnologias capazes de pôr fim às situações de escassez de água e às suas dramáticas consequências, que interessam sobretudo as regiões onde as rendas são mais baixas, onde muitas vezes o acesso à água pode desencadear verdadeiros conflitos, enquanto pode tornar-se motivo de cooperação inter-regional, onde for valorizada uma abordagem clarividente, alicerçada na interdependência hídrica, que una os utilizadores dos recursos hídricos de países vizinhos numa estrutura compartilhada.



Audiência geral, 23 de maio de 2007[75]

Sem dúvida, a recordação de um passado glorioso não pode ignorar as sombras que acompanharam a obra de evangelização do continente latino-americano: de facto, não é possível esquecer os sofrimentos e as injustiças impostos pelos colonizadores às populações indígenas, muitas vezes violadas nos seus direitos humanos fundamentais. Mas a obrigatória menção de tais crimes injustificáveis – crimes que já na época foram condenados por missionários como Bartolomeu de las Casas e por teólogos como Francisco da Vitória da Universidade de Salamanca – não deve impedir de tomar consciência com gratidão da obra maravilhosa realizada pela graça divina entre aquelas populações ao longo destes séculos. O Evangelho tornou-se assim no Continente o elemento principal de uma síntese dinâmica que, com vários aspectos segundo as diversas nações, expressa contudo a identidade dos povos latino-americanos. Hoje, na época da globalização, esta identidade católica apresenta-se ainda como a resposta mais adequada, se estiver animada por uma séria formação espiritual e pelos princípios da doutrina social da Igreja.

... O Brasil é também um País que pode oferecer ao mundo o testemunho de um novo modelo de desenvolvimento: a cultura cristã de facto pode animar nele uma "reconciliação" entre os homens e a criação, a partir da recuperação da dignidade pessoal na relação com Deus Pai.

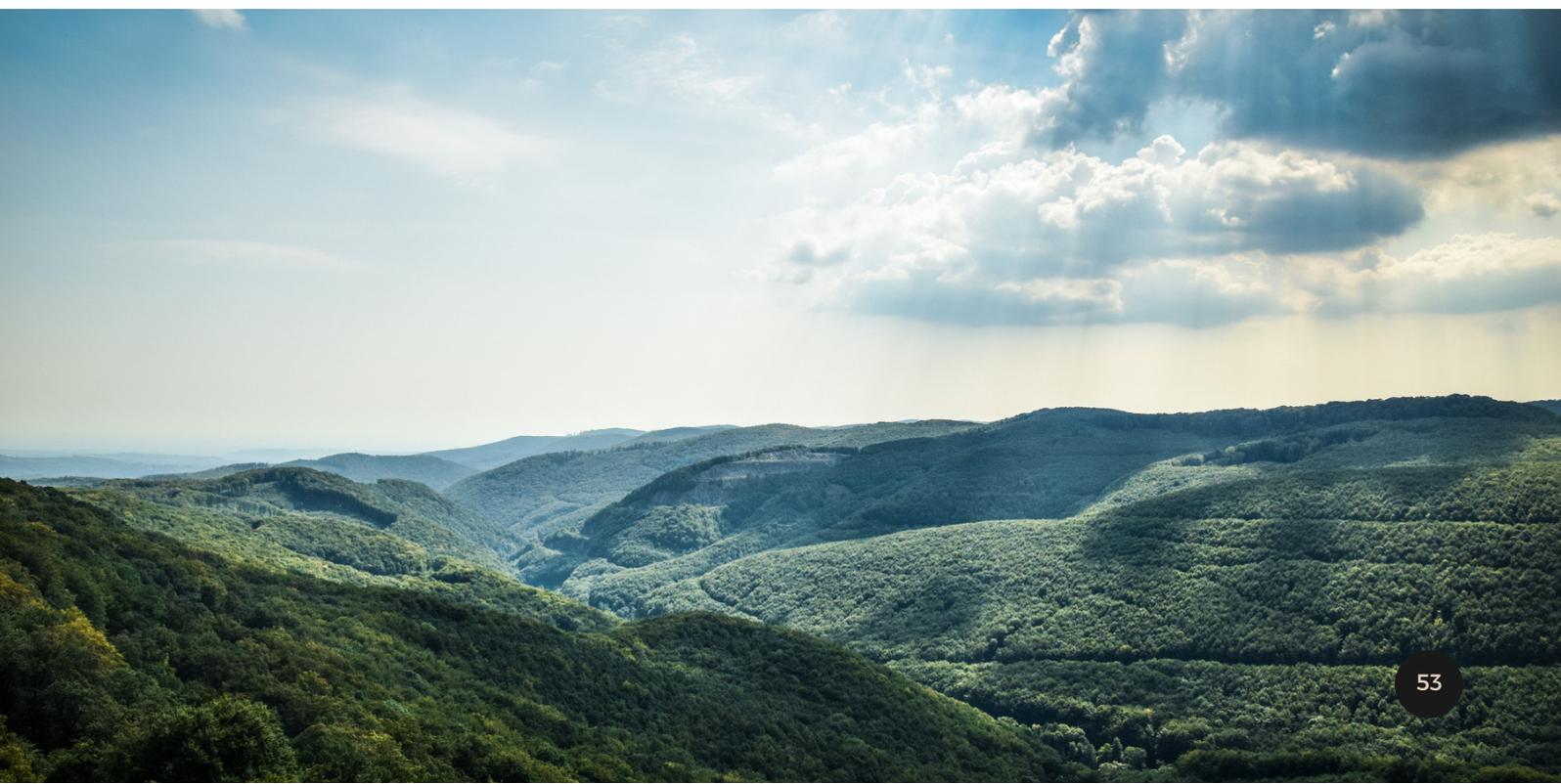
Mensagem pelo Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2008[76]

A família precisa duma casa, dum ambiente à sua medida onde tecer as próprias relações. No caso da família humana, esta casa é a terra, o ambiente que Deus criador nos deu para que o habitássemos com criatividade e responsabilidade. Devemos cuidar do ambiente: este foi confiado ao homem, para que o guarde e cultive com liberdade responsável, tendo sempre como critério orientador o bem de todos. Obviamente, o ser humano tem um primado de valor sobre toda a criação. Respeitar o ambiente não significa considerar a natureza material ou animal mais importante do que o homem; quer dizer antes não a considerar egoisticamente à completa disposição dos próprios interesses, porque as gerações futuras também têm o direito de beneficiar da criação, exprimindo nela a mesma liberdade responsável que reivindicamos para nós. Nem se hão-de esquecer os pobres, em muitos casos excluídos do destino universal dos bens da criação.

Actualmente a humanidade teme pelo futuro equilíbrio ecológico. Será bom que as avaliações a este respeito se façam com prudência, no diálogo entre peritos e cientistas, sem acelerações ideológicas para conclusões apressadas e sobretudo pondo-se conjuntamente de acordo sobre um modelo de progresso sustentável, que garanta o bem-estar de todos no respeito dos equilíbrios ecológicos. Se a tutela do ambiente comporta os seus custos, estes devem ser distribuídos com justiça tendo em conta a disparidade de desenvolvimento dos vários países e a solidariedade com as futuras gerações. Prudência não significa deixar de assumir as próprias responsabilidades e adiar as decisões; significa antes assumir o empenho de decidir juntos depois de ter ponderado responsabilmente qual a estrada a percorrer, com o objectivo de reforçar aquela aliança entre ser humano e ambiente que deve ser espelho do amor criador de Deus, de Quem provimos e para Quem estamos a caminho.

Discurso no encontro com membros da Assembleia Geral da ONU, viagem apostólica aos EUA, 18 de abril de 2008[77]

“A natureza é expressão de um desígnio de amor e de verdade. Precede-nos, tendo-nos sido dada por Deus como ambiente de vida. Fala-nos do Criador (cf. Rm 1, 20) e do seu amor pela humanidade. Está destinada, no fim dos tempos, a ser « instaurada » em Cristo (cf. Ef 1, 9-10; Col 1, 19-20). Por conseguinte, também ela é uma « vocação »[115]. A natureza está à nossa disposição, não como « um monte de lixo espalhado ao acaso »[116], mas como um dom do Criador que traçou os seus ordenamentos intrínsecos dos quais o homem há-de tirar as devidas orientações para a « guardar e cultivar » (Gn 2, 15).



... Há espaço para todos nesta nossa terra: aqui a família humana inteira deve encontrar os recursos necessários para viver decorosamente, com a ajuda da própria natureza, dom de Deus aos seus filhos, e com o empenho do seu próprio trabalho e inventiva. Devemos, porém, sentir como gravíssimo o dever de entregar a terra às novas gerações num estado tal que também elas possam dignamente habitá-la e continuar a cultivá-la.

... As modalidades com que o homem trata o ambiente influem sobre as modalidades com que se trata a si mesmo, e vice-versa. Isto chama a sociedade actual a uma séria revisão do seu estilo de vida que, em muitas partes do mundo, pende para o hedonismo e o consumismo, sem olhar aos danos que daí derivam” Encíclica Caritas in Veritate 2009.

“Sem dúvida, questões de segurança, objectivos de desenvolvimento, redução das desigualdades locais e globais, protecção do ambiente, dos recursos e do clima, exigem que todos os responsáveis internacionais ajam conjuntamente e demonstrem uma rapidez no agir em boa fé, no respeito da lei e na promoção da solidariedade em relação às regiões mais débeis do planeta.

... a acção internacional destinada a preservar o ambiente e a proteger as várias formas de vida sobre a terra não deve garantir apenas um uso racional da tecnologia e da ciência, mas deve também redescobrir a imagem autêntica da criação.”



Audiência Geral, 26 de agosto de 2009[78]

Enquanto se volta às actividades quotidianas, como deixar de dar graças a Deus pelo dom precioso da criação, a qual é possível desfrutar, e não só durante o período das férias! Os diferentes fenómenos de degradação ambiental e as calamidades naturais que infelizmente, não raro, a crónica registra, evocam-nos a urgência do respeito devido à natureza, recuperando e valorizando, na vida de todos os dias, uma relação correcta com o meio ambiente.

A terra é um dom precioso do Criador, que delineou os ordenamentos intrínsecos, indicando-nos assim os sinais orientativos que devemos respeitar como administradores da sua criação. É precisamente a partir desta consciência, que a Igreja considera as questões ligadas ao meio ambiente e à sua salvaguarda intimamente vinculadas ao tema do desenvolvimento humano integral.

... Sentindo a comum responsabilidade pela criação (cf. *ibid.*, n. 51), a Igreja não apenas está comprometida em promover a defesa da terra, da água e do ar, oferecidas pelo Criador a todos, mas sobretudo compromete-se em proteger o homem contra a destruição de si mesmo.

... Portanto a criação, matéria estruturada de modo inteligente por Deus, está confiada à responsabilidade do homem, que é capaz de a interpretar e de a voltar a modelar

activamente, sem se considerar seu senhor absoluto. Ao contrário, o homem é chamado a exercer um governo responsável para a conservar, fazer frutificar e cultivar, encontrando os recursos necessários para uma existência digna de todos.

...É indispensável transformar o atual modelo de desenvolvimento global numa tomada de responsabilidade, maior e mais compartilhada em relação à criação: exigem-no não só as emergências ambientais, mas inclusive o escândalo da fome e da miséria.



Mensagem pelo Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2010[79]

Tema: Se desejas cultivar a paz, preserva a criação.

O respeito pela criação reveste-se de grande importância, designadamente porque «a criação é o princípio e o fundamento de todas as obras de Deus»[CIC 198] e a sua salvaguarda torna-se hoje essencial para a convivência pacífica da humanidade.

...O Concílio Ecuménico Vaticano II lembrou que «Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos».[14] Por isso, a herança da criação pertence à humanidade inteira. Entretanto o ritmo actual de exploração põe seriamente em perigo a disponibilidade de alguns recursos naturais não só para a geração actual, mas sobretudo para as gerações futuras.[15] Ora não é difícil constatar como a degradação ambiental é muitas vezes o resultado da falta de projectos políticos clarividentes ou da persecução de míopes interesses económicos, que se transformam, infelizmente, numa séria ameaça para a criação. Para contrastar tal fenómeno, na certeza de que «cada decisão económica tem consequências de carácter moral»,[16] é necessário também que a actividade económica seja mais respeitadora do ambiente. Quando se lança mão dos recursos naturais, é preciso preocupar-se com a sua preservação prevendo também os seus custos em termos ambientais e sociais, que se devem contabilizar como uma parcela essencial da actividade económica. Compete à comunidade internacional e aos governos nacionais dar os justos sinais para contrastar de modo eficaz, no uso do ambiente, as modalidades que resultem danosas para o mesmo. Para proteger o ambiente e tutelar os recursos e o clima é preciso, por um lado, agir no respeito de normas bem definidas mesmo do ponto de vista jurídico e económico e, por outro, ter em conta a solidariedade devida a quantos habitam nas regiões mais pobres da terra e às gerações futuras.

...A questão ecológica não deve ser enfrentada apenas por causa das pavorosas perspectivas que a degradação ambiental esboça no horizonte; o motivo principal há- de ser a busca duma autêntica solidariedade de dimensão mundial, inspirada pelos valores da caridade, da justiça e do bem comum.

...As situações da crise que a humanidade está atravessando, de carácter económico, alimentar, ambiental ou social, no fundo são também crises morais e estão todas interligadas.



Discurso aos estudantes e professores participantes de projeto promovido pela fundação *Sorella Natura*, 28 de novembro de 2011[80]

Estimados amigos, tendo em consideração com estima as mais importantes investigações e descobertas científicas, a Igreja nunca deixou de recordar que, respeitando o vestígio do Criador em toda a criação, é possível compreender melhor a nossa verdadeira e profunda identidade humana. Se for vivido bem, este respeito pode ajudar a juventude a descobrir também talentos e atitudes pessoais, e portanto a preparar-se para uma determinada profissão, que procurará realizar sempre no respeito pelo meio ambiente. Com efeito, se no seu trabalho o homem esquecer que é colaborador de Deus, pode violar a criação e provocar danos que têm sempre consequências negativas também sobre o homem, como infelizmente vemos em várias circunstâncias. Hoje mais do que nunca, parece-nos claro que o respeito pelo meio ambiente não pode esquecer o reconhecimento do valor da pessoa humana e da sua inviolabilidade, em cada fase da vida e em todas as condições. O respeito pelo ser humano e o respeito pela natureza são uma só coisa, mas ambos só podem crescer e adquirir a sua justa medida, se nós respeitarmos o Criador e a sua criação na criatura humana e na natureza. Amados jovens, a este propósito, estou convicto de encontrar em vós aliados, verdadeiros «guardiães da vida e da criação».

Viagem apostólica à Alemanha, discurso na visita ao Parlamento Federal, 22 de setembro de 2011[81]

Pessoas jovens deram-se conta de que, nas nossas relações com a natureza, há algo que não está bem; que a matéria não é apenas um material para nossa feitura, mas a própria terra traz em si a sua dignidade e devemos seguir as suas indicações. É claro que aqui não faço propaganda por um determinado partido político; nada me seria mais alheio do que isso. Quando na nossa relação com a realidade há qualquer coisa que não funciona, então devemos todos reflectir seriamente sobre o conjunto e todos somos reenviados à questão acerca dos fundamentos da nossa própria cultura. Seja-me permitido deter-me um momento mais neste ponto. A importância da ecologia é agora indiscutível. Devemos ouvir a linguagem da natureza e responder-lhe



coerentemente. Mas quero insistir num ponto que - a meu ver -, hoje como ontem, é descurado: existe também uma ecologia do homem. Também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece.

O homem não é apenas uma liberdade que se cria por si própria. O homem não se cria a si mesmo. Ele é espírito e vontade, mas é também natureza, e a sua vontade é justa quando respeita a natureza e a escuta e quando se aceita a si mesmo por aquilo que é e que não se criou por si mesmo. Assim mesmo, e só assim, é que se realiza a verdadeira liberdade humana.

Mensagem ao presidente da CNBB por ocasião da Campanha da Fraternidade 2011[82]

“Assim como o pecado destrói a criação, esta é também restaurada quando se fazem presentes os filhos de Deus.”

“O homem só será capaz de respeitar as criaturas na medida em que tiver no seu espírito um sentido pleno da vida; caso contrário, será levado a desprezar-se a si mesmo e àquilo que o circunda, a não ter respeito pelo ambiente em que vive, pela criação.

... O dever de cuidar do meio-ambiente é um imperativo que nasce da consciência de que Deus confia a sua criação ao homem não para que este exerça sobre ela um domínio arbitrário, mas que a conserve e cuide como um filho cuida da herança de seu pai”





Audiência geral, 6 de fevereiro de 2013[83]

Tema: Eu creio em Deus: o Criador do Céu e da terra, o Criador do ser humano

O Credo, que começa qualificando Deus como «Pai Todo-Poderoso», como pudemos meditar na semana passada, acrescenta em seguida que Ele é o «Criador do céu e da terra», e assim retoma a afirmação com a qual Bíblia começa. Com efeito, no primeiro versículo da Sagrada Escritura lê-se: «No princípio Deus criou o céu e a terra» (Gn 1, 1): Deus é a origem de todas as coisas, e é na beleza da criação que se manifesta a sua onipotência de Pai que ama.

Deus manifesta-se como Pai na criação, enquanto origem da vida e, ao criar, demonstra a sua onipotência. As imagens utilizadas pela Sagrada Escritura a este propósito são muito sugestivas (cf. Is 40, 12; 45, 18; 48, 13; Sl 104, 2.5; 135, 7; Pr 8, 27-29; Job 38-39). Como Pai bom e poderoso, o Pai cuida daquilo que criou com um amor e uma fidelidade que nunca esmorecem, como recordam reiteradamente os Salmos (cf. Sl 57, 11; 108, 5; 36, 6). Assim, a criação torna-se um lugar onde conhecer e reconhecer a onipotência do Senhor e a sua bondade, tornando-se apelo à nossa fé, de nós crentes, para que proclamemos Deus como Criador.

... Mas hoje a nossa pergunta é: na época da ciência e da técnica, ainda tem sentido falar de criação? Como devemos compreender as narrações do Génesis? A Bíblia não quer ser um manual de ciências naturais; ao contrário, deseja compreender a verdade autêntica e profunda da realidade. A verdade fundamental que as narrações do Génesis nos revelam é que o mundo não é um conjunto de forças contrastantes entre si, mas tem a sua origem e a sua estabilidade no Logos, na Razão eterna de Deus, que continua a sustentar o universo. Existe um desígnio sobre o mundo que nasce desta Razão, do Espírito criador. Julgar que isto está na base de tudo ilumina todos os aspectos da existência e infunde a coragem de enfrentar a aventura da vida com confiança e esperança. Portanto, a Escritura diz-nos que a origem do ser, do mundo, a nossa origem não é o irracional, mas a razão, o amor e a liberdade. Por isso, a alternativa: ou prioridade do irracional, da necessidade, ou prioridade da razão, da liberdade e do amor. Nós cremos nesta última posição.

Papa Francisco

Sem dúvidas o Papa Francisco destaque-se dentre os outros Papas no que diz respeito ao cuidado da criação. Diferente de seus predecessores, o Papa Francisco traz a ecoteologia e o cuidado com a criação para o centro da prática pastoral e do projeto de Igreja no seu pontificado. A urgência inevitável de atender à crise climática e socioambiental nesta época em que o Papa Francisco assume o título pontifício, fez com que ele fosse capaz de compreender a responsabilidade de toda a Igreja Católica em viver nestes tempos desafiadores com coerência à fé na criação e no Evangelho da

criação. Suas reflexões sobre o cuidado com a criação permeiam diversas áreas, tanto pela dimensão espiritual do valor da criação quanto pela dimensão multidisciplinar da interligação das crises em que vivemos. Há muito já escrito e proferido pelo Papa Francisco sobre a criação em geral, sobre o clima, sobre a água, sobre biomas, sobre os animais, sobre os pobres e mais vulneráveis como mais afetados pelas crises climáticas e socioambientais, sobre políticas e sistemas econômicos que precisam mudar para manter a capacidade de vida na terra, sobre



desinvestimento em combustíveis fósseis, sobre estilos de vida mais sustentáveis, sobre os povos indígenas, e muito mais.

Sua encíclica *Laudato Si'* e a exortação pós-sinodal *Querida Amazonia* já se tornaram marcos referenciais para o desenvolvimento da pastoral ecológica e da ecoteologia na Igreja Católica. Optamos por destacar aqui algumas das mensagens relevantes do seu pontificado em relação ao cuidado da criação, já que os dois documentos mencionados já têm mais visibilidade e reconhecimento. O grande diferencial em seu desenvolvimento sobre o cuidado com a criação é a chave de leitura da ecologia integral, segundo aquilo proposto na *Laudato Si'*, por esta razão também a questão ecológica costuma aparecer em suas diversas mensagens e discursos mesmo quando não são o tema principal.

Mensagem ao presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz por ocasião do encontro com representantes de comunidades do setor mineiro, 17 de julho de 2015[84]

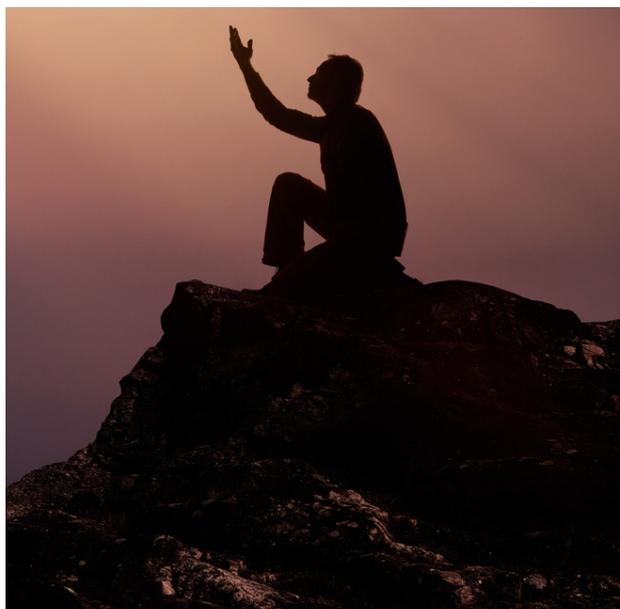
Os minerais e, geralmente, as riquezas do solo e do subsolo constituem um dom precioso de Deus, do qual a humanidade faz uso há milénios (cf. Jb 28, 1-10). Os minerais, com efeito, são fundamentais para numerosos sectores da vida e da actividade humana. Na Encíclica *Laudato si'* quis dirigir um apelo urgente a colaborar na protecção da nossa casa comum, contrastando as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres e dos excluídos, e avançando rumo a um desenvolvimento integral, inclusivo e sustentável (cf. 13). Sem dúvida, todo o sector mineiro está chamado a realizar uma mudança de paradigma para melhorar a situação em muitos países. Neste sentido, podem dar a própria contribuição os Governos nos países de origem das sociedades multinacionais e os Governos dos países nos quais elas trabalham, os empresários e os investidores, as autoridades que supervisionam o andamento das actividades mineiras, os operários e os seus representantes, as cadeias de abastecimento internacionais com vários intermediários e quantos trabalham nos mercados destas matérias, os consumidores de bens para a realização dos quais foram utilizados os minerais. Todas estas pessoas estão chamadas a adoptar um comportamento inspirado na convicção de que constituímos uma só família humana, «tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros» (ibid., 70).

Carta por ocasião da instituição do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, 6 de agosto de 2015[85]

Como cristãos, queremos oferecer a nossa contribuição para a superação da crise ecológica que a humanidade está vivendo. Por isso devemos, antes de tudo, buscar no nosso rico património espiritual as motivações que alimentam a paixão pelo cuidado da criação, lembrando sempre que para aqueles que crêem em Jesus Cristo, Verbo de Deus que se fez homem por nós, «a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia» (ibid., 216). A crise ecológica nos chama, portanto, a uma profunda conversão espiritual: os cristãos são chamados a uma «conversão ecológica, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus» (ibid., 217). De fato, «viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa» (ibid.).

Anualmente, o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação oferecerá a cada fiel e às comunidades a preciosa oportunidade para renovar a adesão pessoal à própria vocação de guardião da criação, elevando a Deus o agradecimento pela obra maravilhosa que Ele confiou ao nosso cuidado, invocando a sua ajuda para a protecção da criação e a sua misericórdia pelos pecados cometidos contra o mundo em que vivemos. A celebração deste Dia, na mesma data, com a Igreja Ortodoxa, será uma ocasião profícua para testemunhar a nossa crescente comunhão com os irmãos

ortodoxos. Vivemos num tempo em que todos os cristãos enfrentam idênticos e importantes desafios, diante dos quais, para ser mais críveis e eficazes, devemos dar respostas comuns. Por isto, é meu desejo que este Dia também possa envolver, de alguma forma, outras Igrejas e Comunidades eclesiais, e ser celebrado em sintonia com as iniciativas que o Conselho Mundial de Igrejas promove sobre este tema.



Palavras durante a visita à iniciativa dos Focolares e do Earth Day Itália, 24 de abril de 2016[86]

Ouvindo-vos falar, vieram-me à mente duas imagens: o deserto e a floresta. E pensei: estas pessoas, todos vós, transformam o deserto em floresta. Vão onde existem desertos, onde não há esperança, e realizam ações que levam este deserto a transformar-se em floresta. A floresta está cheia de árvores, de verde, mas está demasiado desordenada... contudo, a vida é assim! E passar do deserto para a floresta é um bonito trabalho que levais a cabo. Vós transformais desertos em florestas! E depois veremos como se podem regular certas situações na floresta... Mas ali há vida, aqui não: no deserto há morte.

Mensagem pelo Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, 1 de setembro de 2016[87]

Com esta Mensagem, renovo o diálogo com «cada pessoa que habita neste planeta» sobre os sofrimentos que afligem os pobres e a devastação do meio ambiente. Deus deu-nos de presente um exuberante jardim, mas estamos a transformá-lo numa poluída vastidão de «ruínas, desertos e lixo».[LS 3; 161] Não podemos render-nos ou ficar indiferentes perante a perda da biodiversidade e a destruição dos ecossistemas, muitas vezes provocadas pelos nossos comportamentos irresponsáveis e egoístas. «Por nossa causa, milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem. Não temos direito de o fazer».[LS 33]

O planeta continua a aquecer, em parte devido à atividade humana: o ano de 2015 foi o ano mais quente de que há registo e, provavelmente, o ano de 2016 sê-lo-á ainda mais. Isto provoca secura, inundações, incêndios e acontecimentos meteorológicos extremos cada vez mais graves. As mudanças climáticas contribuem também para a dolorosa crise dos migrantes forçados. Os pobres do mundo, embora sejam os menos responsáveis pelas mudanças climáticas, são os mais vulneráveis e já sofrem os seus efeitos.

Como salienta a ecologia integral, os seres humanos estão profundamente ligados entre si e à criação na sua totalidade. Quando maltratamos a

natureza, maltratamos também os seres humanos. Ao mesmo tempo, cada criatura tem o seu próprio valor intrínseco que deve ser respeitado. Escutemos «tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres»[LS 49] e procuremos atentamente ver como se pode garantir uma resposta adequada e célere.

Mensagem ao presidente da COP22, 10 de novembro de 2016[88]

Um dos contributos principais deste Acordo [de Paris] é o estímulo a promover estratégias de desenvolvimento nacionais e internacionais baseadas numa qualidade ambiental que poderíamos definir solidária; de facto, ele encoraja à solidariedade em relação às populações mais vulneráveis, estimulando os fortes vínculos existentes entre a luta contra a mudança climática e contra a pobreza. Apesar de serem múltiplos os elementos de carácter técnico chamados em causa neste âmbito, estamos cientes também de que não se pode limitar tudo só às dimensões económica e tecnológica: as soluções técnicas são necessárias mas não suficientes; é essencial e oportuno ter atentamente em consideração também os aspetos éticos e sociais do novo paradigma de desenvolvimento e de progresso.

Aqui entramos nos campos fundamentais da educação e da promoção de estilos de vida destinados a favorecer modelos de produção e consumo sustentáveis (cf. *ibid.*, 180); evocando a necessidade de fazer crescer uma consciência responsável pela nossa casa comum (cf. *ibid.*, 202.231). Para tal tarefa são chamados a dar o próprio contributo todos os Estados Parte assim como os *non-Party stakeholders*: a sociedade civil, o setor privado, o mundo científico, as instituições financeiras, as autoridades subnacionais, as comunidades locais, as populações indígenas.

Discurso aos participantes no 3o Fórum dos Povos Indígenas organizado pelo IFAD, 15 de fevereiro de 2017[89]

Reunistes-vos a fim de identificar as modalidades para uma maior responsabilização económica dos povos autóctones. Acho que o problema essencial é como reconciliar o direito ao desenvolvimento, inclusive o social e cultural, com a tutela das características próprias dos indígenas e dos seus territórios.

Isto é evidente sobretudo quando se vão estruturando atividades económicas que podem interferir com as culturas indígenas e a sua relação ancestral com a terra. Neste sentido, deveria prevalecer sempre o direito ao consenso prévio

e informado, como prevê o art. 32 da Declaração sobre os direitos dos povos indígenas. Só assim é possível assegurar uma colaboração pacífica entre autoridades governamentais e povos indígenas, superando oposições e conflitos.

Um segundo aspeto refere-se à elaboração de linhas-guia e projetos que sejam inclusivos da identidade indígena, com uma atenção especial aos jovens e às mulheres. Inclusão e não apenas consideração! para os Governos, isto significa reconhecer que as Comunidades autóctones são um componente da população a valorizar e consultar, e cuja participação nos planos local e nacional deve ser favorecida. Não se pode permitir uma marginalização nem uma divisão em classes: primeira classe, segunda classe... Integração com plena participação.

Mensagem aos participantes do seminário sobre direito à água, promovido pela Pontifícia Academia das Ciências, 24 de fevereiro de 2017[90]

Como lemos no livro do Génesis, a água está no princípio de tudo (cf. Gn 1, 2); é «criatura útil, pura e humilde», fonte de vida e de fecundidade (cf. São Francisco de Assis, Cântico das Criaturas). Por este motivo, a questão que tratamos não é marginal, mas fundamental e muito urgente. Fundamental porque onde há água há vida, e então a sociedade pode formar-se e progredir. E urgente porque a nossa casa comum tem necessidade de tutela e, além disso, que se compreenda que nem toda a água é vida: somente a água segura e de qualidade — prosseguindo com a figura de São Francisco: a água «que serve com humildade», a água «pura», não poluída.

... O nosso direito à água constitui também um dever para com a água. Do direito que a ela temos deriva inclusive uma obrigação que lhe está vinculada e dela não se pode separar. É imprescindível anunciar este direito humano essencial e defendê-lo — como atualmente se está a fazer — mas também agir de modo concreto, assegurando um compromisso político e jurídico a favor da água. Neste sentido, cada Estado é chamado a concretizar, inclusive mediante instrumentos jurídicos, quanto foi indicado pelas Resoluções aprovadas pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 2010, acerca do direito humano à água potável e à higiene. Por outro lado, todos os protagonistas não estatais devem assumir as responsabilidades que lhes são próprias em relação a tal direito.

O direito à água é determinante para a sobrevivência das pessoas (cf. *Ibidem*, n. 30) e decide o futuro da humanidade. É prioritário também educar as próximas gerações a propósito da gravidade desta realidade. A formação da consciência constitui uma tarefa difícil; exige convicção e dedicação. Questiono-me então se, no meio desta «terceira guerra mundial em pedaços», que hoje estamos a viver, não caminhamos porventura rumo à grande guerra mundial pela água.

Mensagem aos participantes da 4a conferência “Our ocean, an Ocean for life”, assinada pelo cardeal Piero Parolin, 27 de setembro de 2017[91]

Os oceanos são a herança comum da família humana. Somente com um profundo senso de humildade, admiração e gratidão podemos falar corretamente do oceano como “nosso”. Cuidar dessa herança comum envolve necessariamente rejeitar formas cínicas ou indiferentes de agir. Não podemos fingir que ignoramos os resultantes problemas da poluição dos oceanos, por exemplo, dos plásticos e microplásticos que entram na cadeia alimentar e causam graves consequências para a saúde marinha e humana. Também não podemos ficar indiferentes perante a perda dos recifes de coral, lugares essenciais para a sobrevivência da biodiversidade marinha e a saúde dos oceanos, ao testemunharmos um maravilhoso mundo marinho sendo transformado num cemitério subaquático, destituído de cor e vida (cf. *Laudato Si'*, 41).

Discurso no Encontro com os Povos da Amazônia, 19 de janeiro de 2018[92]

Vejo que viestes dos diferentes povos originários da Amazônia: Harakbut, Esse-ejas, Matsigenkas, Yines, Shipibos, Asháninkas, Yaneshas, Kakintes, Nahuas, Yaminahuas, Huni Kuin, Madijá, Manchineris, Kukamas, Kandozi, Quichuas, Huitotos, Shawis, Achuar, Boras, Awajún, Wampis, entre outros. Vejo também que nos acompanham povos originários dos Andes que chegaram à floresta e se fizeram amazônicos. Muito desejei este encontro. Quis começar daqui a visita ao Perú. Obrigado pela vossa presença e por nos ajudardes a ver mais de perto, nos vossos rostos, o reflexo desta terra. Um rosto plural, duma variedade infinita e duma enorme riqueza biológica, cultural e espiritual. Nós, que não habitamos nestas terras, precisamos da vossa sabedoria e dos vossos conhecimentos para podermos penetrar – sem o destruir – no tesouro que encerra esta região, ouvindo ressoar as palavras do Senhor a Moisés: «Tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa» (Ex 3, 5).

Deixai-me dizer mais uma vez: Louvado seiais, Senhor, por esta obra maravilhosa dos povos amazónicos e por toda a biodiversidade que estas terras contêm!

Este cântico de louvor esboroa-se quando ouvimos e vemos as feridas profundas que carregam consigo a Amazónia e os seus povos. Quis vir visitar-vos e escutar-vos, para estarmos juntos no coração da Igreja, solidarizarmos com os vossos desafios e, convosco, reafirmarmos uma opção sincera em prol da defesa da vida, defesa da terra e defesa das culturas.

Provavelmente, nunca os povos originários amazónicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como o estão agora. A Amazónia é uma terra disputada em várias frentes: por um lado, a nova ideologia extrativa e a forte pressão de grandes interesses económicos cuja avidez se centra no petróleo, gás, madeira, ouro e monoculturas agroindustriais; por outro, a ameaça contra os vossos territórios vem da perversão de certas políticas que promovem a «conservação» da natureza sem ter em conta o ser humano, nomeadamente vós irmãos amazónicos que a habitais. Temos conhecimento de movimentos que, em nome da conservação da floresta, se apropriam de grandes extensões da mesma e negociam com elas gerando situações de opressão sobre os povos nativos, para quem, assim, o território e os recursos naturais que há nele se tornam inacessíveis. Este problema sufoca os vossos povos, e causa a migração das novas gerações devido à falta de alternativas locais. Devemos romper com o paradigma histórico que considera a Amazónia como uma despensa inesgotável dos Estados, sem ter em conta os seus habitantes.

Discurso aos participantes do encontro de dirigentes de empresas ligadas ao setor de energia, 9 de junho de 2018[93]

Como sabeis, em dezembro de 2015, 196 nações negociaram e adotaram o Acordo de Paris, com a firme intenção de limitar o aumento do aquecimento global abaixo de 2°C em relação aos patamares pré-industriais e, se possível, abaixo de 1,5°C. Dois anos e meio mais tarde, as emissões de CO₂ e as concentrações atmosféricas devidas aos gases de efeito estufa são sempre muito elevadas. Isto é bastante inquietante e preocupante.

Suscitam apreensão também as contínuas explorações em busca de novas

reservas de combustível fóssil, enquanto o Acordo de Paris aconselha claramente a manter no subsolo a maior parte do carburante fóssil. Eis por que razão é necessário debater juntos — industriais, investidores, pesquisadores e usuários — sobre a transição e a procura de alternativas. A civilização requer energia, mas o uso da energia não deve destruir a civilização!

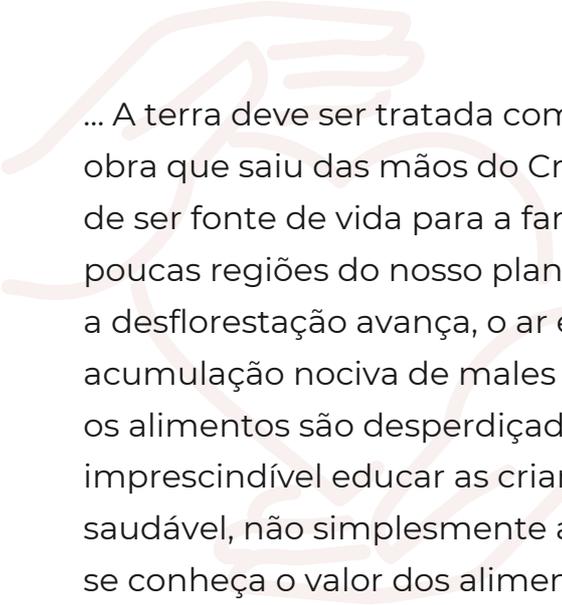
A descoberta de uma adequada mistura energética é fundamental para combater a poluição, erradicar a pobreza e promover a equidade social. Muitas vezes, estes aspetos fortalecem-se reciprocamente, uma vez que a cooperação no campo energético está destinada a incidir sobre a diminuição da pobreza, sobre a promoção da inclusão social e sobre a salvaguarda ambiental. Trata-se de objetivos para cuja consecução é necessário assumir a perspetiva dos direitos dos povos e das culturas (cf. *Laudato si'*, 144).

Mensagem aos participantes de uma jornada de estudos promovida pela FAO, 13 de dezembro de 2018[94]

Obrigado por me terdes convidado a dirigir-vos algumas palavras no início do Dia «Água, agricultura e alimentação. Construamos o amanhã», organizada por várias instituições académicas, sociais e eclesiais, com a participação dos Organismos das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, com sede em Roma.

A temática que vos reuniu fez-me recordar o salmista que, grato, reconhece que «o Senhor nos há de conceder a chuva e a nossa terra produzirá os seus frutos» (Sl 85, 13). Noutro momento, o profeta Isaías compara a palavra de Deus com a água da chuva que molha a terra, levando-a a germinar, «para que dê o grão ao sementeiro e o pão para comer» (55, 10).

A chuva, a colheita e o alimento. A sabedoria bíblica via uma estreita ligação entre estes elementos e interpretava-os a partir da ótica da ação de graças, e nunca da voracidade nem da exploração. A fé e a experiência das pessoas crentes leva-as a este reconhecimento, que para nós se transforma num urgente apelo à responsabilidade, a não permanecermos presos em cálculos mesquinhos, os quais impedem que se ajudem os menos favorecidos, quantos se veem privados do mínimo necessário. A tal propósito, o subtítulo que quisestes dar às vossas reflexões é inspirador, porque o vocábulo «construir» contém em si um sentido de positividade, a contribuição de um benefício, a abertura ao próximo, a reciprocidade e a colaboração. Não deveis esquecer estas chaves, porque o amanhã que todos desejamos só poderá ser o resultado de uma cooperação leal, solidária e generosa.



... A terra deve ser tratada com ternura, para não a ferir, para não arruinar a obra que saiu das mãos do Criador. Quando isto não acontece, a terra deixa de ser fonte de vida para a família humana. E é isto que se verifica em não poucas regiões do nosso planeta, onde a água está poluída, o lixo se acumula, a desflorestação avança, o ar é viciado e o solo acidificado. Tudo isto gera uma acumulação nociva de males e misérias, que constatamos também quando os alimentos são desperdiçados e não compartilhados; portanto, é imprescindível educar as crianças e os jovens a alimentar-se de modo saudável, não simplesmente a comer. Nutrir-se corretamente comporta que se conheça o valor dos alimentos, libertando-se do consumismo frenético e compulsivo, e que se faça da mesa um lugar de encontro e de fraternidade, e não apenas o espaço para a ostentação, o desperdício e as veleidades.

Mensagem pelo Dia Mundial da Água, 22 de março de 2019[95]

Nos nossos dias sente-se que a aridez do planeta está a propagar-se em novas regiões, e são cada vez mais aqueles que sofrem por causa da falta de fontes de água idónea para o consumo. Por este motivo, “Não deixar ninguém para trás” significa comprometer-se para pôr fim a esta injustiça. O acesso a este bem é um direito humano fundamental, que se deve respeitar porque estão em jogo a vida das pessoas e a sua própria dignidade (cf. Carta Encíclica *Laudato si'*, 30).

O trabalho conjunto é essencial para poder erradicar este mal que flagela muitos dos nossos irmãos. Isto só será possível, se se unirem os esforços na busca do bem comum onde o outro, com um rosto concreto, assuma protagonismo e se insira no centro do debate e das iniciativas. Só assim as medidas adotadas terão sabor de encontro e o valor de resposta a uma injustiça que deve ser remediada.

“Não deixar ninguém para trás” quer dizer também adquirir consciência da necessidade de responder com gestos concretos; não apenas com a manutenção ou com o aperfeiçoamento de estruturas hídricas, mas também investindo no futuro, educando as novas gerações para o uso e o cuidado da água. Esta tarefa de conscientização é uma prioridade num mundo em que tudo é descartável e desprezado, e que em muitos casos não avalia a importância dos recursos que temos à nossa disposição.

As novas gerações são chamadas — juntamente com todos os habitantes do planeta — a valorizar e a defender este bem. Trata-se de uma tarefa que começa com a sensibilização em relação às pessoas que sofrem as consequências inevitáveis da mudança climática e a todos aqueles que são vítimas de alguma forma de exploração ou de poluição da água, por diferentes fatores. Este desafio educativo gerará uma nova visão deste bem, produzindo gerações capazes de valorizar e amar os recursos que a nossa mãe Terra nos proporciona.

Mensagem aos participantes da conferência internacional “O bem comum nos nossos mares”, 16 de abril de 2019[96]

Com base na justiça intergeracional e na integridade da vida que abrange o tempo e o espaço (cf. *Lumen fidei*, n. 57), espero que a solidariedade e a solicitude fraterna que estende a mão da amizade e da compaixão aos mais pobres entre os nossos irmãos e irmãs encontrem expressão concreta no apoio às comunidades litorâneas e a quantos trabalham nos nossos mares, os quais com muita frequência são atingidos de maneira desproporcional pela mudança climática e pelas injustiças de modelos de desenvolvimento insustentável.

Em segundo lugar, estou confiante de que ao examinar as ameaças produzidas pela gestão injusta dos nossos mares e pela manipulação criminosa das indústrias marítimas — e não menos importante a chaga do tráfico de seres humanos — uma abordagem cada vez mais interdisciplinar e dialógica promoverá uma série de respostas mais eficazes aos complexos desafios que devemos enfrentar.

O diálogo não é um mero método nem uma estratégia para obter resultados, ao contrário, ele reflete a própria natureza do cosmos, pois Deus cria o mundo e tudo o que ele contém não de modo abstrato nem distante, mas pronunciando a sua palavra: «Deus disse: “Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus”» (Gn 1, 20). Por conseguinte, refletindo a qualidade essencial da ordem criada, o diálogo não só é desejável mas essencial: diálogo entre religiões, diálogo entre nações, diálogo entre crentes e não crentes, diálogo entre as ciências, diálogo entre ricos e pobres, diálogo para todos! Certamente não é uma tarefa simples, mas «a gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade» (cf. *Laudato si'*, n. 201).

Audiência Geral, 20 de maio de 2020 [97]

Tema: O mistério da Criação

A primeira página da Bíblia assemelha-se a um grandioso hino de ação de graças. A narração da Criação é cadenciada por refrões, nos quais são constantemente reiteradas a bondade e a beleza de tudo o que existe. Com a sua palavra, Deus chama à vida, e todas as coisas passam a existir. Com a palavra, separa a luz das trevas, alterna o dia e a noite, intercala as estações, abre uma paleta de cores com a variedade das plantas e dos animais. Nesta floresta transbordante que rapidamente derrota o caos, o homem aparece em último lugar. E esta aparição provoca um excesso de exultação, que amplifica a satisfação e a alegria: «Deus contemplou a sua obra, e viu que tudo era muito bom» (Gn 1, 31). Bom, mas também belo: vê-se a beleza de toda a Criação!

A beleza e o mistério da Criação geram no coração do homem o primeiro movimento que suscita a oração (cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2.566).

... Louvemos a Deus, felizes simplesmente por existir. Olhemos para o universo, contemplemos as belezas e também as nossas cruces, e digamos: “Mas tu existes e fizeste-nos assim, para ti”. É necessário sentir esta inquietação do coração, que leva a dar graças e a louvar a Deus. Somos os filhos do grande Rei, do Criador, capazes de ler a sua assinatura em toda a Criação; a Criação que hoje não preservamos, mas na Criação está a assinatura de Deus, que a fez por amor. Que o Senhor nos faça compreender isto cada vez mais profundamente, levando-nos a dizer “obrigado”, e este “obrigado” é uma bonita oração!

Mensagem em vídeo aos trabalhadores marítimos e suas famílias, 17 de junho de 2020[98]

Amados irmãos e irmãs!

Estes são tempos difíceis para o mundo porque estamos a lidar com o sofrimento causado pelo coronavírus. O vosso trabalho como marinheiros e pescadores tornou-se ainda mais importante, para fornecer à grande família humana alimentos e outros bens de primeira necessidade. Por isso, vos agradeço. Também porque se trata de uma categoria muito exposta. Nos últimos meses, a vossa vida e o vosso trabalho mudaram consideravelmente e enfrentastes — e ainda enfrentais — muitos sacrifícios, longos períodos de distância a bordo de navios sem poder descer à terra. A distância da família, dos amigos e do vosso país, o medo do contágio, todos estes elementos são um fardo pesado a suportar, agora mais do que nunca.



Gostaria de vos dizer: sabeis que não estais sozinhos nem esquecidos. O vosso trabalho no mar afasta-vos muitas vezes, mas estais presentes nas minhas orações e pensamentos, bem como nos dos capelães e dos voluntários da “Stella Maris”. O próprio Evangelho nos lembra isto quando nos fala de Jesus com os seus primeiros discípulos, que eram todos pescadores, como vós. Hoje desejo enviar-vos uma mensagem e uma oração de esperança, uma oração de conforto e de consolo contra toda a adversidade e, ao mesmo tempo, encorajo quantos trabalham convosco na pastoral dos marítimos.

Que o Senhor abençoe cada um de vós, abençoe o vosso trabalho e as vossas famílias; e que a Virgem Maria, Estrela do Mar, vos proteja sempre. Também eu vos abençoo e rezo por vós. E vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

O Vídeo do Papa, intenção de oração para o mês de setembro de 2021[99]

Um estilo de vida ecossustentável

Fico muito feliz em ver que os jovens têm a grandeza de empreender projetos de melhoria ambiental e social, já que as duas coisas caminham juntas.

Nós, adultos, podemos aprender muito com os jovens, porque, em tudo o que diz respeito ao cuidado do planeta, os jovens estão na vanguarda.

Aproveitemos o seu exemplo, reflitamos, especialmente nestes momentos de crise, crise sanitária, crise social, crise ambiental, reflitamos sobre o nosso estilo de vida.

Sobre a forma como nos alimentamos, consumimos, deslocamo-nos, ou o uso que fazemos da água, da energia e do plástico, e de tantos bens materiais que muitas vezes são prejudiciais à Terra.

Vamos escolher mudar! Vamos avançar com os jovens para estilos de vida mais simples e que respeitam o meio ambiente.

E rezemos para que todos nós tomemos as decisões corajosas, as decisões necessárias para uma vida mais sóbria e ecossustentável, sendo inspirados pelos jovens que estão comprometidos com esta mudança. E eles não são tolos, porque estão comprometidos com seu futuro. É por isso que eles querem mudar o que vão herdar num tempo em que nós já não estaremos lá.

2.3 Ensinaamentos do Magistério da Igreja

Doutrina Social da Igreja

O primeiro documento que compõem a Doutrina Social da Igreja é de 1891, *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, apesar de que as origens destas reflexões remontam a Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Desde então, 19 documentos já foram escritos por Papas tratando sobre a dignidade humana e o bem comum na sociedade. A encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, foi a primeira totalmente dedicada à questão ambiental, apesar de outras encíclicas da Doutrina Social da Igreja já tocarem em aspectos sobre o meio ambiente e sua relação com a dignidade humana, condições de trabalho e desenvolvimento da sociedade. A seguir trazemos citações destas outras encíclicas que fundamentam o valor intrínseco da questão social para o cuidado com a criação. Algumas cartas encíclicas já mencionadas dos predecessores do Papa Francisco também fazem parte dos 19 documentos, aqui destacamos algumas anteriores.

Leão XIII, *Rerum Novarum* 18[91]

“Mais ainda: é para as classes desafortunadas que o coração de Deus parece inclinar-se mais. Jesus Cristo chama aos pobres bem-aventurados [Mt 5,3]: convida com amor a virem a Ele, a fim de consolar a todos os que sofrem e que choram [Mt 11,18]; abraça com caridade mais terna os pequenos e os oprimidos. Estas doutrinas foram, sem dúvida alguma, feitas para humilhar a alma altiva do rico e torná-lo mais condescendente, para reanimar a coragem daqueles que sofrem e inspirar-lhes resignação. Com elas se acharia diminuído um abismo causado pelo orgulho, e se obteria sem dificuldade que as duas classes se dessem as mãos e as vontades se unissem na mesma amizade.”

Mas é ainda demasiado pouco a simples amizade: se se obedecer aos preceitos do cristianismo, será no amor fraterno que a união se operará. Duma parte e doutra se saberá e compreenderá que os homens são todos absolutamente nascidos de Deus, seu Pai comum; que Deus é o seu único e comum fim, que só Ele é capaz de comunicar aos anjos e aos homens uma felicidade perfeita e absoluta; que todos eles foram igualmente resgatados por Jesus Cristo e restabelecidos por Ele na sua dignidade de filhos de Deus, e que assim um verdadeiro laço de fraternidade os une,-quer entre si, quer a Cristo, seu Senhor, que é «o primogénito de muitos irmãos»[Rm 8,29]. Eles saberão, enfim, que todos os bens da natureza, todos os tesouros da graça, pertencem em comum

e indistintamente a todo o género humano e que só os indignos é que são deserdados dos bens celestes: «Se vós sois filhos, sois também herdeiros, herdeiros de Deus, co- herdeiros de Jesus Cristo» (Rm 8,17).

Tal é a economia dos direitos e dos deveres que ensina a filosofia cristã. Não se veria em breve prazo estabelecer-se a pacificação, se estes ensinamentos pudessem vir a prevalecer nas sociedades?

Pio XI, Quadragesimo Anno 1931

“Ninguém ignora, que nunca um país se ergueu da miséria e pobreza a uma fortuna melhor e mais elevada sem a colaboração ingente de todos os cidadãos, tanto dos que dirigem o trabalho, como dos que o executam. Não é porém menos certo que estes grandes esforços seriam imiteis e vãos, que nem sequer poderiam tentar-se, se Deus Criador do universo não tivesse na sua bondade fornecido antes as matérias primas e as forças da natureza.

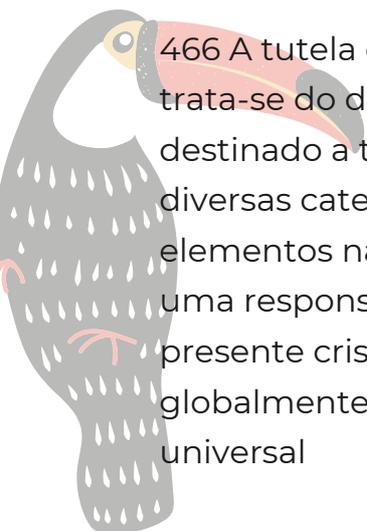
...Cada um deve pois ter a sua parte nos bens materiais; e deve procurar-se que a sua repartição seja pautada pelas normas do bem comum e da justiça social. Hoje porém, à vista do contraste estridente, que há entre o pequeno número dos ultra-ricos e a multidão inumerável dos pobres, não há homem prudente, que não reconheça os gravíssimos inconvenientes da actual repartição da riqueza.”

Papa João XXIII, Pacem in Terris 1963

“Deriva também da natureza humana o direito de participar dos bens da cultura e, portanto, o direito a uma instrução de base e a uma formação técnica e profissional, conforme ao grau de desenvolvimento cultural da respectiva coletividade. É preciso esforçar-se por garantir àqueles, cuja capacidade o permita, o acesso aos estudos superiores, de sorte que, na medida do possível, subam na vida social a cargos e responsabilidades adequados ao próprio talento e à perícia adquirida.”

Compêndio da Doutrina Social da Igreja 2005[100]

466 A tutela do ambiente constitui um desafio para toda a humanidade: trata-se do dever, comum e universal, de respeitar um bem coletivo, destinado a todos, impedindo que se possa fazer «impunemente uso das diversas categorias de seres, vivos ou inanimados — animais, plantas e elementos naturais — como se quisesse, em função das próprias exigências». É uma responsabilidade que deve amadurecer com base na globalidade da presente crise ecológica e à conseqüente necessidade de enfrentá-la globalmente, enquanto todos os seres dependem uns dos outros na ordem universal



estabelecida pelo Criador: «é preciso ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado, qual é exatamente o cosmos».

486. Os graves problemas ecológicos exigem uma efetiva mudança de mentalidade que induza a adotar novos estilos de vida, «nos quais a busca do verdadeiro, do belo e do bom, e a comunhão com os outros homens, em ordem ao crescimento comum, sejam os elementos que determinam as opções do consumo, da poupança e do investimento». Tais estilos de vida devem ser inspirados na sobriedade, na temperança, na autodisciplina, no plano pessoal e social. É necessário sair da lógica do mero consumo e promover formas de produção agrícola e industrial que respeitem a ordem da criação e satisfaçam as necessidades primárias de todos. Uma semelhante atitude, favorecida por uma renovada consciência da interdependência que une todos os habitantes da terra, concorre para eliminar diversas causas de desastres ecológicos e garante uma tempestiva capacidade de resposta quando tais desastres atingem povos e territórios. A questão ecológica não deve ser abordada somente pelas aterrorizantes perspectivas que o degrado ambiental perfila: esta deve traduzir-se, sobretudo, em uma forte motivação para uma autêntica solidariedade de dimensão universal.

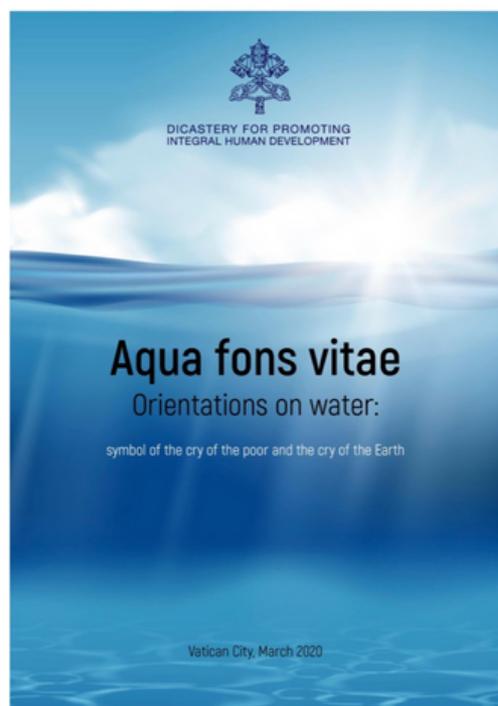
487. A atitude que deve caracterizar o homem perante a criação é essencialmente a da gratidão e do reconhecimento: de fato, o mundo nos reconduz ao mistério de Deus que o criou e o sustém. Se se coloca entre parentes a relação com Deus, esvazia-se a natureza do seu significado profundo, depauperando-a. Se, ao contrário, se chega a descobrir a natureza na sua dimensão de criatura, é possível estabelecer com ela uma relação comunicativa, colher o seu significado evocativo e simbólico, penetrar assim no horizonte do mistério, franqueando ao homem a abertura para Deus, Criador dos céus e da terra. O mundo se oferece ao olhar do homem como rastro de Deus, lugar no qual se desvela a Sua força criadora, providente e redentora.

Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral

Este Dicastério da Santa Sé tem sido o principal órgão responsável por dar frutos da *Laudato Si'* na Igreja Católica como um todo. Há um setor específico sobre Ecologia e Criação, com o pe. Joshtrom Isaac Kureethadam como

coordenador, e diversas iniciativas, projetos e eventos são realizados em parceria com instituições católicas e com o Movimento Laudato Si' de modo especial.

Em 2020, o Dicastério lançou o documento *Acqua Fons Vitae* [101], no contexto do marco do Dia Mundial da Água, com orientações sobre a água como símbolo do grito dos pobres e do grito da Terra. O documento traz reflexões baseadas na Doutrina Social da Igreja e ressalta três dimensões: água para o uso humano, água como recurso utilizado em atividades humanas como agricultura e indústria, e água como superfície e corpos d'água. Além de reflexões também são incluídas propostas práticas de sensibilização e compromisso pelos cuidados necessários.



Como um dos frutos do documento *Acqua Fons Vitae*, a iniciativa WASH (Água, Saneamento e Higiene) foi criada pelo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral para estudar as condições do acesso a água e saneamento nos centros de saúde da Igreja Católica. O estudo foi realizado entre setembro e março de 2021, com a participação de 151 centros de 23 países. No site se encontram materiais para aqueles que desejam avaliar a situação “WASH” em suas próprias organizações ou centros de saúde.[102]

O Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, através do Setor de Migrantes e Refugiados e também do Setor de Ecologia Integral, lançaram em 2021 um documento de Orientações Pastorais para Migrantes Climáticos [103]. Nele destacam a relação entre a crise climática e o deslocamento, a necessidade de sensibilização sobre o tema e de preparação de pessoas e capacidades para lidar com a questão, além de apresentar também ideias para planejamento e ações estratégicas no cuidado pastoral.

“unir toda a família humana ... pois sabemos que as coisas podem mudar” (Laudato Si' 13)

A Laudato Si' nos exorta à sustentabilidade no espírito da ecologia integral. Com um profundo cuidado uns pelos outros, pelo Criador e toda a criação, estamos construindo juntos um futuro melhor.

Registrar



Em 2020, no marco dos 5 anos de aniversário da Encíclica Laudato Si', o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral também anunciou o lançamento da Plataforma de Ação Laudato Si'. A plataforma conta com uma biblioteca de recursos variados e é destinada a instituições, comunidades, organizações, movimentos, grupos e famílias que queiram aprofundar o caminho rumo à sustentabilidade no espírito holístico da ecologia integral. A biblioteca de recursos também é aberta para que aqueles que se inscrevem na plataforma possam compartilhar daquilo que possuem, cultivando assim um grande intercâmbio de informações. Os recursos estão divididos de acordo com o tipo de usuário (instituições, congregações, famílias, empreendimentos, etc.) e também de acordo com os objetivos Laudato Si': resposta ao clamor da terra, resposta ao clamor dos pobres, economia ecológica, adoção de estilos de vida sustentáveis, educação ecológica, espiritualidade ecológica, envolvimento da comunidade e ação participativa. A plataforma também propõe um planejamento para que todo usuário se comprometa a longo prazo com metas específicas para alcançar esses objetivos.[104]

Conselho Episcopal Latino-Americano

É importante ressaltar a importância das Conferências Gerais do CELAM, especialmente desde Medellín em 1968. O fazer teológico na América Latina, no referencial católico, trouxe grandes mudanças para melhor contextualizar as reflexões inseridas na realidade de injustiça social do nosso continente. Essas mudanças na teologia e na prática pastoral, através da sensibilização pela opção preferencial pelos pobres, trouxeram frutos concretos para um maior desenvolvimento da dimensão do cuidado da criação no contexto da fé católica na América Latina. Não é coincidência que somente agora com um Papa latino-americano a questão ecológica e a preocupação pelos pobres tornaram-se central para a Igreja Católica. Inclusive o Papa Francisco já comentou anteriormente que sua própria conversão ecológica teve início com a Conferência de Aparecida, em 2007, devido à insistência dos bispos brasileiros em inserir a preocupação pela Amazônia nas reflexões e no documento final.

Preocupação pela terra, pela natureza, pela Amazônia e pelos povos indígenas e originários começam a aparecer naturalmente como repercussão da opção preferencial pelos pobres. Vários dos documentos conclusivos das conferências gerais incluem essas preocupações. Há, no entanto, uma apreensão forte dentro da Igreja Católica por parte dos grupos com maior preocupação pela espiritualidade piedosa do que pela fé em ação.

O pontificado de João Paulo II aumentou ainda mais essa tensão, devido ao fato dele ter silenciado vários teólogos proeminentes da teologia da libertação. Isto gerou uma suspeita generalizada de que essa teologia era marxista por usar categorias teóricas sociais para desenvolver teologicamente a opção preferencial pelos pobres. Até hoje vemos essa generalização que se torna um dos maiores obstáculos para fazer com que a preocupação ecológica chegue a mais grupos dentro da Igreja Católica.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Um dos aspectos pertinentes ao cuidado da criação no contexto da Igreja Católica no Brasil, são as Campanhas da Fraternidade propostas pela CNBB. A Campanha da Fraternidade nasceu por iniciativa de Dom Eugênio de Araújo Sales, em Nísia Floresta, Arquidiocese de Natal, RN, como expressão da caridade e da solidariedade em favor da dignidade da pessoa humana, dos filhos e filhas de Deus.

Assumida pelas Igrejas Particulares da Igreja no Brasil, a Campanha da Fraternidade tornou-se expressão de comunhão, conversão e partilha. Comunhão na busca de construir uma verdadeira fraternidade; conversão na tentativa de deixar-se transformar pela vida fecundada pelo Evangelho; partilha como visibilização do Reino de Deus que recorda a ação da fé, o esforço do amor, a constância na esperança em Cristo Jesus (Cf. 1Ts 1,3).

A Campanha da Fraternidade tem hoje os seguintes objetivos permanentes:

- 1 – Despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, comprometendo, em particular, os cristãos na busca do bem comum;
- 2 – Educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor, exigência central do Evangelho;
- 3 – Renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação da Igreja na evangelização, na promoção humana, em vista de uma sociedade justa e solidária (todos devem evangelizar e todos devem sustentar a ação evangelizadora e libertadora da Igreja)”.

A Campanha da Fraternidade sempre começa na Quarta-Feira de Cinzas e acontece durante o ano todo, apesar de muitos acharem que ela termina depois da Páscoa. Ela dura até o fim do ano, junto com o Ano Litúrgico, onde são desenvolvidas diversas atividades pastorais.[105] A seguir destacamos as campanhas que já foram realizadas relacionadas a esta temática.

CF 1979 – Preserve o que é de todos [106]

Por um mundo mais humano: “Basicamente a ecologia conclama todos a uma nova mentalidade. Trata-se de superar o egoísmo, a ganância de possuir mais a qualquer preço. Trata-se de ser escrupulosamente preocupado em preservar e conservar o ar, a água, a flora e a fauna que são elementos necessários ao próximo. Trata-se de readquirir o carinhoso respeito e a contemplativa admiração em face às belezas da natureza”.

A grande novidade desta Campanha foi ter discutido, em âmbito nacional, um assunto que nunca tinha sido abordado antes. Trouxe uma série de dificuldades e incompreensões, mas o seu caráter profético ficou evidente. Ainda hoje não existe unanimidade no que diz respeito às questões relacionadas com o meio ambiente, mas também é verdade que existe uma consciência muito grande sobre a importância desse assunto e este é o grande mérito da Campanha de 1979.

CF 1986 – Terra de Deus, Terra de Irmãos [107]

Fraternidade e Terra: A Campanha da Fraternidade em 1986 convoca-nos para uma ação conjunta de preces, reflexões e mobilização sobre o gravíssimo problema da questão da terra no Brasil a ser solucionado evangelicamente, ou seja, dentro da justiça e da fraternidade.

CF 1988 – Ouvi o clamor deste povo! [108]

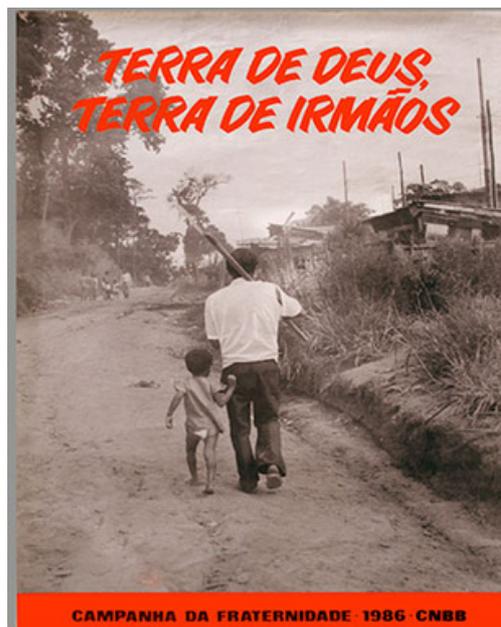
Fraternidade e o Negro: Nossa adesão a Jesus Cristo, renovando o compromisso de viver em fraternidade, porque este é o sinal mais autêntico do seguimento do Senhor: “Nisto saberão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34-35)”.

CF 1995 – Eras tu Senhor? [109]

A Fraternidade e os excluídos: Quer contemplar aqueles que seriam os mais abandonados, os que se sentem esquecidos, negados na sua humanidade. E não se refere só aos excluídos pela situação econômica. Há excluídos também nos países ricos, que têm muitos recursos. O fato, porém, de o Brasil ser um país de Terceiro Mundo, dominado por um sistema que fabrica e acentua a exclusão, torna mais dramática a situação de mendigos, prostitutas, encarcerados, doentes e outros.

CF 2002 – Por uma terra sem males [110]

Fraternidade e os povos indígenas: Motivar a conversão das pessoas, da sociedade e da própria Igreja para a solidariedade, a justiça, o respeito e a partilha, dando especial destaque, desta vez, aos povos indígenas. É um convite a todos os cristãos para engajarem-se na esperançosa luta pela conquista e garantia dos direitos dos povos indígenas. É também uma oportunidade para compartilharmos valores, sabedoria, conhecimentos e formas de ver a realidade. Ao refletirmos sobre a causa indígena, vamos assumir um compromisso concreto com suas lutas, em defesa de suas identidades étnicas, “suas organizações sociais, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam”. (Const. Brasil, art., 231).



CF 2004 – Água, fonte de vida [111]

Fraternidade e Água: Conscientizar a sociedade que a água é fonte da vida, uma necessidade de todos os seres vivos e um direito da pessoa humana, e mobilizá-la para que este direito à água com qualidade seja efetivado para as gerações presentes e futuras.

CF 2007 – Vida e missão neste chão [112]

Fraternidade e Amazônia: Conhecer os valores e a criatividade dos povos da Amazônia e as agressões que sofrem por causa do atual modelo econômico e cultural, a fim de chamar à conversão, à solidariedade, a um novo estilo de vida e a um projeto de desenvolvimento humano baseados nos valores humanos e evangélicos, seguindo a prática de Jesus no cuidado com a vida humana, especialmente dos mais pobres, e de toda a natureza.

CF 2011 – Fraternidade e a Vida no Planeta [113]

“A criação geme em dores de parto” (Rm 8, 22): Contribuir para o aprofundamento do debate e busca de caminhos de superação dos problemas ambientais provocados pelo aquecimento global e seus impactos sobre as condições da vida no planeta.

CF 2016 – Casa comum, nossa responsabilidade [114]

“Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca (Am 5, 24): Assegurar o direito ao saneamento básico para todas as pessoas e empenharmo-nos, à luz da fé, por políticas públicas e atitudes responsáveis que garantam a integridade e o futuro de nossa Casa Comum.

Duas dimensões básicas para a subsistência da vida são abarcadas a um só tempo: o cuidado com a criação e a luta pela justiça, sobretudo dos países pobres e vulneráveis. Nessa Campanha da Fraternidade Ecumênica, queremos instaurar processos de diálogo que contribuam para a reflexão crítica dos modelos de desenvolvimento que têm orientado a política e a economia. Faremos essa reflexão a partir de um problema específico que afeta o meio ambiente e a vida de todos os seres vivos, que é a fragilidade e, em alguns lugares, a ausência dos serviços de saneamento básico em nosso país.

CF 2017 – Fraternidade: biomas brasileiros e a defesa da vida [115]

“Cultivar e guardar a criação” (Gn 2, 25): Cuidar da criação, de modo especial dos biomas brasileiros, dons de Deus, e promover relações fraternas com a vida e a cultura dos povos, à luz do Evangelho. Aprofundar o conhecimento de cada bioma, de suas belezas, de seus significados e importância para a vida no planeta, particularmente para o povo brasileiro. Conhecer melhor e nos comprometer com as populações originárias, reconhecer seus direitos, sua pertença ao povo brasileiro, respeitando sua história, suas culturas, seus territórios e seu modo específico de viver. Reforçar o compromisso com a biodiversidade, os solos, as águas, nossas paisagens e o clima variado e rico que abrange o chamado território brasileiro. Compreender o impacto das grandes concentrações populacionais sobre o bioma em que se insere. Manter a articulação com outras igrejas, organizações da sociedade civil, centros de pesquisa e todas as pessoas de boa vontade que querem a preservação das riquezas naturais e o bem-estar do povo brasileiro. Comprometer as autoridades públicas para assumir a responsabilidade sobre o meio ambiente e a defesa desses povos. Contribuir para a construção de um novo paradigma econômico ecológico que atenda às necessidades de todas as pessoas e famílias, respeitando a natureza. Compreender o desafio da conversão ecológica a que nos chama o Papa Francisco na carta encíclica *Laudato Si'* e sua relação com o espírito quaresmal.



Além das Campanhas da Fraternidade, a CNBB também se destaca pelos diversos ramos por onde atua, como a Comissão Pastoral da Terra¹⁶, o Conselho Indigenista Missionário^[117], Igrejas e Mineração (que abrange toda a América Latina também)^[118], e REPAM Brasil ^[119], para mencionar alguns dos principais. Recentemente, após a publicação da *Laudato Si'*, também foi criada a Pastoral de Ecologia Integral que, assim como a Pastoral Social, Pastoral Afro e Pastoral da Juventude, é um ministério opcional que pode ser promovido nas respectivas dioceses ou arquidioceses de acordo com a mobilização das pessoas leigas e religiosas que se preocupam com essas temáticas. Todas estas iniciativas possuem coordenações próprias e, mesmo estando vinculadas à CNBB, têm bastante liberdade e autonomia para realizarem suas iniciativas e atividades.

2.4 Exemplos de santos e santas [120]

Trazemos aqui alguns exemplos que nem sempre são lembrados pelos próprios católicos quando falamos de exemplos sobre o cuidado com a criação. Omitimos São Francisco de Assis, justamente por ser amplamente reconhecido nesse tema. Sobre Santa Hildegarda de Bingen e Santa Teresinha, ver a seção sobre Tradição da Igreja, onde incluímos suas informações por serem Doutoradas da Igreja Católica.

São Bento, (480-547) Dia de festa: 11 de julho

São Bento, o pai do monaquismo ocidental, viu seu amor pela criação se espalhar por todo o mundo desde sua morte, há mais de 1.400 anos. Um dos votos para os beneditinos é a “*stabilitas*”, a ideia de que se deve estar alicerçado em uma comunidade e um lugar e estabelecer uma relação de cuidado e conexão com aquele lugar. O padre abade John Klassen, OSB, escreve, “Como monásticos beneditinos, queremos ser pessoas que ‘permanecem em um lugar por tempo suficiente para que os espíritos possam nos influenciar’. Ao conhecer profundamente um lugar. . . as comunidades monásticas tomarão decisões com uma compreensão de suas consequências”.

São Kevin de Glendalough (498?-618) Dia de festa: 3 de julho

“É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece. . .” (LS 222) São Kevin era o modelo de simplicidade. Ele morava em uma caverna cerca de 9 metros acima da água, de acordo com o Glendalough Hermitage Centre. Ele comia pouco e dormia sobre pedras. Ele também se tornou amigo de todas as criaturas, assim como São Francisco de Assis faria 700 anos depois.

São Felipe Neri (1515-1595) Dia de festa: 26 de maio

Conhecido como o santo da alegria, São Felipe Neri nasceu na Itália de uma família pobre e foi educado pelos frades dominicanos do Mosteiro de São Marcos de Florença. Por isso desde cedo tinha uma devoção profunda à sua vida de oração, e rezava todos as manhãs: “Senhor, mantende hoje as mãos sobre Filipe, pois caso contrário Filipe atraiçoar-vos-á”. Aos 16 anos foi enviado para ajudar nos negócios de um primo, e realizou tão bem sua função que o primo decidiu colocá-lo como herdeiro. Mas logo reconheceu a necessidade de desapegar-se dos bens materiais e descobriu sua vocação ao sacerdócio. Logo ele abandonou os estudos de teologia e filosofia para dedicar sua vida ao apostolado com os pobres e foi reconhecido como o melhor catequista de Roma.

Ele é conhecido por fundar a Congregação do Oratório, mas também é lembrado por abraçar o vegetarianismo. E ele adotou esse tipo de alimentação não apenas por uma devoção de abstinência ou jejum, mas pelo bem-estar animal. Quando lhe davam pássaros ele os liberava e ele preferia deixar as moscas voarem e escapar pela janela do que esmagá-las. Seu cuidado se estendia aos animais terrestres também. Neri deixava ratos capturados fugirem para um local seguro e muitas vezes expressou simpatia pelos animais sendo levados para o abate.

São João da Cruz (1542-1591) Dia de festa: 14 de dezembro

A vida, as ações e os escritos de São João da Cruz foram tão significativos que o Papa Francisco dedicou uma seção da Laudato Si' a esse espanhol: “Quando admira a grandeza duma montanha, não pode separar isto de Deus, e percebe que tal admiração interior que ele vive, deve finalizar no Senhor: ‘As montanhas têm cumes, são altas, imponentes, belas, graciosas, floridas e perfumadas. Como estas montanhas, é o meu Amado para mim. Os vales solitários são tranquilos, amenos, frescos, sombreados, ricos de doces águas. Pela variedade das suas árvores e pelo canto suave das aves, oferecem grande divertimento e encanto aos sentidos e, na sua solidão e silêncio, dão refrigério e repouso: como estes vales, é o meu Amado para mim.’”

Santa Kateri Tekakwitha (1656-1679) Dia de festa: 14 de julho

Santa Kateri Tekakwitha foi uma jovem indígena mohawk, que nasceu na aldeia Mohawk Canaouaga (região hoje onde se encontra Nova Iorque). Quando tinha quatro anos de idade, sua mãe, seu pai e seu irmão faleceram devido à epidemia de varíola. Ela sobreviveu, mas com o rosto marcado e uma grave dificuldade na vista. Por isso lhe deram o nome Tekakwitha, que significa “a que tropeça nas coisas”. Ela foi acolhida pelo tio que odiava a chegada dos jesuítas, e acreditava que eles eram os responsáveis pela chegada da varíola e outras doenças, além do maltrato com os indígenas. Porém devido a um tratado de paz com os franceses, eles tinham que conviver com missionários jesuítas. Além do trauma de perder a família, Kateri ainda teve que viver o trauma de uma guerra entre franceses e indígenas aos dez anos de idade, que destruiu as fortalezas da aldeia de Mohawk e fez com que tivessem que migrar para outra parte.

Sua família adotiva buscava arranjar um pretendente para que ela se casasse na tribo. Kateri se recusou, apesar da pressão para viver de acordo com as tradições. Mais tarde aos 18 anos, ela decidiu que queria converter-se ao cristianismo, algo que seu tio acabou cedendo, mas pedindo para que ela não deixasse a tribo. Kateri manteve sua prontidão para com seus parentes, sendo sempre prestativa e trabalhadora, mas deixava de trabalhar aos domingos por devoção, e por isso nesse dia não recebia comida da aldeia. Kateri passou a ser ridicularizada e excluída em sua comunidade, alguns criaram boatos de que estava se envolvendo com feitiçaria, e até foi ameaçada de morte por causa da fé. Para evitar a perseguição, seguindo o conselho de um dos jesuítas, ela viajou por dois meses e mais de 320 quilômetros de bosques e rios para a missão católica de São Francisco de Xavier em Sault Saint-Louis, no Canadá. Lá Kateri viveu com outros católicos indígenas e continuou dedicando sua vida a Deus através do cuidado com as crianças, os idosos e os enfermos.

Santa Kateri foi a primeira indígena norte-americana declarada santa pela Igreja Católica. Ela é padroeira dos povos indígenas norte-americanos, dos povos originários, da ecologia e do ambiente.

Exemplos de eco-mártires

Apesar de não serem oficialmente proclamados como santos, como afirma Tertuliano, padre da Igreja do final do século II, “O sangue dos mártires é a semente dos cristãos” (Tertuliano, Apologético, 50). Nas últimas décadas, tem se tornado cada vez mais forte a prática de fazer memória das pessoas assassinadas por lutarem pelos direitos da terra, dos indígenas, dos quilombolas e de outras dimensões vulneráveis da criação de Deus. Isto é ainda mais relevante no contexto da América Latina e de outros países do Sul Global, onde se encontram os maiores números de assassinatos.[121]

Trazemos aqui alguns dos milhares de nomes que inspiram pela vida de dedicação ao grito da terra e ao grito dos pobres.

Ir. Dorothy Stang

Nasceu nos Estados Unidos, mas se mudou para uma região rural do Brasil para viver com os pobres. Lá, ela testemunhou em primeira mão pecuaristas e madeireiros explorando agricultores e povos indígenas, roubando terras, derrubando florestas e assassinando aqueles que contestassem. Foi assassinada no dia 12 de fevereiro de 2005, por 2 matadores de aluguel que deram 6 tiros nela. Quando eles se aproximavam, ela pegou sua Bíblia e começou a ler as Bem-Aventuranças.

Roseli Celeste Nunes da Silva Campesina

Mártir da Terra Livre. Roseli é uma das primeiras lutadoras do MST. Participou da ocupação da Fazenda Annoni, em 1985, junto com o marido José Corrêa da Silva e os filhos. Na época, ela estava grávida de seu terceiro filho, Marcos Tiarajú, nome dado em homenagem ao líder indígena do Rio Grande do Sul, que séculos antes já dizia que aquela terra tinha dono. Tiarajú, a primeira criança que nasceu no acampamento da fazenda, em 28 de outubro de 1985. Em 31 de março de 1987, Roseli Nunes e outros três trabalhadores Sem Terra foram mortos em uma manifestação na BR 386, em Sarandi, no Rio Grande do Sul. Ela e outros 5.000 mil agricultores protestavam por melhores condições para os agricultores e uma política agrária voltada para os camponeses. Não existia, naquela época, política de crédito para a pequena agricultura. Foram atropelados por um caminhão que passou por cima da barreira humana que estava formada na estrada ferindo 14 agricultores e matando os três: Iari Grosseli, de 23 anos; Vitalino Antonio Mori, de 32 anos, e Roseli Nunes, com 33 anos e mãe de três filhos.

Padre Ezequiel Ramin

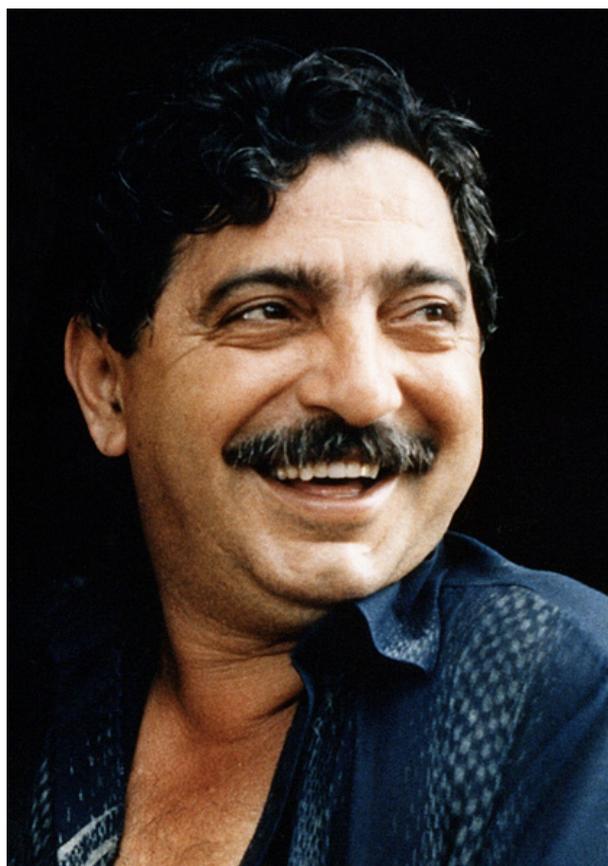
No dia 24 de julho de 1985, aos 32 anos de idade, foi brutalmente assassinado quando voltava de uma missão de paz, na qual havia visitado posseiros na Fazenda Catuva, município de Aripuanã, ao norte do Mato Grosso para pedir-lhes que se retirassem, pois corriam perigo. Foi pego de surpresa pelos pistoleiros, a mando de fazendeiros. Seu corpo recebeu muitos tiros de espingarda.

Chico Mendes

Francisco Alves Mendes Filho, mais conhecido como Chico Mendes, foi um seringueiro, sindicalista e ativista ambiental brasileiro. Sua intensa luta pela preservação da Amazônia o tornou conhecido internacionalmente e foi a causa de seu assassinato, em 22 de dezembro de 1988.

Padre Josimo Moraes Tavares

Morto a tiros em 1986, em Imperatriz (MA), tinha 33 anos e era coordenador da CPT (Comissão Pastoral da Terra), braço agrário da Igreja Católica, e principal líder e defensor dos trabalhadores rurais.



Padre João Burnier

Padre Burnier foi assassinado na região do Araguaia (MT), durante a ditadura militar. Burnier estava na localidade para visitar o bispo D. Pedro Casaldáliga, quando foram informados de que duas mulheres, envolvidas na luta pela terra, estavam sendo brutalmente torturadas na delegacia local. Os dois religiosos correram para lá. Irritado, um policial mirou em Casaldáliga, mas acertou Burnier.

Sikhosiphi Rhadebe [122]

Ele liderou uma campanha contra a mineração de titânio na área de Xolobeni (África do Sul) pela Mineral Commodities Limited, uma empresa de mineração de propriedade australiana. Em março de 2017, ele foi morto a tiros.

Berta Cáceres [123]

Lutou pela sua comunidade Lenca e por outros povos indígenas em Honduras desde o início da década de 1990. Antes de ser assassinada, estava trabalhando contra a represa de Agua Zarca, pois o projeto bloquearia a água, os alimentos e medicamentos para o povo Lenca. A maior construtora de represas do mundo ao final abandonou o projeto. Em 2018, o tribunal hondurenho determinou que o seu assassinato foi ordem de executivos da empresa hondurenha de represas Agua Zarca, DESA.

Walter Méndez Barrios [124]

Querida proteger a criação para os Povos Indígenas, era pai de 6 filhos, defendia os povos indígenas e rurais na reserva da Biosfera Maia na Guatemala. Ele defendia os direitos territoriais e o direito à água que estavam ameaçados pelas represas, ele ajudou na conscientização sobre os efeitos nocivos da produção de óleo de palma sobre as florestas tropicais da Guatemala. Foi assassinado ao lado de fora de sua casa no dia 16 de março de 2016.

Irmão Paul McAuley [125]

O Irmão Paul McAuley deixou sua Inglaterra natal para servir os povos indígenas na Amazônia, Peru. McAuley apoiou o povo peruano na defesa de sua terra e no cuidado de nossa casa comum. Ele ajudou a desenvolver jovens líderes indígenas, para que eles tivessem as ferramentas para defender suas comunidades, mas em 2019 seu corpo foi encontrado morto.

3. Recomendações de aproximação dos católicos com a temática socioambiental

3.1 Propostas de estudos bíblicos e pregações Relatos da criação

Relatos da criação

Os primeiros dois capítulos do livro do Gênesis constituem a base primordial para toda a fé e doutrina da criação. Uma das principais evoluções no que diz respeito à teologia católica da criação é o resgate da conexão intrínseca entre criação e salvação, algo que ficou esquecido por muito tempo devido a leituras fundamentalistas da Bíblia. Além de reconhecer o caráter simbólico, e não literal, dos relatos da criação, a teologia católica compreende que não é possível falar da história da criação sem falar também da história da salvação: ambas compõem uma única história da revelação de Deus. Por esta razão também há a compreensão de que a Palavra de Deus se encontra em “2 livros”: a Bíblia e a própria criação. Antes da Palavra de Deus que encontramos revelada através das palavras humanas na Bíblia, Deus já havia proferido a Palavra da criação que se encontra em contínuo movimento de geração de vida e, portanto, de sua própria autorrevelação. Nesse sentido, as interpretações e reflexões sobre os relatos da criação devem sempre ser feitas juntamente com aquilo que o Papa Francisco chama de Evangelho da Criação, ou seja, a criação à luz da redenção em Jesus Cristo.

História do povo de Israel

Anterior e fundamental para a fé católica está a tradição judaica presente em todo o Antigo Testamento. A história do povo de Israel e sua experiência de Deus determina a forma como posteriormente os judeus que conviveram com Jesus puderam compreendê-lo como o verdadeiro Messias. A tradição judaico-cristã surge pelo acolhimento de toda a história do povo de Israel e da novidade proclamada por Jesus Cristo. Torna-se importante, portanto, identificar na história do povo de Israel os sinais já presentes do valor intrínseco da criação diretamente ligado à experiência de Deus e afirmação de fé nele como Senhor Criador e Libertador. É através da criação que o povo experimenta a ação salvífica e libertadora de Deus.

GN 9 ALIANÇA DE DEUS COM NOÉ E TODA A CRIAÇÃO EX 13, 17 - 15, 19 LIBERTAÇÃO NO MAR VERMELHO EX 16 MANÁ NO DESERTO EX 19,18-19 TEOFANIA NO MONTE SINAI EX 3, 1 - 4,7 SARÇA ARDENTE EX 8-11 PRAGAS DO EGITO LV 25, 23-24 A TERRA É DE DEUS "A TERRA É MINHA, VÓS SOIS ESTRANGEIROS E MEUS AGREGADOS" DN 3, 52-90 LOUVOR A DEUS, LOUVOR À CRIAÇÃO DE DEUS JÓ 42, 3 A CRIAÇÃO ESTÁ REPLETA DE MARAVILHAS QUE ULTRAPASSAM O CONHECIMENTO

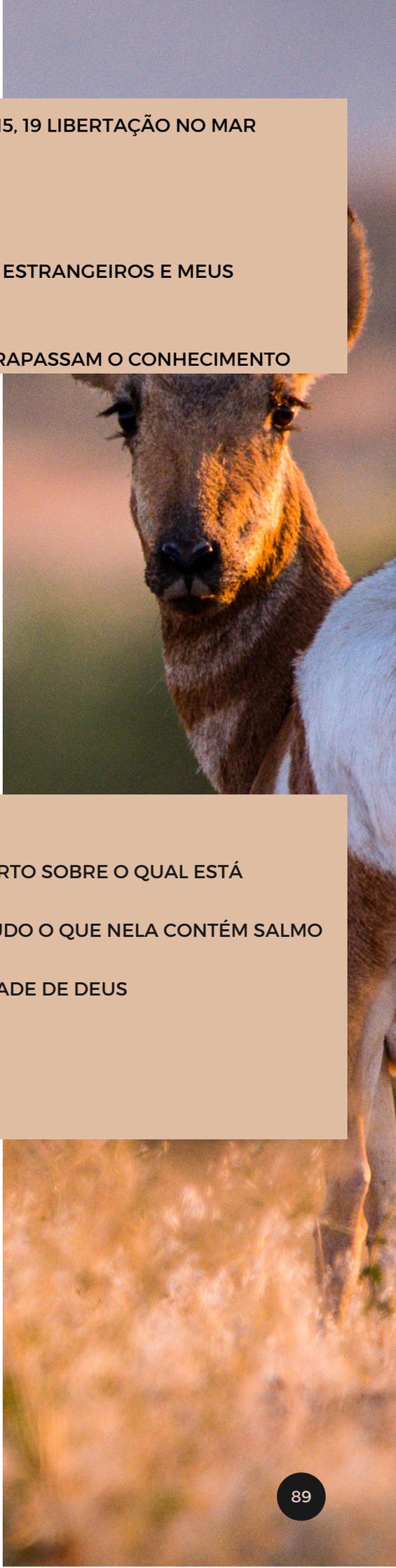
Salmos

Encontramos em alguns Salmos a exaltação poética da criação de Deus, onde não só é reconhecida a beleza desta criação, mas também o protagonismo das próprias criaturas na dinâmica de louvor e glórias a Deus. Árvores, flores, animais e diversas criaturas aparecem nos Salmos e ajudam na compreensão da integralidade entre o dom da criação, a contemplação da criação e das criaturas, e o louvor a Deus Criador.

**SALMO 1 A ÁRVORE PRÓSPERA
SALMO 8 A MAJESTADE DE DEUS
SALMO 19 (18) O CÉU E A TERRA COMO UM PERGAMINHO ABERTO SOBRE O QUAL ESTÁ ESCRITA UMA MENSAGEM DE DEUS PARA O SER HUMANO
SALMO 24 (23) / DT 10, 14 AO SENHOR PERTENCE A TERRA E TUDO O QUE NELA CONTÉM SALMO 35 (36), 7(6) SEREMOS SALVOS SERES HUMANOS E ANIMAIS
SALMO 49 (50) A NATUREZA COMO MANIFESTAÇÃO DA VONTADE DE DEUS
SALMO 65 (66) AÇÃO DE GRAÇAS PELAS BENÇÃOS DE DEUS
SALMO 104 (105) LOUVOR AO CRIADOR
SALMO 146 (147) CONFIAR SOMENTE EM DEUS
SALMO 147 (148) TODA A CRIAÇÃO LOUVA AO DEUS CRIADOR**

Manifestações de Jesus Cristo como Filho de Deus

O paradigma para qualquer fé e prática cristãs é a própria vida e pessoa de Jesus Cristo relatadas nos quatro Evangelhos do Novo Testamento. É possível reconhecer uma ligação entre os espaços geográficos e a natureza com os episódios da manifestação gloriosa de Jesus Cristo. Além do fato, também, de que seus momentos de oração íntima com o Pai se davam justamente junto à natureza.



MT 3,13-17; MC 1,9-11; LC 3,21-22; JO 1,29-34 BATISMO NO RIO JORDÃO MT 4,1-11, MC 1,12,13 E LC 4,1-13 TENTAÇÃO NO DESERTO
MC 4,35-41; LC 8,22-25 ACALMA OS VENTOS E O MAR
MT 14,22-33; MC 6,45-51; JO 6,16-21 CAMINHA SOBRE O MAR
LC 9, 28-36 A TRANSFIGURAÇÃO NO MONTE
LC 6, 12-13 VAI AO MONTE PARA REZAR
LC 22, 39-46 ORAÇÃO NO MONTE DAS OLIVEIRAS

Parábolas de Jesus Cristo

Dentre as principais novidades dos ensinamentos de Jesus Cristo, está o anúncio da chegada do Reino de Deus. Ele, porém, faz uso constante de parábolas para manifestar como é esse Reino, diferente da expectativa messiânica do povo de Israel que ansiava pela libertação político-religiosa na época. Estas se caracterizavam pelo uso de imagens e exemplos da realidade cotidiana do povo israelita na época, incluindo as referências da natureza circundante.

MC 4, 3-9 A CRIAÇÃO CONTÉM EM SI EXPLICAÇÕES DO AGIR DE DEUS
JO 4, 10-14 A GRAA DE DEUS É COMPARADA A UMA FONTE DE ÁGUA VIVA
MT 5, 45 A BONDADE DE DEUS COM A CHUVA QUE CAI SOBRE JUSTOS E INJUSTOS
JO 15 A RELAÇÃO DO SER HUMANO COM DEUS COM A VINHA E SEUS RAMOS
MC 4, 1-20 A FÉ COMO A SEMENTE E O CORAÇÃO DO SER HUMANO COMO O TERRENO ONDE A SEMENTE É LANÇADA
MT 6, 28-29 POR MEIO DA CONTEMPLAÇÃO DA CRIAÇÃO O SER HUMANO É CONVIDADO A COMPREENDER QUE SUA VIDA ESTÁ NAS MÃOS DE DEUS E A ABANDONAR-SE À PROVIDÊNCIA DIVINA QUE VESTE OS LÍRIOS COM UMA BELEZA NÃO ACESSÍVEL AOS REIS
MC 4, 26-29 PARÁBOLA DA SEMENTE
MT 13 PARÁBOLAS DO REINO DE DEUS, DO SEMEADOR, DA REDE, DO GRÃO DE MOSTARDA, DO FERMENTO

A criação como sujeito e a Nova Criação

O Evangelho da Criação já mencionado é a chave de leitura para reconhecer o protagonismo da criação e das criaturas na história da salvação. Existem diversos trechos bíblicos que remetem especificamente à criação como sujeito da graça divina, chamada à redenção junto da humanidade.

Reconhecendo também as tragédias infligidas sobre a criação, é possível compreender a dor do Criador em sua obra e o desejo de todo o cosmos de voltar ao seu Criador. A expectativa do Reino de Deus é uma expectativa não só humana, mas de toda a criação.

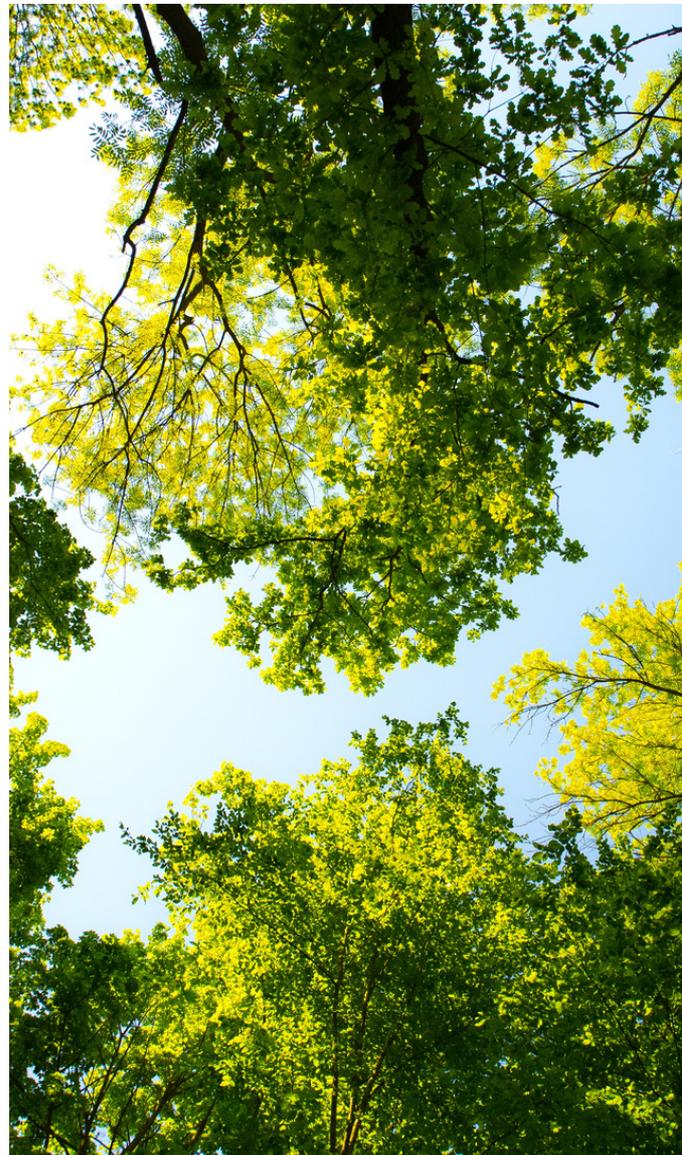
ISAÍAS 11, 6-8 A EXPECTATIVA DA HARMONIA CRIAÇÃO INTENCIONADA POR DEUS
ROMANOS 8, 18-25 A SALVAÇÃO EM RELAÇÃO À CRIAÇÃO
MT 5,5 A HUMANIDADE REDIMIDA HABITARÁ TAMBÉM UMA TERRA REDIMIDA
MT 6, 25-34 CONFIAR EM DEUS COMO A NATUREZA CONFIA
COL 1, 15-23 EM CRISTO TUDO SUBSISTE, ELE É O PRIMOGÊNITO DA CRIAÇÃO
JO 1, 1-5 NO INÍCIO ERA O VERBO, ATRAVÉS DELE TODAS AS COISAS FORAM CRIADAS AP 8,8;
16,4 RIOS POLUÍDOS
AP 8,7 ÁRVORES QUEIMADAS
AP 21, 1-5; 14 PROMESSA DE NOVA CRIAÇÃO, NOVOS CÉUS E NOVA TERRA
AP 22, 1 ÁGUA VIVIFICANTE
AP 22,2 ÁRVORE DA VIDA

3.2 Frases de santos e santas para redes sociais ou blogs

“Veja a si mesma como uma árvore plantada ao lado da água, que dá seus frutos no devido tempo; quanto mais é sacudida pelo vento, mais lança suas raízes profundamente no chão” Santa Margarida Maria Alacoque

"Uma árvore glorifica a Deus sendo uma árvore. Pois sendo aquilo que Deus tenciona que seja, lhe obedece. Ela 'consente', por assim dizer, aceita Seu Amor criador, expressa uma ideia que está em Deus e não é distinta da essência de Deus; uma árvore, portanto, imita a Deus sendo o que é: uma árvore.

Duas coisas criadas nunca são exatamente iguais. A individualidade delas não constitui uma imperfeição. Pelo contrário, a perfeição de toda coisa criada não está apenas em sua conformidade a um tipo abstrato, e sim em sua própria e individual identidade consigo mesma.



Essa árvore aqui, a que me refiro, dará glória a Deus estendendo as raízes em profundidade na terra e elevando os galhos no espaço e na luz, de um modo que árvore alguma a não ser ela, antes ou depois, jamais fez ou fará." Thomas Merton, no livro *Novas Sementes de Contemplação*, Cap. 5 - As Coisas em Sua Identidade.

"A alma está em Deus e Deus na alma, como o peixe está no mar e o mar no peixe." Santa Catarina de Sena

"Eu ardo acima da beleza dos campos, eu brilho nas águas, eu queimo no sol, na lua e nas estrelas... sou também a razão. É meu o trovão da sonora palavra pela qual toda criação veio à existência, e eu animei todas as coisas com meu alento de modo que nenhuma é mortal em seu gênero, pois eu sou a vida.

... Sou a brisa que nutre todas as coisas verdes, encorajo o desabrochar dos botões em frutos maduros. Sou a chuva que vem do orvalho e provoca o riso da grama pela alegria de viver." Santa Hildegarda de Bingen

"O Espírito Santo, vida vivificante, é o motor de tudo e a raiz de toda criatura. Purificas tudo na impureza, apagando os pecados, suavizando as feridas; ele é assim a vida fulgurante e digna de louvor, que desperta e reanima a todas as coisas." Santa Hildegarda

"Todos os elementos e todas as criaturas choram em alta voz diante da profanação da natureza e da devoção maligna da humanidade ao seu modo de vida de rebelião contra Deus, enquanto que a natureza irracional cumpre submissa as leis divinas. Eis o motivo pelo qual a natureza protesta tão amargamente contra a humanidade." Santa Hildegarda

“Na música a criação devolve para seu criador seu júbilo e sua exultação; e dá graças por sua própria existência. Também podemos ouvir na música a harmonia entre pessoas que antes eram inimigos e agora são amigos. A música expressa a unidade do mundo como ela era no princípio, a unidade que é restaurada através da penitência e da reconciliação” Santa Hildegarda

“Jesus é a ponte entre aquele que tudo pode e as criaturas que de tudo precisam. Seja você também uma ponte que liga os que tem de sobra, com aqueles que sentem falta de tanta coisa” Santa Clara

“Ama totalmente aquele que totalmente se deu por teu amor, aquele cuja beleza o sol e a lua admiram e cuja generosidade, preciosidade e grandeza não têm limites, isto é, ao Filho do Altíssimo, que nasceu de Maria” Santa Clara

“A contemplação é tanto mais elevada quanto mais o homem sente em si mesmo o feito da graça divina ou quanto mais sabe reconhecer Deus nas outras criaturas” São Boaventura

"As árvores e os astros ensinar-te-ão o que nunca poderás aprender dos mestres" São Bernardo de Claraval

“O século XXI ou será ecológico ou simplesmente não será” Dom Pedro Casaldáliga

3.3 Orações

Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da terra (Mt 11, 25), Tu és para nós existência, energia e vida (At 17, 28). Criaste o homem à Tua imagem (Gn 1, 27-28)

a fim de que com o seu trabalho ele faça frutificar
as riquezas da terra
colaborando assim na Tua criação.

Temos consciência da nossa miséria e fraqueza:
nada podemos fazer sem Ti (cf. Jo 15).

Tu, Pai bondoso, que sobre todos fazes brilhar o sol (Mt 5, 45) e fazes
cair a chuva,

tem compaixão de todos os que sofrem duramente
pela seca que nos ameaça nestes dias.

Escuta com bondade as orações que Te são dirigidas
com confiança pela Tua Igreja (Lc 4, 25),
como satisfizeste súplicas do profeta Elias (1 Rs 17, 1),
que intercedia em favor do Teu povo (Tg 5, 17-18).

Faz cair do céu sobre a terra árida
a chuva desejada,

a fim de que renasçam os frutos (Tg 5, 18)
e sejam salvos homens e animais (Sl 35, 7).

Que a chuva seja para nós o sinal
da Tua graça e da Tua bênção:

assim, reconfortados pela Tua misericórdia (Cf. Is 55, 10-11), dar-te-
emos graças por todos os dons da terra e do céu,
com os quais o Teu Espírito satisfaz a nossa sede (Jo 7, 38-39). Por
Jesus Cristo, Teu Filho, que nos revelou o Teu amor,
fonte de água viva, que brota para a vida eterna (Jo 4, 14). Amém.
(Papa Paulo VI - Angelus de 04/07/1976)

Ó fogo do Espírito Paráclito, vida da vida de toda a criatura, tu santo
que vivificas as formas.

Santo que unges de bálsamo os abatidos, santo que purificas as
fétidas feridas.

Ó sopro de santidade, fogo de amor, ó doce gozo dos espíritos
fragrância suave de virtudes

nos corações derramada.
Ó fonte puríssima, em que se contempla como Deus reúne os
estranhos
e busca os perdidos.
Ó couraça da vida,
ó esperança de união entre os membros,
ó cingulo de honestidade, salva os bem-aventurados.
Guarda os que foram encarcerados pelo inimigo liberta aqueles que
presos ao cepo
a divina força quer salvar.
Ó itinerário irresistível, que tudo introduz
nos altos céus, na terra e na totalidade dos abismos, tu todos reúnes
e coliges.
Graças a ti
as nuvens flutuam, o éter voa,
as pedras se humidificam,
as águas nos regatos marulham e a terra destila vigor na verdura.
Tu exaltas os homens de ciência instruídos por inspiração da
sapiência.
Por isso louvor te seja dado, tu que és som do louvor e gáudio da
vida, esperança e honra poderosa dando os prémios da luz.
(Santa Hildegarda de Bingen)
Que generoso sois, Senhor,
com todos os que vos procuram.
Saís a nosso encontro
nas maravilhas com que adornastes toda a Criação.
Com que prazer vos deixais buscar nos vossos vestígios que são as
criaturas.
Em Vós ponho meu amor
e minha alegria.
Todas as minhas complacências ponho em Vós.
Sois o objeto e o único fim de todas as minhas ações, até que este
desejo
de encontrar-vos totalmente se realize.
Entretanto, Senhor,
vinde em minha ajuda. Enquanto vos estou buscando, tomai-me e
não me deixeis

nas mãos
de minha própria vontade. Amém.
(Santo Afonso Maria de Ligório)

Oração pela nossa terra

Deus Onnipotente,
que estais presente em todo o universo
e na mais pequenina das vossas criaturas, Vós que envolveis com a
vossa ternura tudo o que existe,
derramai em nós a força do vosso amor para cuidarmos da vida e da
beleza. Inundai-nos de paz,
para que vivamos como irmãos e irmãs sem prejudicar ninguém.

Ó Deus dos pobres,
ajudai-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra que valem tanto aos
vossos olhos.

Curai a nossa vida,
para que protejamos o mundo
e não o depredemos,
para que semeemos beleza
e não poluição nem destruição.

Tocai os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.

Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos profundamente unidos com todas as
criaturas
no nosso caminho para a vossa luz infinita. Obrigado porque estais
connosco todos os dias. Sustentai-nos, por favor, na nossa luta
pela justiça, o amor e a paz.

(Laudato Si' n. 246, Papa Francisco)

Oração cristã com a criação

Nós Vos louvamos, Pai,
com todas as vossas criaturas,
que saíram da vossa mão poderosa.
São vossas e estão repletas da vossa presença e da vossa ternura.

Louvado sejais!

Filho de Deus, Jesus,
por Vós foram criadas todas as coisas. Fostes formado no seio
materno de Maria, fizestes-Vos parte desta terra,
e contemplastes este mundo
com olhos humanos.

Hoje estais vivo em cada criatura
com a vossa glória de ressuscitado. Louvado sejais!
Espírito Santo, que, com a vossa luz, guiais este mundo para o amor
do Pai
e acompanhais o gemido da criação, Vós viveis também nos nossos
corações a fim de nos impelir para o bem. Louvado sejais!

Senhor Deus, Uno e Trino,
comunidade estupenda de amor infinito, ensinai-nos a contemplar-
Vos
na beleza do universo,
onde tudo nos fala de Vós.

Despertaí o nosso louvor e a nossa gratidão
por cada ser que criastes.

Dai-nos a graça de nos sentirmos intimamente unidos
a tudo o que existe.

Deus de amor,
mostrai-nos o nosso lugar neste mundo
como instrumentos do vosso carinho
por todos os seres desta terra,
porque nem um deles sequer
é esquecido por Vós

Iluminai os donos do poder e do dinheiro para que não caiam no
pecado da indiferença, amem o bem comum, promovam os fracos,
e cuidem deste mundo que habitamos.

Os pobres e a terra estão bradando:

Senhor, tomai-nos
sob o vosso poder e a vossa luz,
para proteger cada vida,
para preparar um futuro melhor,
para que venha o vosso Reino
de justiça, paz, amor e beleza.

Louvado sejais!

Amém.

(Laudato Si' n. 246, Papa Francisco)

Mãe da vida,
no vosso seio materno formou-Se Jesus,
que é o Senhor de tudo o que existe. Ressuscitado, Ele transformou-
Vos com a sua luz e fez-Vos Rainha de toda a criação.
Por isso Vos pedimos que reineis, Maria,
no coração palpitante da Amazónia.
Mostrai-Vos como mãe de todas as criaturas,
na beleza das flores, dos rios,
do grande rio que a atravessa
e de tudo o que vibra nas suas florestas.
Protegei, com o vosso carinho, aquela explosão de beleza.
Pedi a Jesus que derrame todo o seu amor nos homens e mulheres
que moram lá, para que saibam admirá-la e cuidar dela.
Fazei nascer vosso Filho nos seus corações
para que Ele brilhe na Amazónia,
nos seus povos e nas suas culturas,
com a luz da sua Palavra, com o conforto do seu amor, com a sua
mensagem de fraternidade e justiça.
Que, em cada Eucaristia,
se eleve também tanta maravilha para a glória do Pai.
Mãe, olhai para os pobres da Amazónia, porque o seu lar está a ser
destruído por interesses mesquinhos.
Quanta dor e quanta miséria,

quanto abandono e quanto atropelo nesta terra bendita,
transbordante de vida!
Tocai a sensibilidade dos poderosos porque, apesar de sentirmos que já é
tarde, Vós nos chamais a salvar
o que ainda vive.
Mãe do coração trespassado,
que sofreis nos vossos filhos ultrajados
e na natureza ferida,
reinais Vós na Amazónia
juntamente com vosso Filho.
Reinais, de modo que ninguém mais se sinta dono da obra de Deus.
Em Vós confiamos, Mãe da vida! Não nos abandoneis
nesta hora escura.
Amém.
(Querida Amazonia n. 111, Papa Francisco)

3.4 Dicas extras

Ocasões especiais

Semana Laudato Si': 16 a 24 de maio

Campanha da Fraternidade: da Quarta-Feira de Cinzas até o final do ano litúrgico, com enfoque especial durante a quaresma

Tempo da Criação: 1 de setembro a 4 de outubro

Semanal Social Brasileira: iniciativa da CNBB, não é algo específico a uma data no calendário, mas um processo de reflexões com nova proposta temática a cada 2 anos

Recursos de oração e reflexão

Terço Laudato Si': https://docs.google.com/document/d/1CGZjn-q2W2E_2D2niGPX_FJlkGVqBhaY_RQABdUETqM/edit?usp=sharing

Rosário Laudato Si': <https://docs.google.com/document/d/1jtkDJsEo0ApEs8UHFV-gwXDOuOmxZlXds7a2chswZ4U/edit?usp=sharing>

Quaresma Laudato Si': <https://drive.google.com/file/d/1VyWt-VojUHDZ57BIDXIEgPqZixwScM7I/view>

Advento Laudato Si': <https://catholicclimatemovement.global/pt/advent-pt/>

Reflexões mensais do Movimento Laudato Si':

<https://laudatosimoviment.org/pt/laudato-si-circles-pt/>

Momento de Oração para o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação:

https://repam.org.br/wp-content/uploads/2020/08/folheto_oracao-3.pdf

Rede de Oração pelo Cuidado da Criação (para comunidades contemplativas religiosas e laicas): <https://laudatosipray.org/pt>

Músicas

Playlist no Spotify:

<https://open.spotify.com/playlist/136zZlpV2IMmhdwZPP4JxV?si=3a9dea424edd4e88>

Álbuns do Pe. Zezinho:

Coletânea de 50 Anos - Ecologia em Canção

https://open.spotify.com/album/2wjBXSueUcdBKUj0lbnL8T?si=eZqjzE4nRROPpHp4nbT9NQ&dl_branch=1

Oremos pela Terra

https://open.spotify.com/album/6x6KcXvlyWqsBfhKTVD3UR?si=oYaM9W_DSYiWHBK9c7Q9Xw&dl_branch=1

YouTube

Canal das Pastorais de Ecologia Integral

<https://www.youtube.com/channel/UC3G3PoFMFzaM5qeuG2srnjg>

Canal do Movimento Laudato Si' <https://www.youtube.com/channel/UCY-Sw2uTjra6lvRr-6XrwdQ>

Canal da REPAM Brasil <https://www.youtube.com/c/REPAMBrasil>

Canal do Conselho Indigenista Missionário

<https://www.youtube.com/c/ConselhoIndigenistaMissionario>

Canal do Verbo Filmes (produtora voltada para comunidades eclesiais católicas)

<https://www.youtube.com/user/verbofilmes>

4. Possíveis próximos passos para a Iniciativa Inter-religiosa pelas Florestas Tropicais

Dado este vasto panorama sobre a Igreja Católica e o cuidado com a criação, para pensar em estratégias de atuação junto ao catolicismo no Brasil é necessário levar em consideração a complexidade particular ao catolicismo sobre a diversidade de grupos, movimentos, congregações, conferências episcopais e linhas de pensamento. Apesar da união “universal”, como pretende seu nome, através da figura do Papa e da instituição com sede no Vaticano, são muitas as divergências internas, o que torna o diálogo bastante desafiador em certos casos.

Dentre essas particularidades sobre a Igreja Católica, existe um “senso comum” entre as pessoas católicas de que ela é a verdadeira Igreja instituída por Cristo, porém apesar disso o referencial teórico de grupos conservadores contrários às questões ecológicas costuma ater-se apenas a ensinamentos que datam da Idade Média. O próprio Concílio Vaticano II, que bateu na tecla da necessidade da Igreja Católica de voltar às fontes, foi malvisto por tais grupos. Por esta razão, as tentativas de diálogo com grupos conservadores devem adotar uma estratégia de respaldo na tradição da Igreja como prova de que o cuidado com a criação não é algo “esquerdista”, como costuma ser dito. Fazer uso das reflexões dos Padres da Igreja pode ser muito útil, pois remete aos primórdios da “verdadeira Igreja” e, portanto, fica mais difícil de ser refutado.

Em relação aos grupos que possuem engajamento pelo cuidado com a criação, o maior desafio é descobrir tudo que já existe e auxiliar no diálogo entre esses próprios grupos. É comum existirem iniciativas ambientais em paróquias ou grupos e movimentos, porém com pouquíssima visibilidade. A Igreja Católica das bases carece de maior comunicação interna e construção de pontes para que possam se fortalecer uns aos outros.

Alguns primeiros passos concretos para conhecer e fortalecer os laços com aqueles e aquelas que já atuam com o cuidado da criação:

- Realizar um levantamento das congregações religiosas no Brasil que têm ações e/ou iniciativas socioambientais e iniciar os contatos com lideranças
 - Ver as diversas ramificações internas dos Jesuítas (por ex. MAGIS e AFES), Franciscanos (por ex. SEFRAS, Combonianos, Scalabrinianos, Salesianos, Beneditinos, Irmãs da Misericórdia, Irmãs de São José, Irmãs de Notre Dame, Irmãs Clarissas, Carmelitas, Irmãos Vicentinos, Focolares, JPIC
- Realizar um levantamento das Pastorais de Ecologia Integral nas regiões de interesse
- Participar da Plataforma de Ação Laudato Si' e usufruir de contatos e recursos sobre a criação na perspectiva católica

Alguns primeiros passos concretos para buscar criar pontes com pessoas ainda distantes da preocupação com a criação:

- Realizar um levantamento de pregadores e palestrantes de grupos conservadores que se sensibilizam com as questões sociais em relação à fé e iniciar os contatos
 - Sugestões de grupos: Canção Nova, Comunidade Shalom, Renovação Carismática Católica, Sementes do Verbo
- Criar campanhas digitais de conscientização utilizando frases de santos, doutores da Igreja e Papas (sem ser Papa Francisco) sobre o cuidado da criação
 - É importante destacar a preocupação ambiental anterior ao Papa Francisco, para evitar a crítica comum de que o Papa Francisco está ligado à teologia da libertação como se isso fosse algo contrário à fé católica.
 - Nesse sentido, também é importante evitar que as campanhas fiquem parecidas com algo de uma ONG, como Greenpeace por exemplo. A possibilidade dos grupos mais fechados se disporem a pensar e dialogar sobre o cuidado da criação vai depender de sua identificação com a identidade católica que compõe o seu imaginário.

Uma vez estabelecido os primeiros contatos, uma abordagem seria criar espaços de encontro, mesmo que virtuais, para fomentar o diálogo. O diálogo deve sempre partir primeiro da escuta de quem está sendo convidado, entender quais são as suas premissas de fé e seus referenciais da prática do catolicismo. A partir daí será possível ir encontrando os caminhos para apresentar a criação como algo relevante dentro dos referenciais específicos da própria pessoa. Apesar dessa abordagem ser como um trabalho de formiga, é vantajosa pela força da conexão pessoal que surge nesses tipos de encontro. Posteriormente, tendo um grupo formado desses primeiros contatos com confiança e diálogo, será possível pensar em outras estratégias de engajamento mais abrangente, como eventos e materiais didáticos e pastorais, por exemplo. O principal, no entanto, sempre será a escuta. Da mesma forma que o Papa Francisco ressalta a escuta e a pertinência de cada local no processo de sinodalidade que ele tem resgatado para a Igreja Católica, as iniciativas de cuidado com a criação devem também prezar pela escuta para gerar processos sinodais – caminhos em união e partilha com um destino ou objetivo em comum.

Por último, cabe mencionar que há ainda muito mais em termos de orações, referências de santos e santas, reflexões, textos, discursos e mensagens pontifícios, documentos do Magistério, e práticas pastorais no contexto da Igreja Católica. É uma riqueza enorme que vale sempre ser revista e pesquisada para cada vez mais impulsionar e fortalecer o propósito de cuidar da nossa casa comum. Esperamos que este relatório seja uma boa porta de entrada para tamanha riqueza e com a devida contextualização para haja bom uso das informações.

5. Referências

- [1] Lista dos Doutores e Doutoradas da Igreja: São Gregório Magno, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Jerónimo, São Tomás de Aquino, Santo Atanásio, São Basílio Magno, São Gregório Nazianzeno, São João Crisóstomo, São Boaventura, Santo Anselmo, Santo Isidoro de Sevilha, São Pedro Crisólogo, São Leão Magno, São Pedro Damiano, São Bernardo de Claraval, Santo Hilário de Poitiers, Santo Afonso Maria de Ligório, São Francisco de Sales, São Cirilo de Alexandria, São Cirilo de Jerusalém, São João Damasceno, São Beda, o venerável, Santo Efrém, o sírio, São Pedro Canísio, São João da Cruz, São Roberto Belarmino, Santo Alberto Magno, Santo António, São Lourenço de Brindisi, Santa Teresa de Jesus (Ávila), Santa Catarina da Sena, Santa Teresa do Menino Jesus (Lisieux), São João de Ávila, Santa Hildegarda de Bingen, São Gregório de Narek
- [2] LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 27.
- [3] É o caso também de certos Padres dos séculos III e IV que serão abordados no próximo ponto.
- [4] ORÍGENES apud LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p.1.
- [5] CLEMENTE DE ALEXANDRIA apud LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p.29.
- [6] TERTULIANO apud LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 50.
- [7] VIGNE, Daniel, L'Homme, Image de l'Image d'après Origène in *Connaissance des Pères de l'Église*, 2013, p. 26.[
- [8] *Idem*.
- [9] IRINEU apud LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p.31.
- [10] CARTA À DIOGNETO apud LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 55.
- [11] ORÍGENES apud LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 80-81.
- [12] ORÍGENES apud LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 98.
- [13] IRINEU *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 82.
- [14] TERTULIANO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 95.
- [15] Sobre a relação entre patrística e gnose, ver RUBIO, *Unidade na Pluralidade*, 2011, p. 330-335.
- [16] RUBIO, *Unidade na Pluralidade*, 2011, p. 255.
- [17] GREGÓRIO DE NISSA *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 13.
- [18] *Idem*.
- [19] BASÍLIO MAGNO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 25.
- [20] CRISÓSTOMO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 28.
- [21] GREGÓRIO DE NISSA *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 28.
- [22] AGOSTINHO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 43.
- [23] GREGÓRIO DE NISSA *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 34; e CRISÓSTOMO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 25.
- [24] CRISÓSTOMO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 45. 25 CRISÓSTOMO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 40. 26 GREGÓRIO DE NISSA *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 40 e p. 36.
- [27] CRISÓSTOMO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 50.
- [28] CRISÓSTOMO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 72.
- [29] GREGÓRIO DE NISSA *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 99.
- [30] AGOSTINHO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 77; e ÉFREM *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 77.
- [31] CRISÓSTOMO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 77.
- [32] AGOSTINHO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 85.
- [33] *Idem*, p. 77.
- [34] AMBRÓSIO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 96; CRISÓSTOMO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 79; DOROTEU DE GAZA *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 73; AGOSTINHO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 81.
- [35] JOÃO DAMASCENO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 93.
- [36] CRISÓSTOMO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 93. 37 *Idem*, p. 95.
- [38] RUBIO, *Unidade na Pluralidade*, 2011, p. 97 e 332
- [39] *Padres Apostólicos*, Patrística vol. 1, Editora Paulus, 6a reimpr. 2014.
- [40] *Padres Apostólicos*, Patrística vol. 1, Editora Paulus, 6a reimpr. 2014.
- [41] *Padres Apostólicos*, Patrística vol. 1, Editora Paulus, 6a reimpr. 2014.
- [42] *Basílio de Cesareia*, Patrística vol. 14, Editora Paulus, 6a reimpr. 2014.
- [43] *Justino de Roma*, Patrística vol. 3, Editora Paulus, 6a reimpr. 2014

- [44] “Nem todas as leis são boas” (II Apol. 9, 4). Comunicação de Andre Luiz Rodrigues da Silva no 33o Congresso da SOTER, 2021. Disponível em < <https://soter.org.br/downloads/33CongrSoterCadernodeResumos.pdf>>
- [45] De Nabuthe, c.12, n. 53, PL 14, 747. Cf. J.R. Palanque, Saint Ambroise et l'empire romain, Paris, de Boccard, 1933, pp. 336ss.
- [46] AMBRÓSIO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 44; e NAZIANZENO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 44.
- [47] AMBRÓSIO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 60; e AGOSTINHO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 70.
- [48] AMBRÓSIO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 60. É interessante ressaltar que, nesta referência citada, apesar do reconhecimento da importância da mulher, Ambrósio a coloca em uma posição inferior, enquanto criada para a necessidade da procriação.
- [49] AMBRÓSIO *apud* LOUTH, Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture, 2001, p. 71.
- [50] Tradução nossa. Disponível em https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/angelus/1972/documents/hf_p-vi_ang_19721208.html
- [51] Tradução nossa. Disponível em https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/angelus/1974/documents/hf_p-vi_ang_19740728.html
- [52] Tradução nossa, disponível em https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/angelus/1976/documents/hf_p-vi_ang_19760704.html
- [53] Tradução nossa, disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790129_messico-cuilapan-indios.html
- [54] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800510_ouagadougou-africa.html
- [55] Tradução nossa. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1984/september/documents/hf_jp-ii_spe_19840912_pescatori-terranova.html
- [56] Tradução nossa. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1987/documents/hf_jp-ii_hom_19870611_gente-mare.html
- [57] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html
- [58] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html
- [59] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html
- [60] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1991/october/documents/hf_jp-ii_spe_19911016_pop-indigene.html
- [61] Tradução nossa. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/pont_messages/1992/documents/hf_jp-ii_mes_19921012_indigeni-america.html
- [62] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1995/documents/hf_jp-ii_apl_19950502_orientale-lumen.html
- [63] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_17031999_stella-maris.html
- [64] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/march/documents/hf_jp-ii_spe_19970324_ambiente-salute.html
- [65] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html
- [66] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/apr-jun/documents/hf_jp-ii_spe_20000525_ambassador-new-zealand.html
- [67] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2001/documents/hf_jp-ii_aud_20010117.html
- [68] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf_jp-ii_mes_20020625_xxiii-giornata-mondiale-turismo.html
- [69] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/food/documents/hf_jp-ii_mes_20021017_xxiii-world-food-day.html
- [70] Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2004/february/documents/hf_jp-ii_spe_20040225_fraternita.html
- [71] Disponível em https://www.vatican.va/holy_father/special_features/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_ecclesia-eucharistia_po.html
- [72] Mais informações em <https://ciclovivo.com.br/inovacao/negocios/bento-xvi-foi-o-papa-mais-sustentavel-da-historia/> e <https://pt.aleteia.org/2019/09/16/por-que-o-papa-bento-xvi-ficou-conhecido-como-o-papa-verde/>
- [73] Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20061208_xl-world-day-peace.html

- [74] Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2007/documents/rc_seg-st_20070322_giornata-acqua_po.html
- [75] https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070523.html
- [76] Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20071208_xli-world-day-peace.html
- [77] Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080418_un-visit.html
- [78] Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090826.html
- [79] Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20091208_xliii-world-day-peace.html
- [80] Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20111128_sorella-natura.html
- [81] Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstag-berlin.html
- [82] Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2011/documents/hf_ben-xvi_mes_20110216_fraternita-2011.html
- [83] Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130206.html
- [84] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20150717_messaggio-attivita-minerarie.html
- [85] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150806_lettera-giornata-cura-creato.html
- [86] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/april/documents/papa-francesco_20160424_villaggio-terra.html
- [87] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20160901_messaggio-giornata-cura-creato.html
- [88] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20161110_messaggio-cop22.html
- [89] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170215_popoli-indigeni.html
- [90] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170224_workshop-acqua.html
- [91] Tradução nossa. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/en/letters/2017/documents/papa-francesco_20170927_lettera-conferenza-ourocean.html
- [92] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html
- [93] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180609_imprenditori-energia.html
- [94] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco_20181213_messaggio-convegno-fao.html
- [95] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190322_messaggio-giornatamondiale-acqua.html
- [96] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190416_messaggio-common-seas.html
- [97] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200520_udienza-generale.html
- [98] Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200617_videomessaggio-personalemarittimo.html
- [99] Disponível em <https://thepopevideo.org/september-an-environmentally-sustainable-lifestyle/?lang=pt-br>
- [100] Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html
- [101] Disponível em <https://www.humandevlopment.va/es/risorse/documenti/aqua-fons-vitae-the-new-document-of-the-dicastery-now-available.html>
- [102] Mais informações disponíveis em <https://www.humandevlopment.va/es/progetti/wash-water-sanitation-higiene.html>

- [103] Disponível em português aqui: https://drive.google.com/file/d/1gVDSwMfDCGRMO_pZBR20LCBtmjjWUzKH/view além de mais informações estarem disponíveis no site em <https://migrants-refugees.va/es/personas-desplazadas-a-causa-de-fenomenos-climaticos/>
- [104] Mais informações em <https://plataformadeacaolaudatosi.org/>
- [105] Site oficial: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha-da-fraternidade>
- [106] <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1979>
- [107] <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1986>
- [108] <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1988>
- [109] <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1995>
- [110] <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade2002>
- [111] <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade2004>
- [112] <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade2007>
- [113] <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade2011>
- [114] <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/campanha-da-fraternidade-2016>
- [115] <http://perpetuosocorroaraucaria.com.br/data/documents/cf2017-textos-base.pdf>
- [116] <https://www.cptnacional.org.br/>
- [117] <https://cimi.org.br/>
- [118] Site oficial: <https://iglesiasymineria.org/>. Link para recursos didáticos e referências sobre ecoteologia: <https://iglesiasymineria.org/recursos-didacticos/> e <https://iglesiasymineria.org/ecoteologia/>
- [119] Site oficial para o Brasil: <https://repam.org.br/>
- [120] Alguns dos exemplos aqui são tirados do artigo “10 santos que nos inspiram a cuidar da criação”, do Movimento Laudato Si’, disponível em <https://catholicclimatemovement.global/pt/10-saints-whose-care-for-creation-still-inspires-us-today-pt/>
- [121] A Comissão Pastoral da Terra criou uma linha do tempo em seu site com os massacres no Brasil: <http://www.cptnacional.org.br/mnc/>
- [122] Vídeo do Movimento Laudato Si’ sobre Sikhosiphi Rhadebe: <https://www.youtube.com/watch?v=tgejhSIH6EA>
- [123] Vídeo do Movimento Laudato Si’ sobre Berta Cáceres: <https://www.youtube.com/watch?v=ffOkJluzDrU>
- [124] Vídeo do Movimento Laudato Si’ sobre Walter Méndez Barrios <https://www.youtube.com/watch?v=BHJBnegSV4c>
- [125] Vídeo do Movimento Laudato Si’ sobre o Irmão Paul McAuley <https://www.youtube.com/watch?v=nLQcjFsg3pk>

6. Referências adicionais

Livros

BERNABÉ, V. M. El buen convivir desde la cosmovisión aymara como alternativa frente a la descolonización. In: ANDRADE, P. F.; KUZMA, C. (Orgs.) Decolonialidade e práticas emancipatórias: novas perspectivas para a área de ciências da religião e teologia. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 45-54.

BOFF, Leonardo. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. Ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. O corpo dos pobres: uma visão ecológica. In: SOTER (Org.). Corporeidade e Teologia. São Paulo: Paulinas, 2005.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar. Ética do humano-compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAVALCANTI, T. M. P. A leitura popular da Bíblia e a V Conferência do CELAM. Atualidade Teológica, ano XI, no 25, janeiro/abril 2007. p. 76-103. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18583/18583.PDF>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2021.

GEBARA, Ivone. Teología cristiana de la Madre Tierra. Rede Ecclesia in America. Disponível em: <http://redeecclesiainamerica.usuarios.rdc.puc-rio.br/publicacoes/teologia_cristiana_de_la_madre_tierra.pdf>. Acesso em 8 de fevereiro de 2021.

GEBARA, Ivone. Teologia Urbana: Ensaio Sobre ética, Gênero, Meio Ambiente e a Condição Humana. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

LOUTH, A (ed). Genesis 1-11 – Ancient Christian Commentary on Scripture: Old Testament, Vol. 1. Downers Grove: InterVarsity Press, 2001.

MARZAL, M. M. (et. al.). O rosto índio de Deus. Petrópolis: Vozes, 1989. (Coleção Teologia e Libertação, Série VII, Tomo I)

MATOS, H. C. J. Ecologia e animais: ensaio a partir de uma indignação ética. Petrópolis: Vozes, 2015.

MURAD, Afonso (org). Ecoteologia: um mosaico. São Paulo: Paulus, 2016.

RUBIO, A.G. Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 5a ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SUSIN, Luis Carlos. A Criação de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003.

SUSIN, Luis Carlos (org). Nosso Planeta Nossa Vida: ecologia e teologia. São Paulo: Paulinas, 2011.

SUSIN, Luis Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. A vida dos outros: ética e teologia da libertação animal. São Paulo: Paulinas, 2015.

TAVARES, Sinivaldo S. Teologia da Criação: outro olhar – novas relações. Petrópolis: Vozes, 2010.

TRIGO, P. Criação e história. Petrópolis: Vozes, 1988. (Coleção Teologia e Libertação, Série III, Tomo II).

Artigos e sites

[Artigo Frei Ludovico, Ecologia nos Documentos da Igreja](#)

[Artigo site Comunhão e Libertação, Três Papas e a Casa Comum](#)

[Artigo Vatican News, A Criação no Magistério dos Papas](#)

[Sobre Bento XVI como “Papa verde”](#)

[Sobre Santa Hildegarda : 1, 2](#)

[Sobre São Felipe Neri: 1, 2, e sua oração de manhã, segundo Santo Afonso](#)

[Sobre Santa Kateri: 1, 2, 3](#)

[Diálogo Laudato Si' sobre Eco-mártires](#)

[SALVAÇÃO COMO NOVA CRIAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O TERMO RÚAH EM EZ 37,1-14](#)

[Teologia, Antropologia e Ecologia em Gn 1,1-2,4a](#)

[LEIS DEUTERONÔMICAS FAVORÁVEIS À PRESERVAÇÃO DE FAUNA E FLORA
Água nos salmos: Elementos para uma ecoespiritualidade](#)

[A ECOTEOLOGIA DO SANTUÁRIO CRISTO REDENTOR À LUZ DA ENCÍCLICA LAUDATO SI'](#)

[Os temas ecológicos nas Campanhas da Fraternidade](#)

[The Church Fathers and Two Books Theology](#)

[Caring for Creation \(recurso para liturgia, pregações e ações da Conferência Episcopal dos EUA\)](#)